

André Luiz da Silveira

RISO E SUBVERSÃO:
O cristianismo pela *Porta dos Fundos*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de mestre em Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Salma Ferraz

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silveira, André Luiz da Silveira
Riso e subversão : O cristianismo pela Porta dos Fundos
/ André Luiz da Silveira Silveira ; orientadora, Salma
Ferraz Ferraz - Florianópolis, SC, 2016.
214 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós
Graduação em Literatura.

Inclui referências

1. Literatura. 2. Riso, subversão, cristianismo. I.
Ferraz, Salma Ferraz. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. III.
Título.

AGRADECIMENTOS

Obrigado professora Salma Ferraz, por ter me orientado, apresentando-me tão vasta bibliografia e ser entusiasta da minha pesquisa. Além de sempre me estimular profissionalmente e, no decorrer desses dois anos, ter se tornado uma grande amiga.

Professora Silvana de Gaspari, por ter sido tão importante no meu processo de escritura da dissertação e definição da metodologia de pesquisa. Além das conversas e da amizade que foi se construindo nas disciplinas e fora da sala de aula.

Rafael Saldanha, meu amigo ateu mais abençoado e “tão pândego quanto Deus” (segundo ele), que me estimulou a entrar no mestrado, a permanecer no mestrado e a finalizar o mestrado, lendo e revisando todo o texto da dissertação.

Edmundo Gomes Junior (Joey), meu amigo paulista, que me apresentou a literatura academicamente e foi responsável pela minha transição das Artes Cênicas para a Literatura. E por sempre estar próximo, mesmo estando longe.

Pedro Queiroz, pelas conversas, pela troca de anseios em nossas vidas acadêmicas e amizade eterna.

Outros amigos, que não irei enumerar, que me aguentaram falando sobre o tema nesses dois anos.

Professores com quem tive o prazer de fazer disciplinas e que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

E, finalmente, com muito amor, dedico este trabalho aos meus pais, José e Rosilda, que sempre me apoiaram e apoiam em todas as empreitadas acadêmicas e artísticas, dando suporte emocional, psicológico e financeiro. Além do meu irmão Edson, sempre parceiro, e da pequena Lorena, sobrinha e afilhada.

RESUMO

Através dos vídeos humorísticos com temática cristã, de caráter subversivo, do grupo de humor na internet *Porta dos Fundos*, me proponho com esta dissertação investigara brecha que os humoristas do grupo identificam no texto bíblico, nas doutrinas e dogmas cristãos e no contexto sócio-político-religioso do país, para a criação dos esquetes virtuais. Para tanto, debruço-me sobre questões referentes ao riso e ao cristianismo, à afirmação e à subversão, os confrontos entre o riso e as manifestações humorísticas com temática cristã, os limites do humor e a análise das brechas em seis vídeos do grupo: *Especial de Natal (2013)*, *Dez Mandamentos*, *Bíblia*, *Deus*, *Cura* e *Pão Nosso*. A metodologia da pesquisa se deu através do aprofundamento dos conceitos de soleira e/ou confim e assinatura, respectivamente dos filósofos italianos Massimo Cacciari e Giorgio Agamben.

Palavras-chave: Riso. Subversão. Cristianismo.

ABSTRACT

Through humorous videos with Christian themes of subversive character, mood group on the Internet Porta dos Fundos, I propose to this thesis, investigate the breach that the comedians of the group identified in the biblical text, the Christian doctrines and dogmas and social context - political-religious country, for the creation of virtual skits. To this end, dwell on issues related to laughter and Christianity, affirmation and subversion, clashes between laughter and humorous events with a Christian theme, the limits of humor, and the analysis of gaps in six group's videos: *Especial de Natal (2013)*, *Dez Mandamentos*, *Bíblia, Deus, Cura* and *Pão Nosso*. The research methodology is given by deepening the threshold of concepts and / or border and signature, respectively of the Italian philosopher Massimo Cacciari and Giorgio Agamben.

Keywords: Laughter. Subversion. Christianity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A Santa Ceia em “South Park”	36
Figura 2: Episódio de Os “Simpsons”	37
Figura 3: Tim Tones, personagem de Chico Anysio	40
Figura 4: Cena do “O Auto da Compadecida”	42
Figura 5: C.R.E.N.T.E.S. “Tá no Ar: A TV na TV”	43
Figura 6: Hermanoteu na Terra de Godah do grupo	46
Figura 7: Tirinha do site “Um sábado qualquer”	48
Figura 8: “Deus é Humor” do Pastor Jasiel Botelho	49
Figura 9: “Especial de Natal”	102
Figura 10: Jesus tem dois pais	106
Figura 11: Gregório Duvivier como Jesus	114
Figura 12: “A Última Ceia” de Leonardo Da Vinci	115
Figura 13: Gregório Duvivier, “Especial de Natal”	117
Figura 14: Gregório Duvivier como Moisés	122
Figura 15: O povo que questiona Moisés	130
Figura 16: Gregório Duvivier como Pastor em “Bíblia”	134
Figura 17: Rafael Infante como “Deus”, no vídeo Deus	143
Figura 18: “Cura”	154
Figura 19: Imagens por conta da “Cura Gay”	156
Figura 20: “Pão Nosso”	166

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. RISO E CRISTIANISMO	25
1.1. MANIFESTAÇÕES HUMORÍSTICAS NO EXTERIOR.....	33
1.2. MANIFESTAÇÕES HUMORÍSTICAS NO BRASIL	38
2. A AFIRMAÇÃO E A SUBVERSÃO.....	51
3.UMA ABORDAGEM DO RISO PELA <i>PORTA DOS FUNDOS</i>. 57	
3.1 <i>PORTA DOS FUNDOS</i> : O COLETIVO DE HUMOR.....	60
3.2. A SOLEIRA DA PORTA DOS FUNDOS	63
4. BATENDO DE FRENTE COM A <i>PORTA DOS FUNDOS</i>	73
4.1. CONFRONTO ENTRE OLHARES: O ESPECTADOR.....	73
4.2. CONFRONTO ENTRE A CRENÇA E A NÃO CRENÇA: O ATEÍSMO 80	
4.3. CONFRONTO ENTRE AS LIBERDADES: DE EXPRESSÃO E RELIGIOSA.....	85
5. BRECHAS COMO PONTO DE PARTIDA PARA A CRIAÇÃO HUMORÍSTICA	93
5.1. “ESPECIAL DE NATAL”	102
5.2. “DEZ MANDAMENTOS”	121
5.3. “BÍBLIA”	134
5.4. “DEUS”	142
5.5. “CURA”	153
5.6. “PÃO NOSSO”	165
ESCATOLOGIA: POR UMA TEOLOGIA DO RISO.....	172
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	179
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS	183
REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS.....	185
ANEXOS	189

INTRODUÇÃO

*“Tudo é permitido, mas nem tudo convém.”
(1 Coríntios 10:23)*

*“Discordo do que você acredita e uso o humor pra mostrar isso.”
(Site Jesus Bêbado)*

Buscarei, nesta pesquisa, me debruçar sobre os vídeos disponíveis virtualmente do coletivo de humor *Porta dos Fundos*, especificamente os com temática cristã. A proposta é investigar de onde surge o estímulo para estas criações humorísticas, identificando, assim, a existência de uma marca recorrente que une todos os roteiros dos esquetes virtuais. Para isso, estabelecerei um paralelo entre o conteúdo dos vídeos selecionados com estudiosos e teóricos do riso, da teoria literária e da teopoética – estudos comparados de teologia e literatura.

Por ser graduado em Artes Cênicas¹ e ter uma carreira profissional como ator/humorista e dramaturgo/roteirista, predominantemente voltado para o humor, meu olhar acaba recaindo com frequência nos limites do riso. Acredito que pesquisar o humor no limiar do sagrado seja um caminho interessante para testar essas fronteiras e descobrir de que forma se pode fazer rir a partir de temas delicados, como no caso da religião. Já a escolha em trabalhar com o material criativo do *Porta dos Fundos* deve-se ao fato de os vídeos produzidos pelo grupo terem representatividade no assunto abordado, um número considerável de esquetes de humor com temática cristã disponíveis no canal do coletivo no *Youtube*, número expressivo de acessos nos vídeos postados, repercussão na mídia e sucesso instantâneo no Brasil e

¹ Graduação em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em 2004.

no exterior². Nos vídeos selecionados³, que são *Especial de Natal (2013)*, *Dez Mandamentos*, *Deus, Bíblia, Cura e Pão Nosso*, os redatores⁴ e criadores apostam na crítica ao cristianismo, a algumas passagens bíblicas e no humor como forma de levantar questionamentos pertinentes com o momento social, político e religioso vivido no país. A proposta do coletivo dialoga diretamente com a obra base de referência, a Bíblia, mas também podemos identificar algumas conexões com outros humoristas e escritores que abordam a mesma temática, como o grupo de comédia britânico Monty Python⁵, o americano George Carlin⁶, os criadores de *Os Simpsons*⁷ e *South Park*⁸, entre outros.

As reflexões que farei neste estudo estão diretamente ligadas aos limites do humor, ou a falta deles. Na última década,

² Nos primeiros seis meses no ar, foi atingida a marca de 30 milhões de visualizações no *Youtube*. No ano de 2014, o grupo migrou da internet para a TV a cabo (Canal FOX), onde os esquetes foram apresentados em formato de programa. Mas continuaram o trabalho semanal no canal no *Youtube* com novos vídeos e criando outros projetos paralelos para TV, teatro e internet. No mês de novembro de 2015, chegaram a 2 bilhões de visualizações no canal do grupo no *Youtube*.

³ As transcrições dos roteiros dos vídeos estão no Anexo.

⁴ Os redatores dos vídeos analisados nesta pesquisa são Fábio Porchat, Gregório Duvivier, Ian SBF e Antônio Tabet.

⁵ Monty Python é um grupo de comédia britânico. Foram os criadores e intérpretes da série cômica *Monty Python's Flying Circus*, um programa de televisão britânico. Entre os filmes produzidos pelo grupo estão *A Vida de Brian*, *O Sentido da Vida e Em Busca do Cálice Sagrado*.

⁶ George Carlin foi um humorista, comediante de stand-up, ator e autor norte-americano, vencedor de cinco Grammys. Morreu em junho de 2008.

⁷ *The Simpsons* é uma série de animação adulta e sitcom norte-americana criada por Matt Groening para a Fox Broadcasting Company. A série é uma paródia satírica do estilo de vida da classe média dos Estados Unidos.

⁸ *South Park* é uma sitcom americana criada por Trey Parker e Matt Stone para o canal Comedy Central. Destinado ao público adulto, o programa tornou-se infame por seu humor cruel, surreal e satírico.

com o crescimento dos shows de *stand up comedy* e a proliferação de canais humorísticos no *Youtube*, a utilização do humor de forma livre e deliberada foi alvo de fãs incondicionais, mas também de inúmeras críticas e processos judiciais. O termo *politicamente correto* e *politicamente incorreto* ficou em voga. Cada humorista/redator definia seu limite pessoal, estabelecendo *com o que* e *com quem* não se brinca. Aos que ultrapassavam esse tênue e pouco tátil limite restava arcar com as consequências de uma piada malfeita, ou mal interpretada. No caso de humor feito a partir de um livro considerado por muitos como sagrado – a Bíblia, as manifestações contrárias sempre estão presentes, levantando discussões acerca da liberdade religiosa e da liberdade de expressão. É importante ressaltar que o termo *politicamente incorreto* é compreendido como uma forma de expressão que procura externalizar os preconceitos sociais sem receios de nenhuma ordem, funcionando muitas vezes como um eufemismo para discurso de ódio. Ser politicamente incorreto gira em torno da premissa de que o *humor* apenas reafirma ideias preconceituosas e solidifica as bases de uma ideologia dominante. A respeito da origem do termo, costuma ser atribuída às chamadas *guerras culturais* nos anos 1970 e 1980, nos Estados Unidos. Tratava-se de um confronto entre a direita intelectual do país e os pensadores que propunham alternativas para tratar de assuntos envolvendo grupos socialmente subordinados. Com a postura da esquerda denunciando as concepções de preconceito e intolerâncias sociais presentes nas ciências e na cultura dos EUA, os grupos conservadores começaram a reagir de forma covarde, afirmando que existia ali uma *ditadura do politicamente correto* que estaria impondo, por meio de modismos, uma forma caricatural de se pensar, indo contra os princípios da liberdade individual.

Em *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil*, o autor Leandro Narloch nos provoca a respeito de um país com histórias “saborosamente desagradáveis” (2011, p. 26). No relato que segue, podemos identificar o cerne do que podemos compreender do termo *politicamente incorreto*, que está no título da obra, e que interessa nesta pesquisa:

Se este país quer deixar de ser café com leite, um bom jeito de amadurecer é admitir que alguns dos heróis da nação eram picaretas ou pelo menos pessoas do seu tempo. E que a história nem sempre é uma fábula: não tem uma moral edificante no final, nem causas, consequências, vilões e vítimas facilmente reconhecíveis. Por isso é hora de jogar tomates na historiografia politicamente correta. (...) Uma pequena coletânea de pesquisas históricas sérias, irritantes e desagradáveis, escolhidas com o objetivo de enfiar um bom número de cidadãos. (2011. p. 27)

O ponto de partida do uso do termo, no seu início, era político e social, e ainda hoje o é, porém, o choque entre liberdades hoje tem se destacado no âmbito de quem faz humor e quem o consome, fazendo assim com que os termos politicamente incorreto e politicamente correto continuem a ser vivenciados e discutidos.

A partir deste choque entre o correto e o incorreto, podemos também identificar outro contraponto: entre o sério e o cômico. George Minois, na introdução do livro *História do Riso e do Escárnio*, afirma que “o riso é um caso muito sério para ser deixado para os cômicos” (2003, p. 15). As observações a respeito do riso transcendem o ambiente humorístico. São inúmeros os estudos referentes ao riso, sua tradição e seus reflexos na modernidade. O intuito de pesquisar o riso está longe de se fazer piada ou tentar ser engraçado, mas sim investigar seriamente os meandros que o causam e a forma de lidar com o humor, sobretudo, num âmbito com limites tão controversos como o tema da religião. E utilizo aqui o termo religião e não teologia, por entender que pelo fato de os criadores dos esquetes do *Porta dos Fundos* se assumirem ateus, eles já possuem uma posição teológica: se manifestam como questionadores da ciência da verdade absoluta. Portanto, o trabalho crítico do grupo é no âmbito religioso e não no teológico.

Minois afirma que o riso “serve ao mesmo tempo para afirmar e parar subverter” (2003, p. 16), desta forma podemos estabelecer dois tipos de riso, o afirmativo e o subversivo. A partir da afirmação do autor, este estudo é pautado em uma das duas formas de riso apresentadas: o riso subversivo. Este tipo de riso, no caso do humor decorrente do texto bíblico, é fruto de manifestações humorísticas realizadas em sua grande maioria por ateus, onde o riso extraído do texto bíblico e da religião cristã é baseado na deformação do conteúdo original ou no apego às brechas do texto, situações inverossímeis, crítica a dogmas e/ou doutrinas e fragmentos famosos analisados sob uma perspectiva inusitada, transgressora e/ou criativa.

O humor cristão tende a utilizar o riso como forma de afirmação de suas convicções, vale-se de uma visão bem-humorada como forma de formação, informação e um olhar afetuoso, embora às vezes crítico, mas sem ser agressivo e sem denegrir as escrituras chamadas sagradas. Já o humor cristão feito por ateus, que gera o riso subversivo, vem de outro ponto de partida, subverte as histórias bíblicas para assim causar o riso. Da formação no humor cristão, passamos, no caso do humor ateu, ao que poderíamos chamar de um humor de deformação. Alguns são mais críticos, mais agressivos, e na grande maioria das vezes é nessa subversão que está pautada a busca pelo riso.

Mas para identificar se o humor é de formação ou deformação, a questão da interpretação é de fundamental importância nessa investigação. Cada um dos dois tipos de humor se utiliza de meios diferentes para interpretar as escrituras. Com isso, o resultado final – no caso do Porta dos Fundos, os roteiros e os vídeos – apresenta enfoque diferenciado, sendo mais crítico e zombador. As novas leituras dependem de um ponto de vista, de vontades diferentes e também de convicções religiosas. No livro *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo*, no capítulo “A Bíblia como obra literária: Hermenêutica literária dos

textos bíblicos em diálogo com a teologia”, Antônio Magalhães⁹ nos informa que:

Normalmente pessoas que leem a Bíblia somente com a visão teológica ou de suas confissões não se permitem reconhecer a variedade existente no texto bíblico. Priorizam o olhar doutrinário e unívoco, não a polissemia e oscilação dos personagens e das tramas. Assim como há críticos literários que preferem evitar o tema da religião como se isto significasse a perda ou o comprometimento da obra literária. (2009, p. 131)

O cristão que lê a *Bíblia* unicamente como texto sagrado (e não como literatura a ser investigada e questionada), tende a ter um comportamento de rebanho, ou seja, copia os outros sem questionar. O termo *rebanho* na Bíblia e nas religiões é utilizado para os seguidores de Deus, o que evoca uma aproximação do ser humano às ovelhas, que seguem o que lhes é ordenado pelo seu pastor. A partir desta reflexão, compreendo que a análise da Bíblia somente como teologia busca nas dúvidas, nas brechas narrativas, o fortalecimento da fé. Já com a investigação da Bíblia enquanto literatura, sem preceitos doutrinários envolvidos, as dúvidas são utilizadas como questionamento contínuo, investigação literária e, no caso da criação humorística, como meio para chegar ao humor. O preenchimento dessas brechas com um olhar interpretativo irônico-criativo, de forma diferenciada, divertida, exótica, inusitada e crítica, gera o riso – ou a indignação por parte de alguns quem veem a Bíblia somente como manifestação do sagrado.

Robert Alter, em *A arte da narrativa bíblica*, nos apresenta, através da análise do Antigo Testamento, mais

⁹ Antônio Magalhães possui doutorado em Teologia – Universitat Hamburg (1991). É professor titular da Universidade Estadual da Paraíba, onde trabalha no Departamento de Filosofia e Ciências Sociais e na Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade, do Departamento de Letras.

possibilidades de interpretação das tramas escritas e maior subsídio para analisar as lacunas de informação presentes nos escritos bíblicos. O autor afirma que: “Esmiuçar os personagens bíblicos como figuras de ficção permite ver mais nitidamente os aspectos contraditórios e as múltiplas facetas de sua individualidade humana (...)” (2007, p. 28). E é nessas contradições e preenchimentos de lacunas que vislumbro caminhos para o espaço humorístico, na Bíblia e a partir dela.

Além do humor que podemos criar e analisar a partir do texto bíblico, acredito ser interessante destacar uma discussão acerca da existência de humor na Bíblia, e não somente no olhar a partir dela. Há no livro dos Gêneses a passagem em que o Senhor fala a Abraão, de cem anos, que deve ter um filho com Sara, de noventa anos, e ela ri. “Sara desmentiu: ‘Eu não ri’, disse ela, porque tinha medo; mas ele replicou: ‘Sim, tu riste’”. (Gênesis, 18:15). A partir dessa passagem, Minois discute a respeito da interpretação:

Essas discussões ilustram toda a ambigüidade das interpretações da Bíblia. Quando colocamos a questão de saber se há humor na Bíblia, seria necessário distinguir entre o humor que acreditamos encontrar nela, com nossa sensibilidade atual, e o humor que os redatores voluntariamente aí colocaram, mesmo que isso não nos faça rir mais. (MINOIS, 2003, p. 113)

O humor que acreditamos encontrar nela, citado por Minois, seria um *olhar sobre* a obra, uma forma diferente de ler o texto, uma autopermissão em incluir o sagrado como instrumento dramaturgico, não o excluindo – pois ele é a base de toda a narrativa bíblica –, mas não negando que o texto foi escrito por pessoas diversas, em períodos distintos e que existe na escritura, na forma, no estilo, nas personagens e nas tramas, muito mais possibilidades do que uma teologia restritiva, em alguns casos, permite investigar. O olhar humorístico sobre a obra, mesmo de

forma subversiva, pode apresentar questões pertinentes e levantar possibilidades de conhecimento aprofundado do texto de referência que é alvo da paródia, da sátira, do humor, da zombaria ou do escárnio.

Por estar pesquisando um olhar diferenciado, dos dias atuais, diante de uma obra canônica, acredito ser pertinente buscar uma definição de contemporaneidade para dar suporte a esta investigação. O termo *contemporâneo* muitas vezes pode ser confundido com *moderno* ou *vanguardista*. Em *O que é o contemporâneo?*, Giorgio Agamben nos apresenta algumas definições a esse respeito:

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias, mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. (AGAMBEN, 2009, p. 59)

Sob esse olhar de Agamben, podemos questionar até que ponto nós somos contemporâneos dos textos bíblicos, ou eles é que são contemporâneos a nós? Sob a perspectiva de Agamben, ser contemporâneo é o ser criador que vive no agora, tem consciência de onde está, do seu tempo, tem capacidade de revisitar o passado, repensá-lo e projetar o futuro. Portanto, os redatores da Bíblia seriam contemporâneos por terem vivido no seu tempo, tendo consciência dele, revisitaram o passado e projetaram para o futuro, que chegou até nós. Eles são contemporâneos porque sua obra sobreviveu. Já nós, hoje, no século XXI, não saberemos se seremos contemporâneos, pois não sabemos hoje se criaremos obras com rizomas que sobrevivam ao tempo. Esta é uma forma de pensar a

utilização do termo *contemporâneo* que me parece interessante definir como conceito. Assim como, por exemplo, Dante Alighieri vê dentro do texto bíblico a possibilidade de sobrevivência de sua obra *A Divina Comédia* através da apropriação da Bíblia, os atuais criadores de humor pautados no texto bíblico podem se utilizar dessa mesma apropriação, tendo conhecimento sobre a obra base e, assim, quem sabe um dia serem contemporâneos do momento em que criaram. Pautado na definição de Agamben, acredito que esta não seja uma pesquisa sobre o humor na contemporaneidade, mas sim na modernidade a partir da criação dos nossos contemporâneos. Em outro trecho Agamben continua:

(...) o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de ‘citá-la’ segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder. É como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado, e este, tocado por esse facho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora. (2009, p. 72)

Ser contemporâneo, para Agamben, é criar algo que possa trazer uma reflexão a frente do seu tempo, mesmo que pautado em releituras do passado. Isto posto, conceitualmente o trabalho é desenvolvido a partir do texto contemporâneo – a Bíblia – e suas manifestações modernas a partir do texto de referência.

Nesta direção, o que proponho não é um estudo unicamente fixado no coletivo de humor *Porta dos Fundos*, mas tomo o trabalho do grupo como espinha dorsal e os seus vídeos elencados com temática cristã como ponto de referência. A partir da proposta do grupo e de seus vídeos, apresentarei a relação entre

cristianismo e riso, fazendo referências a outras manifestações humorísticas a partir do texto bíblico (filmes, seriados de televisão, peças de teatro, charges e manifestações virtuais) e também uma revisão bibliográfica acerca de autores que pesquisam o riso, a teoria literária e os estudos da teopoética e da religião.

Além disso, minhas leituras voltadas para o referencial teórico, se deram a partir dos conceitos de *assinatura e confirm e/ou soleira* dos filósofos italianos Giorgio Agamben e Massimo Cacciari, respectivamente, utilizando-os como fio condutor teórico e metodológico. Estes conceitos me permitiram delinear um pensamento concreto para identificar o preenchimento de brechas para a criação humorística. Os demais autores e teóricos, que cito e discorro sobre suas ideias, contribuíram para o desenvolvimento desta premissa central. Por se tratar de um objeto de pesquisa interdisciplinar, que flerta com diversas mídias, teorias e linguagens, a miscelânea também será constatada na própria bibliografia, para poder dar conta da diversidade e amplitude de conceitos e olhares. Transitei por teóricos do riso como Vladimir Propp, Henri Bergson, Luigi Pirandello, George Minois, Odília Ortiga Carreirão, passando por outros autores ligados à teopoética e religião como Umberto Eco, Robert Alter, Richard Dawkins, Harold Bloom, Antônio Magalhães e Salma Ferraz, além de demais estudiosos que me permitiram fazer contrapontos e agregar ideias ao fio condutor, como Julia Kristeva, Jacques Derrida, Friedrich Nietzsche, Antoine Compagnon, Linda Hutcheon, entre outros. Para utilizar as referências bíblicas, escolhi a Bíblia de Jerusalém, da editora Paulus, por se tratar da tradução mais utilizada na academia, embora, eventualmente utilize outra tradução para fazer contraponto de palavras, frases e ideias. Por se tratar de um objeto de pesquisa recente e moderno, utilizarei um número considerável de referências virtuais de blogs, sites e matérias de jornais, pois os registros críticos ainda estão restritos a resenhas de caráter jornalístico.

1. RISO E CRISTIANISMO

*“Não pronunciarás em falso o nome de Iahweh teu Deus,
porque Iahweh não deixará impune aquele que
pronunciar em falso o seu nome.”
(Êxodo, 20:7)*

No segundo dos dez mandamentos, anunciados pelo Senhor a Moisés, destacado na epígrafe, o humor subversivo está definitivamente destinado ao castigo eterno. Mas o fato de boa parte dos humoristas que fazem tais piadas se assumirem ateus, faz com que o trecho bíblico citado não seja encarado por eles como uma ameaça. Manifestar-se contrário ao pensamento e ideal cristão é uma escolha teológica, portanto, a desconstrução da ideia do sublime e do sagrado, faz do ateu um ser que pode não acreditar em Deus, mas sua postura está inserida num contexto cristão, independente da sua crença. Só se é ateu, pois a religião (ou a ideia de um Deus) existe. O humor subversivo com temática cristã existe para contrapor a afirmação na qual se discorda.

Desta forma, esse humor subversivo, bem como o riso de um modo geral, passou por diversos e contraditórios momentos no decorrer da história da humanidade: diabólico, catártico, festivo, irônico, unânime, relacionado à loucura, a morte e a salvação. Georges Minois afirma que:

(...) na segunda metade do século XX, o tom muda. O humor está na moda, o riso é de bom gosto. Na “sociedade humorística” contemporânea, ser desprovido de senso de humor é uma doença, quase um vício. De repente, todo mundo – a começar pelos crentes – redescobre o riso bíblico. (2003, p. 115)

Na nossa *sociedade humorística* brasileira atual, que assiste televisão e tem acesso à internet, diversos tipos de humor são criados, recriados, inventados e difundidos a cada ano que passa. É uma epidemia cada vez mais contagiosa, assim como uma

boa gargalhada. Alguns ambientes criativos são mais propícios para a utilização do humor que outros, como nas áreas relacionadas às artes, a comunicação, a publicidade, o entretenimento, o que faz das manifestações virtuais um caminho produtivo para a disseminação das criações humorísticas na modernidade.

O humor e o riso corroboram com a construção de uma visão de mundo, permitindo que através do riso se construa novos pontos de vista, exercício da imaginação e novas concepções de aspectos divinos e sua relação com o ser humano, sua fé e suas dúvidas. No que se refere ao humor e o riso ligados ao texto bíblico, não se trata de uma forma de fuga e afastamento do que está escrito na Bíblia, mas sim outro olhar sobre a obra literária – não somente sagrada, e a auto permissão de se questionar e aprofundar alguns conceitos a partir da leitura realizada através do humor. Na obra de Henri Bérgson: *O riso – ensaio sobre a significação do cômico*, o autor nos diz que não há comicidade fora do que é propriamente *humano*, e que o ser humano é um animal que ri, que faz rir e que é alvo do riso. O riso tem um caráter social e o homem está no centro dessa manifestação. Portanto, o homem é o fio condutor do humor e o seu riso – dele, do outro e sobre o outro – é uma forma de libertação.

Em *O nome da rosa*, Umberto Eco nos apresenta uma trama de assassinatos que gira em torno do segredo da existência de um segundo livro de Aristóteles sobre o riso, guardado na biblioteca de um mosteiro. O medo do discurso contido no livro faz com que se almeje a eliminação do mesmo, para assim extinguir o riso. Indagado por Guilherme sobre o que o assusta no discurso sobre o riso, Jorge, o responsável por proteger o livro, responde:

O riso é a fraqueza, a corrupção, a insipidez de nossa carne. É o folgado para o camponês, a licença para o embriagado (...) aqui a função do riso é invertida, elevada à arte, abrem-se-lhe as portas do mundo dos doutos. Faz-se dele objeto de filosofia, e de pérfida teologia. (...) este livro poderia ensinar que se libertar do medo do diabo é

sabedoria. (...) O riso distrai, por alguns instantes, o aldeão do medo. Mas a lei é imposta pelo medo, cujo nome verdadeiro é temor de Deus. (2009, p. 524-525)

No contexto da citação acima, o riso é visto como uma ameaça para a humanidade. O medo deve ser maior que o desejo de liberdade. A arte é vista como uma atividade que corrompe, é um entrave ao conhecimento e ao ato de questionar. No mesmo trecho o personagem continua:

E este livro, justificando como remédio milagroso a comédia, a sátira e o mimo, que produziriam a purificação das paixões através da representação do defeito, do vício, da fraqueza, induziria os falsos sábios a tentarem redimir (com diabólica inversão) o elevado, através da aceitação do baixo. (2009, p. 526)

O receio diante das obras de humor e o desmerecimento de manifestações humorísticas são recorrentes quando nos deparamos com críticas fundamentalistas aos vídeos do *Porta dos Fundos*, por exemplo, como veremos adiante nas análises individuais dos vídeos. O riso nos desvia para um caminho distante do que o senso comum acredita ser o correto, e gera desconforto e ameaça a ordem.

As discussões sobre se há ou não humor na Bíblia, se Jesus riu ou não riu, são infundáveis. Existem passagens que podem ser lidas com extremo humor, dependendo da forma como se interpreta e se deseja ler cada passagem, sobretudo, no Antigo Testamento. Alguns exemplos: Deus castiga com hemorroidas: “Porém a mão do Senhor se agravou sobre os de Asdode, e os assolou; e os feriu com hemorroidas, em Asdode e nos seus termos” (1 Samuel 5:6), que não deixa de ser uma punição deveras engraçada. O termo *hemorroidas* está na Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH), já na Bíblia de Jerusalém a tradução é menos humorística, *afligiu com tumores*. Quando Ló e sua família fugiam da

destruição de Sodoma e Gomorra, sua mulher olhou para trás, o que havia sido dito para não fazer: “a mulher de Ló olhou para trás e converteu-se numa estátua de sal” (Gênesis 19:26), outra atitude divina que gera o estranhamento e, para alguns, o riso, por transformar uma mulher em um condimento culinário. Bem como as filhas de Ló que o embebedam e dormem com o pai nos versículos seguintes. Situação assustadora e que pelo exagero se torna também risível é a passagem de quando Eliseu se vinga de garotos por o chamarem de calvo: “Eliseu virou-se, olhou para eles e os amaldiçoou em nome de Iahweh. Então, saíram duas ursas e despedaçaram quarenta e dois deles.” (2 Reis 2:24). Duas ursas devorando quarenta e dois garotos em nome do Senhor pode ser uma imagem devastadora, mas por ser tão *nonsense* acaba se tornando mais engraçada que terrível e fonte de paródias e piadas. As tramas rocambolísticas do Antigo Testamento, a sucessão de pragas do Egito no Êxodo, Elias e os profetas de Baal, o círculo vicioso de enganador e enganado de Jacó; animais que falam; Sara que ri quando o Senhor lhe disse que teria um filho com Abraão, e teve seu filho Isaac, que significa *aquilo pelo qual se ri*, são alguns dos diversos trechos nos quais podemos identificar traços de humor derivados de diferentes formas de surti-los.

O Novo Testamento não tem tantas passagens em que possam ser identificados o riso, como no Antigo Testamento, mas é possível elencar algumas situações. Em Marcos 14:51, um homem nu seguindo Jesus no momento de sua prisão no Horto das Oliveiras, que causa estranheza e incita o riso no Atos dos Apóstolos 19:13, um exorcismo que não deu certo, e o homem, dominado pelo espírito mau, bate com violência nos exorcistas.

Para alguns é difícil e incompreensível buscar e, muito menos, encontrar humor na Bíblia. De acordo com Harold Bloom, “a falta de senso de humor dos crentes e exegetas tem sido sempre – e permanece até hoje – a maior barreira à compreensão de J.” (1992, p. 24). Não se permitir encontrar humor nas passagens bíblicas pode ser um obstáculo para a compreensão dos textos.

Vladimir Propp, em sua obra intitulada *Comicidade e Riso*, nos apresenta um princípio interessante que pode ser ajustado ao estudo literário da Bíblia:

Este princípio é conhecido há muito e foi chamado de *quiproquó*, o que significa “um em lugar do outro”. Sobre ele baseia-se o motivo, extremamente comum nas antigas comédias, do disfarce, da ação em lugar de outrem, onde um é trocado por outro. E nas ações costumam acompanhar o engano. (1992, p. 145)

Esse *quiproquó* citado por Propp pode ser observado na obra de diversos dramaturgos¹⁰. A partir desta referência, podemos estabelecer uma relação direta com o livro do Gênesis na Bíblia, onde o engano e as histórias rocambolescas remetem ao *quiproquó*. No artigo *É certo que riste: Humor no cristianismo*, Salma Ferraz nos apresenta um resumo enfático a respeito do ciclo do enganador e do enganado nas tramas do início da Bíblia:

A serpente enganou Eva, que enganou a Adão que acusou Eva que acusou a Serpente. Sara riu da promessa de HHVH lhe dar um filho na sua velhice. Jacó enganou Isaac, roubou a primogenitura de seu irmão Esaú e se fez passar por ele perante o seu pai. Mais tarde Jacó é enganado por Labão que lhe dá como esposa Lia no lugar da amada Raquel. As matriarcas disputam a atenção sexual do Patriarca colhendo Mandrágoras, uma espécie de Viagra da época. O Patriarca também é enganado por seus filhos,

¹⁰ Algumas obras em que podemos identificar os *quiproquós* citados por Vladimir Propp: *O inspetor geral* de Gogol, *O anfitrião* de Molière, *Sobrenome cavalari* de Tchekhov e *Muito barulho por nada* de Shakespeare, no qual o título do último dá ideia dos meandros e desfechos que os *quiproquós* causavam.

liderados por Judá que vendem José como escravo para mercadores do Egito. José do Egito engana seus irmãos ao não se revelar para eles. Judá engana sua nora Tamar ao não dar seu terceiro filho como esposo para esta, desrespeitando a lei do Levirato. Tamar por sua vez engana a seu sogro e agora viúvo Judá, disfarçando-se por uma meretriz e tendo um filho dele, o que lhe vai garantir sua descendência. (Escritos Luciféricos, 2014, p. 122 e 123)

A partir da perspectiva desse compacto de ações, citado acima, o livro do Gênesis poderia então se enquadrar na definição de *quiproquó* apresentado por Propp, partindo do princípio que o *quiproquó* se baseia no engano.

É interessante perceber a possível existência de humor no texto bíblico, mas o enfoque aqui não será identificar o humor que está na Bíblia, mas sim o humor que nós, no século XXI, conseguimos absorver das escrituras, em diferentes perspectivas. Aí entra a questão do contexto. “Extraordinária flexibilidade da Bíblia, com a qual se pode fazer qualquer coisa. Basta escolher suas citações para justificar tudo e seu contrário” (MINOIS, 2003, p. 115). Com essa citação de Minois, podemos perceber que tudo depende de um contexto (tanto histórico, geográfico, pessoal, religioso) e a necessidade de utilizar os versículos escolhidos a seu favor. Qualquer pedaço de texto retirado de seu contexto pode gerar infinitas interpretações, e isso acontece tanto com a Bíblia como em uma entrevista dada por uma celebridade a uma revista sensacionalista. Versículos fora do contexto, tanto podem ser utilizados por pastores diante do seu rebanho, como por humoristas diante de suas obras criativas e transgressoras.

Vladimir Propp apresenta uma questão referente à dificuldade de compreender por que uns riem e outros não, o que interessa no aspecto do olhar do leitor-observador em obras de humor bíblico:

A dificuldade está no fato de que o nexo entre o objeto cômico e a pessoa que ri não é obrigatório e nem natural. Lá, onde um ri, o outro não ri. A causa disso pode residir em condições de ordem histórica, social, nacional e pessoal. (1992, p. 31 e 32)

O riso depende de identificação pessoal, proximidade com o conteúdo, compreensão do contexto, e uma série de outros fatores. Ainda segundo Propp “o riso é a punição que nos dá a natureza por um defeito qualquer oculto ao homem, defeito que se nos revela repentinamente” (1992, p. 44). Esta revelação e a apropriação deste defeito de forma bem-humorada, gera a criação que almeja o riso.

O livro *God Is Disappointed in You* (*Deus Está Decepcionado Com Você*, em tradução livre) é uma versão irônica da Bíblia que chamou a atenção no Comic-Con, 2014, em San Diego¹¹. Escrita pelo autor Mark Russell e ilustrada pelo cartunista Shannon Wheeler, a publicação resume todos os livros bíblicos em poucas páginas, "poupando os leitores de genealogias intermináveis e da linguagem rebuscada para explicar apenas o essencial de cada história", segundo as palavras do autor em uma matéria publicada pelo site UOL. Cada livro bíblico também vem acompanhado de um *cartoon* ilustrativo. Em entrevista ao site, o autor afirma que muitas pessoas falam a respeito da Bíblia, mas nunca sequer leram o livro inteiro e ressalta que “tem aquelas (pessoas) que usam os versos para apoiar seus pensamentos e para

¹¹ A *San Diego Comic-Con*, *Comic-Con International: San Diego* ou apenas *Comic-Con* é um evento que ocorre durante quatro dias no verão em San Diego, Califórnia, Estados Unidos, no San Diego Convention Center. Originalmente o evento abordava revistas em quadrinhos conhecidos localmente como *comics*, ficção científica, filmes e televisão, mas com o passar dos anos a convenção expandiu seu escopo e começou a incluir alguns elementos da cultura pop como anime, mangá, animação, brinquedos, vídeo-games, séries de televisão, livros de fantasia e outros.

justificar todo tipo de perseguição. O livro ajuda essas pessoas a ir direto ao essencial”. Já o ilustrador diz que o livro chamou a atenção de muitas pessoas que nunca tiveram paciência para lê-lo e que “o importante é que as pessoas entenderam que não estamos ridicularizando as escrituras, mas tornando-as acessíveis para religiosos e não religiosos com uma linguagem contemporânea”. O site de notícias entrevistou um pastor batista que estava presente no debate sobre o livro. Mike Parnell foi categórico ao afirmar a importância de manifestações do gênero, afirmando inclusive a importância da cultura pop e revelando seu ponto de vista no que se refere à essência do que ele acredita. Sobre o livro, ele afirma:

É um livro que promove o diálogo, e muitos religiosos não estão abertos a isso. Eu vejo por meio desse livro o que muitas pessoas se recusam a ver. A igreja tem machucado muita gente ao longo dos anos. E esse não é nosso papel. A igreja é um local de acolhimento e amor. Quando você diz que está certo e que o outro está errado, não há diálogo. Tem gente mais preocupada em impor seu ponto de vista que transformar as pessoas em discípulos de Cristo. Há uma diferença entre ser bom e estar certo.¹²

O humor a partir de temáticas bíblicas pode promover o diálogo, levantar questionamentos, buscar caminhos e compreensão a pontos de vista diferentes. São diversas as formas de se utilizar o texto bíblico como humor, mas também são diferentes as formas de reagir ao conteúdo criativo criado. É importante estar aberto para releituras, desdobramentos e

¹²

evoluções. O diálogo não é sinônimo de concordância, mas pode ser um meio de ampliar conhecimentos, compreender a visão do outro mesmo sem concordar e fortalecer seu ponto de vista conhecendo melhor o ponto de vista contrário.

A criação humorística a partir da temática bíblica se manifesta em meios diversificados, como no cinema, em seriados de televisão, em peças de teatro, na literatura e em manifestações virtuais. Portanto, irei apresentar um breve panorama de algumas manifestações humorísticas a partir do texto bíblico e do cristianismo. Para isto, dividirei esse panorama em duas partes. Primeiramente, manifestações no exterior, que muitas vezes são tomadas como ponto de referência e estímulo para criações no Brasil. E, na sequência, manifestações humorísticas nacionais.

1.1. MANIFESTAÇÕES HUMORÍSTICAS NO EXTERIOR

Na década de 1970, na França, o semanário de opinião *Hara-Kiri* fora proibido de circular por blasfemar a figura do Presidente da República na capa do jornal. No artigo intitulado *De que maneira o riso pode ser considerado subversivo?*, no livro *Imprensa, Humor e Caricatura: As questões dos estereótipos culturais*, o autor Alain Deligne nos apresenta o comunicado feito pela equipe no jornal na época, que nos faz pensar a respeito da censura no humor e nas questões referentes ao gosto:

Os que nos censuram, os que fingem nos defender “por princípio”, fazendo ostensivamente caretas de desgosto, proclamam precisamente com isso, sua estreiteza de espírito (...) Recusamos a quem quer que seja o direito de censurar qualquer obra de humor, em nome dos bons costumes ou do bom gosto. O gosto é uma coisa essencialmente pessoal. A experiência mostrou que aquilo que chamamos de bom gosto é apenas conformismo (...) Só o público deve ser juiz. Não se pode lhe impor uma escolha

em nome de uma regra moral, “estética”, ou de “conveniências”. Acusar o *Hebdo Hara-Kiri* de mau gosto e pornografia (o ministro do Interior falou até em “sadismo”), enquanto florescem tantas publicações (...) dedicadas (...) ao erotismo mais licenciosos, aos fatos sangrentos, enfim, ao embrutecimento das massas, isso é o cúmulo. (2011, p. 35 e 36)

No relato acima, podemos identificar que na França de 1970 já existia um embate entre humoristas com a política e a moral. As caricaturas foram, durante este período, uma ferramenta de humor, mas também de protesto. O riso estava ligado à necessidade de se expressar e de questionar valores, gostos e visões de mundo. No mesmo artigo, Alain Deligne nos diz que “(...) para ser eficiente, a sátira não necessita apenas do talento do artista. Ela depende igualmente de um público que saiba apreciar as agressões maldosas e perceber as alusões” (2011, p. 36). O expectador, o leitor, na década de 1970 é diferente do público de hoje, mas as questões referentes à recepção das obras, ainda hoje, continuam polêmicas.

No cinema, temos alguns filmes que investiram no humor permeado por temas cristãos, como os filmes *Jesus Christ Superstar*, um musical de rock de Andrew Lloyd Webber, com texto de Tim Rice (1970), que apresenta a vida de Jesus de forma diferente, por se tratar de um musical e também por investir em uma linguagem mais moderna e menos fiel à Bíblia; e o britânico *A Vida de Brian (Life of Brian)* do Monty Python (1979), que transita entre a genialidade e a blasfêmia, dependendo do ponto de vista adotado para a análise, apresentando a vida de Brian, que nasceu no mesmo dia que Jesus e tem sua trajetória confundida com a do Messias até a crucificação. Em *A história do mundo –*

Parte I, o cineasta Mel Brooks¹³ apresenta de forma bem-humorada o que aconteceu “de verdade” através dos tempos, entre estes eventos, há algumas sátiras de passagens bíblicas, como o recebimento dos dez mandamentos e a abertura do mar vermelho por Moisés.

No teatro, temos uma situação inusitada. Em 2012, na Universidade de Columbia, foi criado um espetáculo musical que conta a história de Jesus Cristo, sua vida, morte e ressurreição, através das músicas de Britney Spears: *Spears the musical: The gospel according to Britney*. Pensar a imagem que se tem da cantora Britney Spears, como uma artista sensual, polêmica e ousada, faz da ideia algo inicialmente contraditório que gera desconforto, com uma sensação de subversão e de possível humor nas entrelinhas. Porém, segundo matéria no site G1:

De acordo com o release oficial do espetáculo, “nenhuma palavra é dita e nenhuma letra é alterada, tecnicamente fazendo do musical uma ópera”. Segundo seu autor, Pat Blute, não há qualquer desrespeito ao usar canções como “Stronger”, “Baby one more time” e “Crazy” para narrar o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus.¹⁴

Na TV, alguns seriados se apropriam de temas bíblicos em alguns de seus episódios. É o caso de *South Park* (que também há em filme, com temática referente à teologia), que utiliza em seus enredos parábolas baseadas em religião, sobretudo, com o

¹³ Mel Brooks, nome artístico de Melvin Kaminsky, (Nova Iorque, 28 de junho de 1926) é um ator e cineasta norte-americano de origem judaica. Foi o vencedor do Óscar em 1968 pelo filme *Primavera para Hitler* (que refilmou em 2005), além de diversas outras indicações.

¹⁴ Disponível em: <<http://g1.globo.com/musica/noticia/2013/11/musical-sobre-cristo-com-musicas-de-britney-busca-chance-na-broadway.html>>, acessado em 10/12/2015.

personagem Eric Cartman, que no site da série é descrito como **“egocêntrico, racista, preconceituoso e anti-semita** e sem medir esforços critica diversas classes sociais e religiões. Ele **odeia hippies**, odeia **judeus**, odeia **mexicanos**, entre outros, e tem a sua figura baseada em **Adolf Hitler**” (negrito do site).

Figura 1: A Santa Ceia em “South Park”.

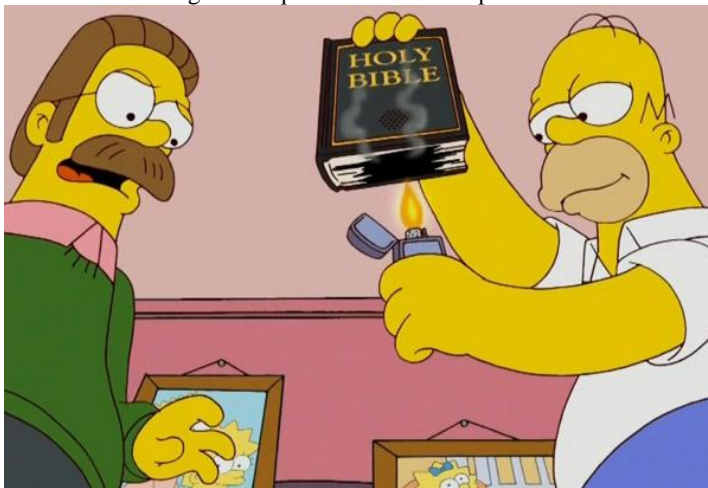


Fonte: Disponível em https://carlosrelva.files.wordpress.com/2010/01/08_south_park.jpg acessado em 01/06/2015

Family Guy (*Uma Família da Pesada*, no Brasil) é um seriado norte-americano criado por Seth Macfarlane que explora uma linguagem irreverente, cria momentos hilariantes com material improvável, onde nada é sagrado e piadas e sátiras podem ser feitas sobre quase todos os assuntos. Alguns de seus episódios são “estrelados” por Jesus Cristo e Deus.

Outro *sitcom* norte-americano importante é *Os Simpsons*, criado por Matt Groening. Em um clima de humor politicamente incorreto, crítico e irônico, *Os Simpsons* apresenta uma família religiosa estadunidense. No decorrer das temporadas, diversos episódios tratam do tema religião com humor cáustico e subversivo.

Figura 2: Episódio de Os “Simpsons”.



Fonte: Disponível em <http://1.bp.blogspot.com/-pAAj4LHPXL4/UQGpmDuKomI/AAAAAAAAAR6s/1Nb8duCwHo/s1600/68f58f1889954bc29933503ec7a3abc0_XL.jpg> acessado em 02/06/2015

No livro *O Evangelho segundo os Simpsons*, de Mark I. Pinsky, o autor ironiza dizendo que “Deus atende todas as orações. O problema é que de vez em quando a resposta é não”. (2012, p.18), citação que resume o espírito dos criadores da série quando o assunto é religião. No livro, o autor analisa os hábitos cristãos dessa excêntrica família. Ele descreve quando identificou a relação entre o humor e a religião no seriado:

Você consegue encontrar Deus nos lugares mais engraçados. Reinhold Niebuhr disse que o humor é o prelúdio da fé e a risada é o começo da oração. Ou como disse Conrad Heyers: “se o humor, sem a fé, pode se tornar cinismo e falta de esperança, a fé, sem o humor, dissolve-se em arrogância e intolerância”. Após quase uma década sintonizando o premiado seriado, eu consegui encontrar Deus, fé,

espiritualidade, com abundância, em *Os Simpsons*. (PINSKY, 2012, p. 13)

No decorrer do livro, o autor cita algumas falas dos personagens que geram graça a partir das suas reflexões, como “o que seria da religião sem os feriados?”; “se Deus quer que as pessoas o adorem uma hora por semana, então deveria ter feito a semana com uma hora a mais”; “eu lembro de uma doce criatura que veio dos céus; veio em paz e morreu, voltando depois para o céu. Seu nome era E.T. o extraterrestre. Eu adorava esse rapazinho”, entre outros. Pinsky cita o produtor executivo do seriado Mike Scully: “É mais difícil satirizar que debochar, é mais difícil ainda satirizar alguém invisível” (ibidem).

1.2. MANIFESTAÇÕES HUMORÍSTICAS NO BRASIL

No livro *Raízes do riso – a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*, o autor Elias Thomé Saliba nos apresenta uma série de manifestações de humor num período onde os veículos de difusão eram outros e completamente diferentes dos analisados neste trabalho.

No século XIX, surgiram as revistas humorísticas e com os avanços das técnicas de impressão e reprodução, as tiragens aumentaram e o público leitor também, podendo, assim, difundir o material de humor criado, sobretudo, nas três últimas décadas do século XIX. Existiam as revistas semanais que exploravam o recurso humorístico, com dias específicos para as devidas tiragens, bem como o *Porta dos Fundos* com suas postagens de vídeos em dias fixos, embora em veículos completamente distintos. Já naquela época existiam alguns problemas decorrentes do que era chamado de “bom riso” e “mau riso”. O autor afirma que havia uma “intolerância dos circuitos da cultura culta em relação ao cômico, quase sempre associada ao degradante, ao agressivo, quando não ao erótico, ao obsceno ou ao escatológico” (SALIBA, 2002, p.43). Assim como hoje existe uma dificuldade de

estabelecer fronteiras com relação à liberdade criativa, naquela época já existia essa problemática:

Embora fosse difícil estabelecer uma fronteira, já que ela implicava um exercício de distanciamento do sujeito – exercício já quase impossível no século do romance engajado e do mergulho naturalista -, de qualquer modo o cômico tolerado era aquele que provocava o “bom riso”, aquele que não exprimia rancor, que não se dirigia contra “algo” ou “alguém” em especial, aquele que não degradava o objeto risível. (SALIBA, 2002, p.46)

A partir dessa contextualização do autor, podemos identificar que o humor aceitável naquele período era de afirmação e não de subversão. Passado mais de um século, o chamado “mau riso”, o riso crítico, fora dos padrões de comodidade e questionamentos, ainda é alvo de críticas, desconfortos e desprezo por parte dos mais conservadores. Em 1911, um ensaio do frei Pedro Sinzig, citado por Saliba, demonstra algumas características que ainda se alastram na sociedade brasileira, passados um século. Ele se manifestava “contra as revistas ilustradas a serviço do demônio, o remédio são as revistas ilustradas a serviço de Deus” (2002, p. 112). Essas manifestações contrárias às ilustrações, poderiam tranquilamente fazer parte de um discurso fundamentalista a respeito dos vídeos com temática cristã do *Porta dos Fundos*. Passaram-se décadas, mas algumas referências do que é um “bom riso” e um “mau riso” continuam vigentes e suscitando discussões, contrariedades, identificações e questionamentos.

Chico Anysio, humorista brasileiro renomado, falecido em 2012, criou alguns personagens que se utilizavam de questões referentes à religião para suscitar o riso. O mais famoso deles é Tim Tones, uma paródia de pastores evangélicos, cujo único interesse era arrecadar ofertas. O nome do personagem faz referência a Jim Jones, um psicopata fanático religioso americano, que organizou um suicídio em massa no ano de 1978. Com os

bordões “Podem correr a sacolinha” e “Que a paz de Tim Tones esteja em todos os lares”, o pastor dava o golpe em seus seguidores. Em um episódio do programa *Chico Anysio Show*, em 1984, o personagem apresenta o Carnê da Felicidade Tim Tones, prometendo através da voz de crianças sorridentes: “Enterro de primeira. Os mais belos túmulos. Seis coroas semanais. Ou se preferir cremação completa com cinzas ao mar. Missa cantada no sétimo dia e velas diárias por um ano. Nenhum ou pouco purgatório. Reencarnação garantida. Carnê felicidade, a felicidade em nossas vidas”. O humorista fazia uma crítica dura e era extremamente sarcástico. Se fosse transmitido em TV aberta hoje, como foi na década de 80, certamente ele teria grandes problemas.

Figura 3: Tim Tones, personagem de Chico Anysio.



Fonte:

Disponível

em

<<https://linksonoro.files.wordpress.com/2012/03/tim-tones.jpg>>, acessado em 02/06/2015

Outro personagem de Chico Anysio era Padre Miguel, um religioso que fazia qualquer coisa para atender seus fiéis e ajudá-los a se livrar das artimanhas do demônio. Além de dois

personagens que transcendem o âmbito do cristianismo, que são Painho, um pai de santo homossexual, e Véio Zuza, um preto velho. Interessante ressaltar que Chico Anyasio se dizia ateu.

Ariano Suassuna é um autor que se aventurou a escrever acerca desta temática. Sua peça de teatro *O Auto da Compadecida* foi escrita originalmente em 1955, em forma de auto, em três atos. Sua primeira encenação foi em 1956, em Recife, Pernambuco. Posteriormente, houve nova encenação em 1974, com direção de João Cândido. Décadas mais tarde, foi transformada em seriado, na Rede Globo, e filme, derivado do programa televisivo. O tema da religiosidade é muito forte na obra, que se passa numa cidade do interior e é baseada no conceito citado anteriormente, de Propp, a respeito do *quiproquó* e os enganos dos personagens Chicó e João Grilo. Por conta desses enganos, boa parte dos personagens morre e vai para um julgamento diante de Jesus, do Diabo e da Compadecida Maria, mãe de Jesus, onde se travam diálogos espirituosos e divertidos com personagens bíblicos, colocando em cheque a vida que cada um levou, incluindo um padre e um bispo. Suassuna ainda ousou em criar um Jesus negro, utilizando de ironia e senso crítico na concepção de um personagem que já sobrevive no imaginário popular com outras características físicas.

Figura 4: Cena do seriado e filme “O Auto da Compadecida”.



Fonte: Disponível em <<http://jimbozine.com.br/cafe-com-drops/cinera/0-auto-da-compadecida-filme-retrata-o-nordeste-com-irreverencia-e-criatividade/227>>, acessado em 03/06/2015

No ano de 2014, estreou na Rede Globo o humorístico *Tá no Ar – A TV na TV*, que ousou em tratar de temas relacionados à religião em um canal de TV aberta. Entre os vídeos que causaram repercussão, podemos citar “C.R.E.N.T.E.S”, uma paródia do seriado americano “F.R.I.E.N.D.S.”, onde os personagens são cristãos, a plateia (claque) ri dos exageros e exclamações utilizados pelas personagens como “Aleluia” e “Porque pai, por quê?”, banham-se em uma fonte com referência ao batismo, satirizando a abertura original do programa, e, munidos com bíblias nas mãos, criticam o dízimo e os “10% para o pastor”.

Figura 5: C.R.E.N.T.E.S. no programa “Tá no Ar: A TV na TV”.



Fonte: Disponível em <<http://naoacredito.blog.br/wp-content/uploads/2014/05/crentes.jpg>>, acessado em 04/05/2015

Outro quadro realizado foi o “Rap Muito Boa Nova”, com o intérprete JC de Nazaré, do álbum “Antes da Cruz” e gravadora “Quatro Pregos Records”. Neste clipe, Jesus canta em meio aos discípulos e mulheres com roupas da época e, através do rap, conta de forma moderna suas histórias. Neste trecho, o personagem JC canta:

(...) caminho sobre as águas, equipamento não levo, muito antes de ser moda eu fiz *stand up paddle*. Transformo água em vinho, sou chamado pros eventos. Se tem pouco peixe, eu multiplico os alimentos. Não sou o dono do mundo, mas sou filho

do dono. Humilde carpinteiro, sou um rei sem trono.¹⁵

No trecho citado, podemos observar o humor moderno baseado nos textos bíblicos originais. Entre outros quadros, com humor ligado à religião, foram apresentadas sátiras de músicas infantis com “A Galinha Preta Pintadinha”, “A Galinha Convertidinha” e o comercial do plano de saúde “Unimedium”. Na segunda temporada, foi apresentado o quadro “Barracos da Bíblia”, um programa de auditório sensacionalista na época bíblica. Em um dos episódios apresenta a relação difícil entre Noé e sua esposa, e o tema do dia do programa é “Meu marido gosta mais de bicho do que de mim.”, e, em outro episódio, a esposa de Lázaro reclama que ele some e fica se fingindo de morto, e, na plateia, há uma caravana de Cafarnaum. Ambas as cenas criadas a partir dos episódios bíblicos – Arca de Noé e ressurreição de Lázaro.

Já em 2015, houve uma reformulação no programa *Zorra Total*, na Rede Globo, e reestreadam sob o nome somente de *Zorra*. Como o diretor Maurício Farias e o redator final Marcius Melhem são os mesmos de *Tá no Ar: A TV na TV*, o programa também atreveu-se a brincar com a temática cristã. Em um quadro exibido no dia 14 de novembro de 2015, Jesus é interrogado em uma delegacia para explicar a quantidade de peixes e pães na sua bagagem, pois configura contrabando. O delegado manda prendê-lo e Jesus diz “Perdoai-vos pai, eles não sabem o que fazem” e o delegado esbraveja: “Mas playboy é tudo igual, sempre apela pro papai, pede pro papai”. Em outro vídeo, Jesus apresenta currículo em uma empresa para a vaga de novo Messias. Para a vaga, ele é perguntado sobre os milagres que já fez e sobre seus sonhos. Respondendo ao sonho que tem, Jesus diz: “Eu gostaria de dividir a linha do tempo em antes de mim e depois de mim”. Os roteiros não tendem a ser agressivos, mas colocam o personagem bíblico

¹⁵ Transcrição do vídeo disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/ta-no-ar-a-tv-na-tv/v/muito-boa-nova-de-jc-de-nazare/3274125/>> acessado em 14/03/15

em situação moderna, criando um novo olhar sobre o personagem no texto original, a Bíblia.

Saindo do âmbito da TV e indo para o teatro, temos o grupo teatral da cidade de Brasília *Os Melhores do Mundo*, que tem por linha de pesquisa trabalhar com sátiras. Fizeram grande sucesso com o espetáculo *Hermanoteu na Terra de Godah*¹⁶ onde visitam a diversidade fantástica da Bíblia. No site do grupo, eles descrevem uma breve sinopse do que foi o espetáculo:

Entre as densas páginas do Antigo Testamento, encontramos nosso pacato protagonista perambulando por domínios romanos entre pestes, bárbaros e deuses pagãos. Quando o homem enfrentava a ira de um deus menos complacente, Hermanoteu, irmão de Micalatéia e típico hebreu do ano zero – camarada, bom pastor e obediente – recebe uma missão divina: guiar seu povo a Terra de Godah. Nessa jornada que não guarda compromisso com a cronologia histórica ou com o bom senso, o peregrino esbarra em Cleópatra e até mesmo no Filho do Todo Poderoso além de outros tantos personagens fantásticos.

17

A falta de compromisso histórico, porém, com referências reais, o humor afinado e a aspecto lúdico, que o teatro oferece, fazem de *Hermanoteu na Terra de Godah* uma colcha de retalhos que pontua algumas histórias e personagens bíblicos, mas se prende mais no ato de fazer rir do que de ser fiel ou denegrir o texto de referência.

¹⁶ A peça *Hermanoteu na Terra de Godah* está disponível na íntegra na internet (Youtube e Netflix).

¹⁷ Disponível em <www.osmelhoresdomundo.com.br> acessado em 05/06/2015

Figura 6: Cena da peça Hermanoteu na Terra de Godah do grupo “Os Melhores do Mundo”.



Fonte:

Disponível

em

<<http://www.zinecultural.com/agenda/teatro/hermanoteu-na-terra-de-godah>> acessado em 07/06/2015

No dia 21 de maio de 2015, o grupo comemorou duas décadas de trabalho, e o jornal *Correio Brasiliense* fez uma matéria destacando a importância do grupo para a cidade de Brasília e o alcance nacional que os espetáculos tiveram no decorrer da trajetória de *Os Melhores do Mundo*. Na matéria, Gregório Duvivier, do *Porta dos Fundos*, falou a respeito do grupo:

Os Melhores do Mundo estão à altura do nome hiperbólico. São uma espécie de *dream team* da comédia. Com humor ácido e *nonsense*, foram um dos primeiros a destoar do humor brasileiro tradicional e acabaram influenciando muito o que veio depois. Assisti a *Notícias populares* e *Hermanoteu*, ambas geniais. E eles não param! Melhor pra gente! (Ibidem)

Com o avanço da internet, as manifestações em espaços virtuais ganharam força e a difusão de charges, vídeos e textos bem-humorados cresceu significativamente. Hoje existem sites, blogs e páginas em redes sociais dedicadas ao humor bíblico. No que diz respeito a charges, memes¹⁸ e montagens com imagens e textos espirituosos, muitas vezes é difícil identificar a autoria das manifestações, mas há alguns criadores que tem uma marca bem definida no seu trabalho. É o caso do site “Um sábado qualquer”, de Carlos Ruas, onde o desenhista criou uma série de tirinhas com personagens bíblicos (entre eles: Deus, Jesus, Caim, Luciraldo – o diabo, entre outros). A partir de passagens bíblicas, questionamentos recorrentes a partir de dogmas cristãos e pontos de vista bem-humorados e críticos, o artista desenvolve séries de tirinhas temáticas.

¹⁸ O termo *Meme* de Internet é usado para descrever um conceito que se espalha via Internet. O termo é uma referência ao conceito de memes, que se refere a uma teoria ampla de informações culturais criada por Richard Dawkins, em 1976, no seu livro *The Selfish Gene*.

Figura 7: Tirinha do site “Um sábado qualquer” com o personagem Deus.



Fonte: Disponível em
 <<http://inconscienteflutuante.blogspot.com/2012/05/com-deus-nao-se-brinca-parte-i.html>> acessado em 07/05/2015

Existem sites, blogs e páginas em redes sociais tanto de humor cristão, quanto de humor ateu. Cada um deles busca o riso de formas diferentes. No humor cristão, são páginas em geral de pastores e religiosos, entre eles o blog *Deus é Humor*, do Pastor evangélico Jasiel Botelho, no qual existem diversas charges que apresentam situações bíblicas de forma bem-humorada, sem degradar ou atacar as escrituras. Na imagem abaixo, podemos perceber a leveza com que é tratado o tema, mesmo se utilizando de humor para falar da ressurreição de Jesus Cristo:

Figura 8: Charge no blog “Deus é Humor” do Pastor Jasiel Botelho.



Fonte: Disponível em <<http://4.bp.blogspot.com/-BQANE81DAJk/Ta43QM9fpxI/AAAAAAAAACWw/IKh3YufW1Fk/s1600/P%25C3%25A1scoa.jpg>> acessado em 15/05/2015

Já o humor do *Pastor Gaúcho*, que é cristão, apresenta certa duplicidade quando transforma os textos bíblicos, aplicando o linguajar gaúcho, mas não o denigre. Outros sites e blogs que utilizam a manifestação humorística são o *Portal Fiel*, *Ministros do Riso*, *Resposta Cristã*, *Agnussantos*, *Infiltrados no Mundo*, *Cenáculo Universal*, entre outros.

Já ligados ao humor ateu, mais ácido, crítico e agressivo, temos as páginas da ATEA – Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos, Frases Ateístas, Ateu Sarcástico, Ateu Atento, Igreja Apocalíptica do Oitavo Dia, Deuses & Homens, além de sites como Genizah, Verdades Inconvenientes, Jesus Bêbado, entre

outros. Nessa mesma linha de humor, temos os vídeos no Youtube do personagem Pastor Adélio, criação do humorista Marcio Américo. Nestes vídeos, o ator interpreta o pastor que analisa trechos bíblicos de forma divertida, porém crítica, bem mais pesada, com uso de muitos palavrões e sarcasmo. Tanto que está sofrendo uma série de processos por conta de seus vídeos.

As polêmicas têm sido recorrentes nas manifestações humorísticas com temática cristã. O programa *Na Moral*, da Rede Globo, em 2013, apresentado por Pedro Bial, convidou os humoristas Renato Aragão, Gregório Duvivier, Hélio De La Peña e Bruno Mazzeo para discutir as questões referentes aos limites do humor. Renato Aragão, reconhecido pelo seu personagem Didi de *Os Trapalhões*, questionado a respeito de fazer piada com religião disse: “(...) a gente não precisa disso, não precisa usar uma religião pra fazer humor. Eu acho que agride mesmo. Uma coisa que agride é você criticar uma religião da pessoa” e Gregório rebateu “Eu sou muito fã do Renato, mas nesse caso eu vou ter que discordar”. “Nós vamos discordar sempre, meu estilo de humor não permite isso”, respondeu Aragão. Existem várias formas de fazer humor, e entre os próprios humoristas há divergências a respeito de como lidar com temas delicados. Uma nova geração talvez tenha menos pudores que gerações anteriores, mas ao mesmo tempo vemos personagens como Tim Tones, de Chico Anysio, três décadas antes, fazendo um humor crítico e ácido. O interessante é observar que o humor no Brasil absorveu algumas referências de outros países, mas o país criou sua própria forma de fazer humor. Cada humorista tem seus meios e busca o riso através daquilo que acredita. Mas cada um tem uma crença particular e, com isso, sempre haverá choques de opiniões a respeito do tema.

2. A AFIRMAÇÃO E A SUBVERSÃO

Para falar em riso e cristianismo, sob o ponto de vista da subversão, acredito ser importante levantar algumas questões referentes ao humor feito por cristãos pautados no riso afirmativo. No caso do humor cristão, não há dúvida que se utilizam do humor para formar o seu rebanho. Com a enxurrada de sites de humor, padres, pastores e internautas seguidores da Bíblia, e de seus preceitos, se utilizam deste mecanismo para aproximar a palavra de Deus dos interessados por ela.

No aforismo 200 de *A Gaia Ciência*, Nietzsche discorre sobre o ato de rir: “Rir significa: ter alegria com o mal dos outros, mas com boa consciência”. (2001, p. 156) Definição esta que nos aproxima de um humor cristão baseado na afirmação e não na subversão para gerar o riso. No aforismo 327, o autor reflete sobre o ato de “Levar a sério”:

(...) A Graciosa besta humana perde o bom humor, ao que parece, toda vez que pensa bem; ela fica ‘séria’! E ‘onde há riso e alegria, o pensamento nada vale’: - assim diz o preconceito dessa besta séria contra toda ‘gaia ciência’. – Muito bem! Mostremos que é um preconceito! (2001, p. 192)

Os humoristas cristãos se desprendem de qualquer preconceito e encontram no fato de não se levar tão a sério, um caminho para apresentar as histórias bíblicas em um formato mais agradável e acessível para formação dos que acreditam em Deus e nas escrituras.

Robert Alter, em *A arte da narrativa bíblica*, nos diz que:

Na narrativa bíblica, o diálogo inventado expressa a maneira como o autor imagina seus personagens enquanto figuras psicológicas e morais diferenciadas, sua concepção dramática das emoções que regem as interações entre os seres

humanos. E esse processo imaginativo não é outra coisa, essencialmente, senão a criação de personagens ficcionais. (2007, p. 64)

O processo imaginativo do autor bíblico pode se aproximar do método de criação do criador de humor a partir de narrativas bíblicas. Da mesma forma que o autor bíblico preenche espaços com criações a partir de sua imaginação, o criador do século XXI se utiliza do mesmo estilo de processo para criar seus roteiros de vídeos de humor, peças de teatro, filmes, charges e manifestações *on line*. Apropria-se de uma licença poética, que permite *brincar* com a história para poder formar e informar, sem precisar denegri-la. Em outro trecho, Alter afirma: “(...) mas toda ficção, inclusive a Bíblia, é em certo sentido uma forma de jogo. Na acepção que tenho em mente, o jogo amplia, em vez de estreitar, a gama de significados do texto”. (2007, p. 78)

Quando o criador de humor cristão amplia os significados do texto bíblico, as possibilidades de passar a mensagem também se ampliam. Como o objetivo de uma investigação é ganhar e não perder o que o objeto de estudo pode oferecer, é fundamental acreditar no potencial imaginativo e criativo moderno para a criação de formas diferenciadas de releituras pelo qual os criadores se entregam e se deleitam, a ponto de ver humor onde os escritores bíblicos talvez não o vissem. A esse respeito, Alter ainda nos informa que:

Se, no entanto, não nos dermos conta de que os criadores da narrativa bíblica eram escritores que, como quaisquer outros, entregavam-se à exploração dos recursos formais ou imaginativos de seu meio ficcional – às vezes captando a plenitude de seu tema em meio ao próprio jogo da exploração –, perderemos grande parte do que as histórias bíblicas têm a nos dizer. (2007, pg. 78)

No artigo intitulado *Criação: Mito ou realidade?*, o teólogo e biblista Antônio Mesquita Galvão nos apresenta uma visão arrojada a respeito da interpretação da Bíblia:

Mesmo sem sermos racionalistas, é preciso ler as escrituras com um coração de fé, mas os outros pousados na ciência. A catequese primária enseja uma visão fundamentalista. O estudo da Bíblia, como ciência, possibilita enxergar além das simples palavras. (2005, p. 29)

Nesta citação, o autor nos estimula a ver além, interpretar, se permitir ao aprofundamento e ao questionamento do texto. No mesmo artigo, o autor fala da necessidade de se prender aos eventos (como o dilúvio, por exemplo) e não no que a mensagem efetivamente passa. Segundo o autor, se existiu ou não dilúvio, não deveria ser o foco do texto, mas sim a mensagem que o texto passa através da história contada. Galvão compara a interpretação do texto bíblico com a encenação teatral, onde muitas vezes se preocupa mais com o pano de fundo, o cenário, do que com a história que está sendo contada em primeiro plano pelos atores. Esse exemplo apresenta uma proposta mais aberta de diálogo e liberdade diante das manifestações a partir da Bíblia.

Já o humor cristão, sob a perspectiva de ateus, tende a ser mais crítico, irônico e pesado. As lacunas narrativas deixadas no texto bíblico são exploradas de forma cômica, através de releituras, principalmente de parábolas, eventos sobrenaturais, milagres, a criação do mundo e a vida de Cristo. O Antigo Testamento é um prato cheio para os humoristas/chargistas por apresentar tramas, que sob um olhar mais apurado e bem-humorado, dão margem a recriações das situações. Existe um vasto material a ser reconstruído, a receber um novo olhar. A inexistência de provas concretas a respeito da origem das escrituras e das histórias nela contadas são um caminho inesgotável de possibilidades de criação humorística.

Na obra *O Humorismo*, Luigi Pirandello nos fala que “o humorismo (...) inevitavelmente *decompõe*, desordena, discorda;

enquanto, comumente a arte em geral, como era assinada na escola, pela retórica, era sobretudo, *composição* exterior, acordo logicamente ordenado”. (1999, p. 72). Essa decomposição, em contraponto com a composição apresentada pelo autor, me faz refletir a respeito do embate entre a subversão que decompõe e a afirmação que compõe, uma desorganiza e cria algo novo e a outra se pauta na manutenção da ordem, compondo um universo confortável, sem grandes questionamentos acerca da relação entre as criações humorísticas e os textos bíblicos.

As imperfeições dos seres humanos (e dos seres divinos) são utilizadas como ferramentas de criação. O humor subversivo se vale dessas imperfeições e as acentua, coloca uma lente de aumento, vê sob outra ótica (uma ótica que não está respaldada pela fé), o que a faz mais ácida.

George Minois, em *História do riso e do escárnio*, afirma:

O pecado original é cometido, tudo se desequilibra, e conseqüências: o diabo é responsável por isso. Essa paternidade tem sérias conseqüências: o riso é ligado à imperfeição, à corrupção, ao fato de que as criaturas sejam decaídas (...) O riso brota quando vemos esse buraco intransponível, aberto sobre o nada e quando tomamos consciência dele. (...) Agora, pode-se rir. Há de quê: rir do outro, desse fantoche ridículo, nu, que tem um sexo, que peida e arrotta, que defeca, que se fere, que cai, que se engana, que se prejudica, que se torna feio, que envelhece e que morre – um ser humano, bolas!, uma criatura decaída. O riso vai se insinuar por todas as imperfeições humanas. (2003, p. 112, 113)

As histórias bíblicas são um rizoma que ultrapassa os séculos. Através de novas leituras são estabelecidas abordagens diversificadas a partir de textos canônicos e considerados sagrados. No artigo *Santa Ceia Profana*, Salma Ferraz nos leva a pensar na

alteração de significado, onde o texto base sofre interferência da paródia, gerando, assim, o humor:

A paródia também é uma forma de intertexto, exige que o leitor conheça o texto base, o texto primeiro, a pintura primeira. Só que não ocorre apenas a introdução de um novo sentido ao texto primeiro, mas sim, uma completa alteração de significado do primeiro texto. (2011, p. 53)

Já Linda Hutcheon, em sua obra *Uma Teoria da Paródia*, nos diz que “A paródia é (...) repetição com distância crítica, que marca a diferença em vez da semelhança” (1985, p. 17). Nesta diferença encontramos o humor crítico que, no caso das manifestações humorísticas subversivas a partir dos textos bíblicos, altera o original mantendo um olhar sobre ele, recriando-o e criticando-o de forma irônica. Hutcheon fala a esse respeito que: “Não se trata de uma questão de imitação nostálgica de modelos passados: é uma confrontação estilística, uma recodificação moderna que estabelece a diferença no coração da semelhança” (1985, p. 19). A autora ainda nos fala a respeito da duplicidade entre presente e passado na criação paródica, que faz com que o autor da paródia reorganize o passado da forma que lhe for conveniente:

A paródia é um modo de chegar a acordo com os textos desse <<rico e temível legado do passado>> (Bate, 1970, 4). Os artistas modernos parecem ter reconhecido que a mudança implica continuidade e ofereceram-nos um modelo para o processo de transferência e reorganização desse passado. As suas formas paródicas, cheias de duplicidade, jogam com as tensões criadas pela consciência histórica. Assinalam menos um reconhecimento da <<insuficiência das formas definíveis>>

dos seus precursores (Martin 1980, 666) que o seu próprio desejo de pôr <<refuncionar>> essas formas, de acordo com suas próprias necessidades. (1985, p. 15)

Já um autor que tem um discurso ateu, que contribui para esta reflexão, é Richard Dawkins¹⁹. Em *Deus, um delírio* ele ataca sem piedade, com seus fundamentos, sarcasmo e bom humor, a fé em um ser superior. No capítulo *O argumento das escrituras*, ele instiga a pensar sobre a veracidade dos escritos bíblicos:

O fato de as coisas estarem por escrito é persuasivo para pessoas que não estão acostumadas a fazer perguntas como: “Quem escreveu, e quando?”; “Como eles sabiam o que escrever?”; “Será que eles, naquela época, realmente queriam dizer o que nós, em nossa época, entendemos que eles estão dizendo?”; “Eram eles observadores imparciais, ou tinham uma agenda que influenciava seus escritos?”. (2006, p. 131)

As interrogações da citação acima me levam a pensar que talvez essas indagações sejam feitas por criadores de roteiros de vídeos de humor, charginistas, humoristas, sob um ponto de vista ateu ou crítico. Eles se questionam e a resposta a esses questionamentos, sob uma ótica divertida, culmina na criação de suas obras de forma crítica, sarcástica e algumas vezes agressiva (no ponto de vista cristão).

¹⁹ Richard Dawkins é um etólogo, biólogo evolutivo e escritor britânico. É fellow emérito do New College, da Universidade de Oxford e já publicou os livros *O Gene Egoísta*, *A Grande História da Evolução*, *O Maior Espetáculo da Terra*, entre outros.

3. **UMA ABORDAGEM DO RISO PELA *PORTA DOS FUNDOS***

Noite. Vemos um casebre e um homem indo em direção a ele. Ouvimos as vozes dos personagens.

Gabriel: Deixa comigo, deixa que eu falo, deixa que eu faço! Eu to aqui, tranquilo!

Maria: Tem certeza?

Gabriel: Tenho! Tá vindo aí, tá vindo, tá vindo já. Concentra! Maria, não olha no olho dele.

José abre a porta e entra no casebre.

José: Maria? Não sabia que tinha visita aqui hoje!

Maria está sentada ao lado de um homem de barba e cabelos longos e brancos.

Maria: José, a gente precisa conversar.

José: Aconteceu alguma coisa?

Maria: To grávida!

José: Que notícia maravilhosa, amor!

Gabriel aparece. Está de pé ao lado de José.

Gabriel: Pois é, mas é mais ou menos. Vamos entender tudo como tem que entender, aí a gente vê.

José (para Gabriel): Você é?

Gabriel: Eu sou Gabriel, olha aqui ó: desarmado, do bem, tranquilo falando contigo aqui na legal.

José: O que tá acontecendo aqui?

Maria: José, o filho não é seu!

José: Quê?

Gabriel: Falei pra não falar assim! (dá um tapa no rosto de José). Calma cara! Calma! Calma cara!

José: Como assim o filho não é meu?

Maria: O filho é de Deus!

José: Deus?

Gabriel: Que surpresa! Todo mundo é filho de Deus. Você também é e não reagiu assim. Calma! Conhece Deus?

José: De nome.

Deus (para José): Prazer!

Gabriel: Deus precisava de uma mulher pra ser a mãe do filho dele. Ela precisava ser virgem, claro né? E tá uma dificuldade hoje pra achar mulher virgem na Galileia, na Judéia...

José: Mas a Maria não é mais virg...

Maria (cortando-o): José! Gabriel tá falando! Falta de educação! (para Gabriel).

Continua querido.

(...)

Gabriel: Olha só, é filho único, tá aqui toda a documentação, é um varão, é homem, um filho só. Vai nascer dia vinte e cinco de dezembro, aqui, Natal, época boa de nascer...

(...)

Gabriel: Quebra essa pra gente, José.

José: Eu sou palhaço agora? Eu sou corno agora?

Gabriel: Mas José, o cara é Deus! Se ele quisesse ele te engravidava.

Deus: Preferiria José?

Gabriel: Preferiria? Não. Não vai. Quem que vai?

José: O pessoal tem que ficar sabendo dessa história da Maria aí?

Gabriel: O objetivo dessa coisa toda realmente até é isso! É todo mundo saber disso o resto da vida!

José: Isso vai me foder na carpintaria!

Gabriel: Não queria tá na tua pele não.

José: Ninguém vai acreditar nessa história.

Deus: Querido, isso aí, relaxa! O pessoal acredita em qualquer coisa. Vai por mim.²⁰

Para pesquisar a relação entre humor, teologia, riso, cristianismo, paródia, religião é necessário estabelecer uma metodologia que dê conta das peculiaridades que o tema exige, justamente por se tratar de um ramo de pesquisa delicado e com fronteiras não definidas. O bom senso, o olhar sobre a obra e o limite de quem cria é diferente do de quem usufrui da criação artística e humorística e, com isso, uma série de interpretações divergentes colocam em choque a liberdade de expressão e a liberdade religiosa. Através dos vídeos com temática cristã, de caráter subversivo²¹, do coletivo de humor na internet *Porta dos Fundos*, me proponho a investigar a brecha que os humoristas do grupo identificam no texto bíblico, nas doutrinas cristãs e no contexto sócio-político-religioso do país para a criação humorística dos esquetes virtuais. Para tanto, a identificação desta brecha, deste limite, desta intersecção se dará através do aprofundamento dos conceitos de *soleira e/ou confim* e de *assinatura*, respectivamente, dos filósofos italianos Massimo Cacciari e Giorgio Agamben.

A transcrição do vídeo citado no início do texto dá a dimensão da complexidade de se trabalhar humoristicamente a partir do texto bíblico, pois a subversão do texto original – a Bíblia – faz com que o sagrado e o profano se toquem e despertem a graça para uns e o desconforto para outros. A grande questão que me instiga compreender, mais especificamente no caso do *Porta dos Fundos*, é qual a forma, o método, o estímulo que leva os criadores

²⁰ Transcrição livre da primeira cena do vídeo “Especial de Natal” do coletivo de humor da internet *Porta dos Fundos*, publicado em 23 de dezembro de 2013. O vídeo possui mais de 6 milhões e 800 mil acessos até agosto de 2015. O vídeo está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2VEI_tn090c

²¹ O caráter subversivo, a subversão, é utilizado aqui como o ato de oposição, e especificamente no caso do humor: “O riso vai se insinuar sobre todas as imperfeições humanas”, como nos diz George Minois (2003, p. 112 e 113)

dos roteiros dos vídeos a se debruçarem sobre questões teológicas ou religiosas para obterem o riso. Além de também identificar de que maneira aplicam esse suposto método em prol de um resultado eficiente, leia-se, engraçado. Mas, para compreender estas questões, é necessário conhecer o objeto de análise, o *Porta dos Fundos*.

3.1. *PORTA DOS FUNDOS*: O COLETIVO DE HUMOR

*“Pecador é aquele que não faz o que foi criado pra fazer”
João Ubaldo Ribeiro*

*“Só pode ser humorista aquele que não tem consciência ou
responsabilidade”
Goethe*

Com milhares de visualizações em seu canal no *Youtube*, o grupo *Porta dos Fundos* posta dois vídeos curtos por semana, alguns deles com temática cristã²². O coletivo de humor iniciou os trabalhos em março de 2012, com o primeiro programa sendo lançado em agosto desse mesmo ano. Os roteiros de trinta e sete esquetes de humor do *Porta dos Fundos* foram transformados em livro homônimo e lançado no ano de 2013, alcançando voos além da internet, estabelecendo, assim, contato com o público através do texto escrito e com reflexões dos autores acerca dos processos criativos.

Em matéria da colunista Keila Jimenez, publicada na *Folha de São Paulo*, intitulada “Porta dos Fundos chega a Portugal e negocia entrada nos EUA, Inglaterra e América Latina” vemos a dimensão que alcançou o trabalho realizado pelo grupo. Em 2015, o grupo conta com os cinco sócios iniciais, Fábio Porchat, Antônio Pedro Tabet, Gregório Duvivier, Ian SBF e João Vicente de Castro, e trabalham com uma equipe de quase 50 pessoas. Segundo a

²² Todos os vídeos do *Porta dos Fundos* estão disponíveis em www.portadosfundos.com.br ou no canal do grupo no *Youtube*.

matéria no caderno *Ilustrada da Folha de São Paulo*, o grupo tem projetos de “filmes, séries, novos canais na web, programas para TV e sites no exterior, uma peça de teatro, uma animação, um ‘talk show’, um reality e licenciamentos de produtos” (JIMENEZ, 2015), e pretende arrecadar cerca de R\$ 350 milhões no ano de 2015.

No livro *Porta dos Fundos*, um breve texto descreve o grupo:

PORTA DOS FUNDOS é um coletivo criativo criado por amigos e para amigos. Simples assim. A ideia de sair da TV e migrar para uma mídia na qual seríamos nossos próprios editores, chefes e velhinhos que censuram baseados na moral e nos bons costumes – que pregam, mas não colocam em prática – parecia bastante atraente e promissora. E foi. (2013, p. 9)

A liberdade que a internet propicia, sem dúvida, foi um dos trunfos do grupo, aliado à qualidade técnica, e a atores e redatores reconhecidos por sua atuação humorística, que contribuíram para a divulgação inicial dos vídeos. Os humoristas Fábio Porchat, Marcos Veras e Gregório Duvivier, já eram conhecidos por um número considerável de público por trabalhos na TV, no teatro e no cinema. E também Antônio Tabet, que já tinha um número significativo de seguidores no seu site de humor *Kibe Loco*²³. No próprio texto da introdução do livro, no trecho citado, já é possível notar o estilo do grupo e o enfoque da sua proposta, quando alfinetam os censuradores da moral e dos bons costumes.

Em outro trecho, na introdução do livro, o grupo se refere às polêmicas e possíveis desafetos com o conteúdo produzido:

²³ Site Kibe Loco – A verdade é ácida e o kibe é cru: www.kibeloco.com.br

Quando alguém não gosta de um vídeo e diz que vai nos processar, a gente tem a consciência tranquila. Lembramos das reuniões intermináveis e de como foi difícil chegar àquele texto do vídeo. Quem não gosta só pode ser uma pessoa muito sozinha que está querendo atenção (ou rola). (2013, p. 10)

De certa forma, apesar da ironia do texto, eles têm sua parcela de razão. Solidão, carência e necessidades sexuais não estão diretamente ligados à insatisfação com os vídeos feitos pelo grupo, mas dão uma dimensão de que se opor publicamente ao conteúdo produzido pode estar ligado a uma questão de escolha pessoal. Mesmo com a abrangência que a internet propicia, acredito que assistir vídeos na internet é uma opção. Uma pessoa, para ver um vídeo no *Youtube*, precisa acessar o site, buscar o vídeo e assisti-lo por vontade própria. Não é TV aberta, que involuntariamente você pode assistir algo que lhe desagrade ou à sua família. Inclusive, a TV aberta também é uma opção, pois você pode decidir não assistir, mesmo sendo tão abrangente ou mais que a internet. Ainda sendo postado em redes sociais, é preciso dar o *play* e tomar a decisão de assistir. Todos têm o direito de não gostar, mas o grupo tem o direito de fazer para quem gosta. Assistir vídeos na internet é uma escolha. Não gostar é uma probabilidade, que muito provavelmente quem não tenha pré-disposição para o estilo de humor do grupo, não vá gostar da maioria dos vídeos, como o contrário. Quando um vídeo com temática cristã, produzido pelo grupo, recebe alguma crítica que ganha repercussão virtual ou nacional, em sua maioria, essas são realizadas por algum membro ligado a alguma doutrina – em geral, religiosos neopentecostais que exercem alguma função política. Nestes casos, o vídeo acaba ganhando maior visibilidade e essas críticas se tornam marketing gratuito para o próprio grupo.

Em três anos, o grupo se estabeleceu como referência de um novo humor no Brasil, ampliou sua produção, visibilidade e qualidade, e investe cada vez mais em vídeos que confrontam e estimulam o público a refletir sobre diferentes formas de pensar

seu dia-a-dia, seus defeitos, suas inquietações ou, simplesmente, sua vontade de apenas rir.

E foi o trabalho deste grupo, delimitado pelos vídeos com temática cristã, que me estimulou a aprofundar o estudo sobre o limite do humor, se é que ele existe, e suas implicações metodológicas para alcançar o riso.

3.2. A SOLEIRA DA PORTA DOS FUNDOS

Massimo Cacciari, em *Nomes de lugar: confim*, me apresentou ao conceito de soleira e, automaticamente, pude fazer a conexão entre a soleira de uma porta com a soleira da porta dos fundos e da frente. A porta da frente é por onde entra quem você quer, quem é convidado, é uma passagem permitida, habitual, é sagrada. Já a porta dos fundos é por onde os amantes fogem, é o limiar do clandestino, do proibido, do profano, não é sempre a melhor vista da casa, é por onde sai o lixo, lixo este que não presta, mas é necessário, é o resquício de algo que já teve importância e nos livramos, pois incomoda. A porta dos fundos tem sua função, bem como a porta da frente. São distintas, mas se complementam. O entendimento da confluência de ambas gera um espaço onde se pode pensar o novo, o diferente, o inusitado, o limite, e também o subversivo.

No que se refere ao humor, a porta da frente poderia ser considerada uma porta com filtro, onde só entra o que é permitido, e, portanto, seleciona, exclui, limita. A porta dos fundos não tem filtro, se predispondo conhecer o outro lado da porta, transitar entre ambientes e interagir com novas possibilidades. Em resposta aos vídeos com temática cristã do *Porta dos Fundos*, o Canal do Crente criou o Porta da Frente²⁴ e postou um vídeo, no qual, através de diálogos entre supostos sócias dos humoristas do grupo “parodiado”, criticam o coletivo de humor e os assuntos abordados

²⁴ Canal do Crente: Porta da Frente. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=LfEaq_XREfg

em seus esquetes. O grupo cria um vídeo com filtro, que não teve nenhuma repercussão e nem humor. Esta manifestação reflete a forma como a limitação causada pelo permitido pode interferir na abrangência, funcionalidade, impacto e graça da criação humorística. O *Porta dos Fundos*, em contraponto com a porta da frente, nos dá uma dimensão de contraste que materializa o confronto do humor com o cristianismo nas criações do grupo, e na necessidade da junção de ambas as portas – o sagrado e o profano²⁵ – para se efetivar o resultado final: os vídeos de humor com temática cristã. Já a porta enquanto imagem, e sua soleira, nos apresenta uma série de reflexões.

A soleira é o espaço de contaminação, o dentro-fora, o limite, “o passo através do qual se penetra em um domínio ou se sai dele. Através da soleira somos acolhidos ou eliminados”. (CACCIARI, 2005, p. 14). Esta porta aberta faz com que esse limite seja também aberto, ele transita, ele atravessa a fronteira da soleira e se deixa contaminar com o lado oposto. Ali na soleira está o confim, conceito apresentado por Cacciari, que nos diz que “o termo parece indicar a ‘linha’ ao longo da qual dois domínios se tocam” (CACCIARI, 2015, p. 13). Essa linha de contato, essa intersecção, esse confim, esse entrelugar, é o ambiente da soleira que permite a fluidez, onde a relação entre dois ambientes, dois corpos, dois lugares, duas ideias, se estabelece. É o contato entre o outro lado, o lado oposto a esse outro lado e, conseqüentemente, o choque de ambos. O objeto é contaminado e vai se tornar contaminador. Não existe uma fronteira fixa, estanque e limítrofe. “Não são os corpos a transgredir, mas é o próprio confim que sempre transgride. (...) O confim não é transgredível, pois é transgressão” (CACCIARI, 2005, p. 18). A transgressão²⁶ é o

²⁵ O entendimento de sagrado e profano aqui, se dá através da ideia de Giorgio Agamben, de que a esfera do *sagrado – que de algum modo pertence aos deuses – está em contraposição ao mundo meramente humano – o profano.*

²⁶ Assim como a subversão, a transgressão é tratada aqui como oposição, infração, violação de normas.

espaço de contato e onde se percebe o confronto. O confim é o cerne desse lugar aberto, que permite a percepção de fissuras, traços, indícios, sinais, brechas.

Fechar o lugar não é, de fato, protegê-lo, ou defendê-lo, mas anulá-lo, significa violentar-lhe a natureza e o próprio étimo, não reconhecê-los. Todas as tentativas voltadas a ‘fortificar’ o lugar, longe de torná-lo seguro, golpearão mortalmente todo habitat, já que o lugar que define por exclusão de outro, que não quer que o outro o toque, que exige o seu confim imune ao outro, se transforma inevitavelmente em prisão para aqueles que ali residem. (CACCIARI, 2005, p. 18)

Abriu o lugar e permitir o contato com o outro faz com que o confim deixe de ser fronteira e se transforme em um ato de libertação. No caso da religião, quanto mais ela se fecha, mais ela fica vulnerável. Assim como na guerra, quanto mais se fecha, menos se conhece o inimigo. Quanto menos você conhece a contaminação mais exposto você está.

O Estado moderno move em direção ao próprio ultrapassar-se e dessa maneira produz ‘lugares fechados’, transforma o confim em fronteira – fronteiras não tanto ou não mais físico-geográficas ou políticos estaduais, mas culturais, econômicas, ecológicas. A lógica imanente da ‘globalização’ elimina os confins e multiplica as barreiras: se falta o confim, de fato cessa a relação, que pode ter lugar somente entre individualidades, e a diferença, então, não pode se afirmar senão como desigualdade. (CACCIARI, 2005, p. 20)

A modernidade caminha para o choque entre os desiguais. O ambiente da intersecção, que poderia ser de crescimento, de conhecimento do outro, se transforma em barreira e conflito, gerando grupos isolados, que pensam de uma determinada forma e excluem a maneira de pensar diversa à sua.

Em *História do Riso e do Escárnio*, George Minois cita Howard Bloch: “(...) como Merlim, o riso é um fenômeno liminar, um produto das soleiras, ... o riso está a cavalo sobre uma dupla verdade. Serve ao mesmo tempo para afirmar e subverter”. (2003, p. 16) E Minois continua: “Na encruzilhada do físico e do psíquico, do individual e do social, do divino e do diabólico, ele flutua no equívoco e na indeterminação. Portanto, tem tudo para seduzir o espírito moderno” (2003, p. 16). Ao mesmo tempo que Cacciari nos fala que o estado moderno tende a construção de fronteiras, Minois (que lançou o livro em 1946) acredita que essa soleira, essa dupla verdade, tem espaço na modernidade, no que diz respeito ao riso. Duas ideias complementares que convergem para o mesmo fim: a necessidade de ultrapassar as barreiras e criar meios para o preenchimento dos espaços de contato. O contato entre afirmação e subversão no humor é apresentado como um caminho para o confronto e o crescimento.

A clareza despertada pelo conceito de soleira e confim fez com que eu identificasse nos vídeos com temática cristã do *Porta dos Fundos* esse lugar de cruzamento, sem fronteiras, um “lugar aberto”, o espaço de contaminação entre ambos os conteúdos que se chocam: humor e cristianismo. E essa intersecção me permite identificar onde os redatores-criadores-humoristas percebem o espaço para criar a partir de temas cristãos, que é justamente esse limite, essa soleira, esse confim, essa brecha. A brecha é aberta nessa fronteira de contato, onde é possível identificar, tanto no texto bíblico, quanto na doutrina cristã ou no contexto sócio-político-religioso, o espaço da dúvida, do vazio, do não dito, das contradições, do questionamento. O contato entre humor e cristianismo cria um abismo de questões que, para o cristão, é preenchido pela fé, pela sua crença, e, para os humoristas, é preenchido com o bom humor, criação de situações inusitadas, criativas, subversivas e divertidas. O humor se dá ao luxo e ao

prazer de responder perguntas sem respostas da forma que bem entende. Justamente pelo fato de o humor ser vinculado ao profano – criação do homem –, em contraponto com as crenças e a fé, que estão diretamente ligados ao sagrado – uma única verdade.

Na Bíblia, no livro do Êxodo, Deus revela a Moisés e Aarão na terra do Egito, em época de Páscoa, que as famílias deveriam matar um cordeiro macho, sem defeito e de um ano. Na tradução da Bíblia de Jerusalém diz: “Tomarão do seu sangue e pô-lo-ão sobre os dois marcos e a travessa da porta, nas casas em que o comerem” (Êxodo, 12:7). Já na tradução João F. Almeida Atualizada lemos: “Tomarão do sangue, e pô-lo-ão em ambos os umbrais e na verga da porta, nas casas em que o comerem” (Êxodo, 12:7). Os marcos, a travessa, os umbrais, a verga da porta são as soleiras e são nestas soleiras que o sangue é colocado. Na sequência, Deus diz que passará pela terra do Egito e ferirá todos os primogênitos, mas explica que “O sangue, porém, será para vós um sinal nas casas em que estiverdes: quando eu vir o sangue, passarei adiante e não haverá entre vós o flagelo destruidor, quando eu ferir a terra do Egito” (BIBLIA DE JERUSALÉM, Êxodo, 12:13). Portanto, quem estiver com sangue na soleira da porta estará a salvo. O sangue na soleira é o limite da salvação, é o sinal que diferencia o sagrado do profano, é a marca que delimita o bem e o mal. É nesta brecha que a salvação reside.

O preenchimento da brecha enquanto método fica claro na transcrição do vídeo *Especial de Natal* no início do texto, no qual uma série de dúvidas, ou seja, brechas, são colocadas em evidência para criar humor e suscitar o riso: o fato de Maria ser casada com José, engravidar do filho de Deus, mas continuar sendo virgem; a virgindade de Maria grávida, por ser algo biologicamente improvável, é colocada em dúvida; a figura do Anjo Gabriel como um mediador de crise matrimonial por se tratar de um assunto delicado para anunciar a um casal; a questão da veracidade da data do Natal é citada de forma irônica; a falsa traição de Maria que gera o título de “corno” a José; o desconforto de José sobre a disseminação da novidade e como lidará com os comentários no seu trabalho; e, finalizando, uma crítica na voz de Deus sobre a crença em eventos aparentemente inexplicáveis: “o pessoal

acredita em qualquer coisa. Vai por mim!”. Todo o roteiro é permeado por preenchimento de brechas no texto original. Uma descrição mais detalhada da anunciação está no Evangelho de São Lucas:

No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. Entrando onde ela estava, disse-lhe: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!” Ela ficou intrigada com essa palavra e pôs-se a pensar qual seria o significado da saudação. O Anjo, porém, acrescentou: “Não temas, Maria! Encontraste graça junto de Deus. Eis que conceberás no teu seio e darás à luz a um filho, e o chamarás com o nome de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará na casa de Jacó para sempre, e o seu reinado não terá fim. Maria, porém, disse ao anjo: “Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum?”. O Anjo lhe respondeu: “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a tua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado de filho de Deus. Também Isabel, tua parenta concebeu um filho na velhice, e este é o sexto mês para aquela que chamavam de estéril. Para Deus, com efeito, nada é impossível.” Disse, então, Maria: “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo tua palavra!” E o Anjo a deixou. (Lucas 1: 26-38)

O texto bíblico desperta nos criadores a necessidade do preenchimento das brechas. Esse contato entre texto original

(Bíblia/cristianismo) e redatores (humor) faz com que o confim, a soleira, o limite, se choque e se preencha de forma fluida e com liberdade criativa, permitindo a criação humorística a partir do texto bíblico.

O teólogo e professor da Universidade Estadual da Paraíba, Antônio Magalhães, no livro *Deus no espelho das palavras*, nos informa que:

Existe uma arte da significação nos textos bíblicos, de forma tal que a história pode ser ouvida e lida diversas vezes, suas falas rememoram e incomodam, seus silêncios e suas frases evocam a reescritura e o recontar. A arte da significação e a arte da abstração estão juntas e tornam o leitor/ouvinte alguém em profundo processo de reescrever, recontar e rememorar, ao mesmo tempo que projetam para novas leituras. A arte da significação evoca a interpretação ininterrupta. (2009, p. 138)

Existe no texto bíblico um espaço a ser preenchido pelo leitor, assim como qualquer texto literário. E o preenchimento dessas lacunas pode ser feito de diversas formas. A partir da análise dos vídeos do *Porta dos Fundos* com temática cristã, identifiquei três segmentos de criação humorística a partir das brechas: a criação de paródias e apropriações do texto bíblico; as observações acerca de doutrinas cristãs; e, por fim, críticas ao contexto sócio-político-religioso atual do país. Teríamos um quarto segmento, que seriam os vídeos religiosos que envolvem humor com outras religiões, mas como o foco desse trabalho é o cristianismo, estes vídeos não fazem parte do escopo da pesquisa. Para exemplificar as brechas nos três segmentos, citarei dois vídeos de cada um.

A paródia é uma recriação, uma forma diferente de contar a mesma história, mas sob outro ponto de vista, com uma lente de aumento, com cores não vistas em leituras mais unilaterais. No caso das paródias e apropriações de textos bíblicos, os vídeos

selecionados para a análise são *Dez Mandamentos*, no qual o grupo recria a cena de Moisés anunciando as leis de Deus e sendo questionado pelos ouvintes. O outro vídeo é *Especial de Natal*, já citado, que além da cena da anunciação do Anjo Gabriel, apresenta mais quatro esquetes: um com os três reis magos, outro com Jesus, Maria, José e Maria Madalena, um terceiro na última ceia, finalizando com Jesus e sua crucificação. Nestes vídeos, o grupo se apropria das histórias bíblicas para criar os roteiros.

Já nas brechas referentes à doutrina cristã, em *Deus*, uma mulher morre e quando chega diante de Deus descobre que ele é polinésio e que a sua religião – católica – não era a correta. Em outro roteiro, intitulado *Bíblia*, um pastor lê a palavra do Senhor diante dos fiéis e faz conexões, interpretações e leituras equivocadas nas entrelinhas.

E, por último, os vídeos onde a brecha está no contexto sócio-político-religioso. Quando o projeto chamado popularmente de “cura gay” estava tramitando na Comissão de Direitos Humanos do Governo Federal, o grupo lançou o vídeo *Cura*. Outro esquete nessa mesma vertente chama-se *Pão Nosso*, onde fiscais da Receita Federal abordam uma padaria, pois ela não paga nenhum tipo de imposto, e o dono afirma que lá é uma igreja. Uma crítica à isenção de impostos a entidades religiosas. Os vídeos citados serão analisados no capítulo 5.

Identificada a brecha a partir das ideias propostas por Massimo Cacciari, parto para o filósofo Giorgio Agamben. O autor nos apresenta na obra *Signatura Rerum* o conceito de assinatura como “a ciência através da qual tudo o que está oculto é descoberto”. (AGAMBEN, 2010, p.43 e 44, tradução nossa). A assinatura é uma marca, um indício, um traço, um sinal que é identificado e se sobressai. Agamben cita uma analogia de Jakob Böhme para elucidar a definição de assinatura:

A *assinatura* está na essência e é semelhante a um alaúde que permanece silencioso e é mudo e incompreendido, mas se alguém fizer um som, então se escuta [...] Na mente humana a *assinatura* é artificialmente predisposta como a

essência de todo o ser e ao homem sozinho falta o professor que pode executar seu instrumento. (AGAMBEN, 2010, p. 56, tradução nossa)

A assinatura é algo que emerge, que não é visível em um primeiro momento, mas que é identificada através do aprofundamento. Assim como o estudo de um instrumento para a descoberta dos acordes. Vale ressaltar que Agamben, ainda em *Signatura Rerum*, apresenta a ideia de arqueologia filosófica de Michel Foucault, onde o saber não é linear, fundamentando-se no presente, como os olhos no passado como referência para assim, vislumbrar o futuro. A arqueologia destrói e reconstrói com outro ponto de vista. No caso do *Porta dos Fundos*, existem duas vertentes de arqueologia: a *arché* dos grupos de humor com temática cristã, que o precederam e que o inspiraram, estimularam e serviram de referência, e a *arché* bíblica que vem através dos séculos criando rizomas que sobrevivem e permitem sempre novas releituras e reinterpretações.

Partindo desses princípios, posso concluir que a brecha, preenchida pelo *Porta dos Fundos* em seus vídeos com temática cristã, é a assinatura do grupo. É na contaminação, na intersecção, que encontramos a assinatura. Assinatura é diferente da intertextualidade. A intertextualidade chega até o ponto onde há o toque dos dois espaços, lugares. A assinatura transcende, aprofunda, comprova o contato e constata o cruzamento deste entrelugar tornando-os visíveis. Identifica a singularidade, um olhar específico, original. A originalidade está nas diferenças, diferente do cânone que é definido por suas semelhanças. As assinaturas são as diferenças que chamam a atenção sem a obviedade. É enxergar nas sombras, ver onde os outros não veem, é o que está por trás (nos fundos). No caso do *Porta dos Fundos*, a assinatura é a identificação das brechas que, num primeiro momento, não são perceptíveis, que muitos entendem como uma simples piada despropositada, agressiva, blasfematória e de mau gosto. O olhar apurado, a lente de aumento, a visão crítica, o preenchimento dos vazios, as respostas inverossímeis para perguntas concretas, colocam um foco de luz na cena que interessa,

na intersecção que se destaca, na ousadia que ultrapassa a soleira da porta, permitindo assim que as coisas aconteçam nesse entrelugar e que a assinatura emerja.

A partir desta investigação, creio poder afirmar que os conceitos de soleira e/ou confim e assinatura contribuíram para que eu encontrasse a metodologia para pesquisar humor e cristianismo. A identificação da brecha e o preenchimento dela, se transformou no caminho a ser trilhado para compreender a forma como se cria o humor e se chega ao riso. Portanto, os extremos do “problema” nós já conhecemos (o cristianismo e o humor), o que interessa agora é o cruzamento entre ambos. Talvez essa brecha seja muito além de um método de pesquisa, mais que um entrelugar para onde siga a verdade do contato, mais que um choque entre ideias divergentes, mas, sobretudo, o ambiente no qual possa se exercitar a tolerância e a libertação criativa para ultrapassar fronteiras, limites, confins, soleiras.

4. **BATENDO DE FRENTE COM A *PORTA DOS FUNDOS***

*“O caráter de um homem se mede pelas coisas que ele acha engraçado”
Nietzsche*

Antes de analisar os roteiros e vídeos de humor do *Porta dos Fundos*, acredito ser importante investigar três fatores que podem interferir na identificação da brecha para a criação humorística nesta pesquisa: a figura de um espectador especializado diante da obra criada, as definições e implicações do termo ateísmo e o confronto entre a liberdade de expressão e a liberdade religiosa. *Bater de frente* com essas questões faz com que o conteúdo criado pelo *Porta dos Fundos*, seja problematizado, aprofundado e investigado com maior clareza.

4.1. CONFRONTO ENTRE OLHARES: O ESPECTADOR

Na década de noventa, um grupo surgia na cidade de São Paulo, o Teatro da Vertigem. Com a direção de Antônio Araújo, criaram a chamada Trilogia Bíblica, onde realizaram três espetáculos teatrais: *Paraíso Perdido*, de 1992, baseado no livro do Gênesis e era realizado dentro de uma Igreja. *O livro de Jó*, de 1995, inspirado no livro de Jó e foi encenado dentro de um hospital psiquiátrico. E *Apocalipse 1,11*, de 1999, que fez uma relação entre o livro do Apocalipse e o massacre dos 111 no Carandiru, que foi idealizado e apresentado dentro de um presídio desativado. Foram utilizados temas com referência bíblica, com releituras inovadoras e que causaram desconforto nos mais conservadores. Podemos

identificar esse desconforto através de uma anedota verídica, publicada no Diário do Nordeste, em 04 de junho de 2002²⁷:

Noite de sábado em São Paulo. O palco de “O livro de Jó”, montagem da Companhia Teatro da Vertigem, são os corredores e salas de um hospital ao longo dos quais a platéia vê e ouve manifestações de dor e desamparo. A gradação do sofrimento exposto na ocasião vai não só do gemido ao uivo, mas também da sinistra exposição de instrumentos cirúrgicos à contemplação da carne nua e pálida de corpos devastados pela doença. O ator nu, gotejando de suor e sangue e pendurado num pau-de-arara, está com a fala. Entre o público, que acompanha tudo de pé, uma senhora idosa se vira para a outra e diz em alto e bom som: “Satisfeita, Yolanda?”

A respeito da anedota, podemos perceber que Yolanda e sua amiga devem ter lido a respeito de uma peça que fazia sucesso num espaço alternativo, e Yolanda convenceu a amiga de ir. Elas, que deviam estar acostumadas com outro tipo de espetáculo teatral, não gostaram muito, e uma delas se manifestou. O que diria Yolanda diante dos vídeos do *Porta dos Fundos*?

Para compreender manifestações mais sofisticadas e profundas a respeito de certos temas, não somente a obra deve ser o foco da análise, mas também o público que a assiste. Para determinadas manifestações, sejam elas de humor ou não, é necessário que o público tenha um repertório específico e uma visão mais aberta e ampla para a interpretação, entendimento e absorção das informações. Na obra *Esaú e Jacó*, Machado de Assis

²⁷ Esta anedota não está mais disponível virtualmente no site do Diário do Nordeste, mas encontra-se citada no artigo “Satisfeita, Yolanda?”: Percursos grotescos no Teatro da Vertigem, de autoria de Antônio Vargas e Daniel Olivetto, disponível na bibliografia.

nos fala que “O leitor atento, verdadeiro ruminante, tem quatro estômagos no cérebro, e por ele faz passar repassar os atos e os fatos, até que deduza a verdade que estava, ou parecia estar escondida” (1962, p. 1019). Para compreender, usufruir e se divertir com os vídeos com temática cristã do *Porta dos Fundos* não seria necessário ser um expectador ruminante? Um olhar diferenciado que questiona, interpreta e tira conclusões sem preconceitos e ideias engessadas e pré-determinadas?

No livro *Lector in Fabula*, Umberto Eco discorre acerca da incompletude do texto e do papel do leitor no processo narrativo, nos apresentando o que seria um leitor-modelo:

O texto está, pois, entremeadado de espaços, de interstícios a serem preenchidos, e quem o emitiu previa que esses espaços e interstícios seriam preenchidos e os deixou brancos por duas razões. Antes de tudo, porque um texto é um mecanismo preguiçoso (ou econômico) que vive da valorização de sentido que o destinatário ali introduziu; (...) Em segundo lugar, porque, à medida que passa da função didática para a estética, o texto quer deixar ao leitor a iniciativa interpretativa, embora costume ser interpretado com uma margem suficiente de univocidade. Todo texto quer que alguém o ajude a funcionar. (1986, p. 37)

A respeito da citação de Eco, percebo que sua ideia é de que o papel do leitor é contribuir para a funcionalidade do texto, identificando os espaços em branco, o não-dito, e os preenchendo. Para isto é necessário um repertório que permita esse preenchimento das incompletudes.

Continuando a investigação a respeito do espectador/leitor, no capítulo *A palavra, o diálogo e o romance* do livro *Introdução à Semanálise*, Julia Kristeva, a partir dos estudos de Mikhail Bakhtin, nos apresenta um modelo de pensar o ato de

escrever-ler a obra a partir do diálogo entre diferentes planos de compreensão interpretativa. Ela afirma que:

(...) a ‘palavra literária’ não é um ponto (um sentido fixo), mas um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de diversas escrituras: do escritor, do destinatário (ou da personagem), do contexto cultural atual e anterior. (...) Bakhtine situa o texto na história e na sociedade, encaradas por sua vez como textos que o escritor lê e nas quais ele se insere ao reescrevê-las. (1974, p. 62)

O diálogo entre leitor e destinatário é um espaço para a absorção da palavra, da imagem, e a coloca num espaço diferenciado, faz da obra o resultado do cruzamento de olhares, de releituras e interpretações. Os vídeos com temática cristã realizados pelo *Porta dos Fundos* não têm um sentido fixo, eles dialogam com o espectador que interfere na obra a partir das suas referências pessoais, contextos sociais e, sobretudo, religiosos.

Seria a amiga de Yolanda, citada no início deste capítulo, que assistiu à peça *O livro de Jó*, uma espectadora ruminante, uma espectadora/leitora modelo? Seria ela capaz de conceber o seu espaço enquanto destinatário e dialogar com a obra? Uma pessoa disposta e preparada para assistir determinados tipos de manifestações artísticas? Ela iria rir dos vídeos aqui analisados ou iria criticar por não compreender a crítica ou por achar um “mau riso”?

Linda Hutcheon em *Uma Teoria da Paródia* nos apresenta uma abordagem referente ao leitor e a paródia que me parece pertinente para o entendimento do olhar do espectador para com uma obra parodiada. Um processo de decodificação realizado pelo leitor/espectador que permite o entendimento e a interpretação da obra:

Ao contrário da imitação, da citação e até da alusão, a paródia exige essa distância irônica e crítica. É verdade que, se o

descodificador não reparar ou não conseguir identificar uma alusão ou citação intencionais, limitar-se-á a naturalizá-la, adaptando-a ao contexto da obra no seu todo. Na forma mais alargada da paródia que temos vindo a considerar, esta naturalização eliminaria uma parte significativa tanto da forma, como do conteúdo do texto. A identidade estrutural do texto como paródia depende, portanto, da coincidência, ao nível da estratégia, da descodificação (reconhecimento e interpretação) e da codificação. (1985, p. 50 e 51)

Por considerar bastante pertinente o modo como Antoine Compagnon lê a teoria, desde o título do seu livro *O Demônio da Teoria*, até o subtítulo *Literatura e senso comum*, vou me valer de suas considerações para pensar a recepção nesta pesquisa. Escrito em primeira pessoa e utilizando tom irônico, o teórico assume a postura de que teoria não é religião, portanto devemos questionar e não somente recebê-la enquanto verdade inabalável. Compagnon destina um capítulo desta obra para investigar a figura do leitor. Neste capítulo, faz menção às ideias de Proust:

Não se atingiria nunca o livro, mas sempre um espírito reagindo [ao] livro e misturando-se a ele, o nosso, ou o de um outro leitor. (...) não é o próprio livro, mas o cenário no qual nós o lemos, as impressões que acompanharam nossa leitura. A leitura tem a ver com empatia, projeção, identificação. (1998, p. 141)

O leitor se identifica com a obra e através dela cria projeções a partir do seu repertório pessoal de experiências, vivências, leituras, culturas. O leitor se vê na obra, se apropria da história e consegue estabelecer relações que o aproximam do texto.

O leitor é livre, maior, independente: seu objetivo é menos compreender o livro do que compreender a si mesmo através do livro; aliás, ele não pode compreender um livro se não se compreende ele próprio graças a esse livro. (COMPAGNON, 1998, p. 142)

Para Compagnon, a obra é o caminho para que o leitor descubra a sua leitura particular. A intersecção entre escritura e leitura se dá no momento em que “a escritura é descrita como a tradução de um livro interior, e a leitura como uma nova tradução num outro livro interior.” (1998, p. 142). Tanto o autor da obra quanto o leitor criam para si as suas leituras, e obtêm interpretações diferentes diante da mesma obra:

(...) as normas e os valores do leitor são modificados pela experiência da leitura. Quando lemos, nossa expectativa é função do que nós já lemos – não somente no texto que lemos, mas em outros textos –, e os acontecimentos imprevistos que encontramos no decorrer da nossa leitura obrigam-nos a reformular nossas expectativas e a reinterpretar o que já lemos, tudo que já lemos até aqui neste texto e em outros. A leitura procede, pois, em duas direções ao mesmo tempo, para frente e para trás, sendo que um critério de coerência existe no princípio da pesquisa do sentido e das revisões contínuas pelas quais a leitura garante um significado totalizante à nossa experiência. (COMPAGNON, 1998, p. 146)

Além da independência da leitura, Compagnon ressalta a existência de brechas no texto escrito pelo autor que fazem com que o receptor crie suas próprias interpretações preenchendo estas lacunas. “(...) o texto literário é caracterizado por sua incompletude e a literatura se realiza na leitura” (1998, p. 147). Neste trecho, Compagnon dá o valor ao leitor. É no ato da leitura, da

interpretação, do preenchimento de espaços, da imaginação e do repertório literário e pessoal de cada leitor que Compagnon coloca a importância do olhar externo à obra. O autor resume de forma esclarecedora o seu ponto de vista em relação ao papel do autor e do leitor: “o texto *instrui* e o leitor *constrói*” (1998, p. 147). Segundo ele, o texto é uma ferramenta para que o leitor possa criar seu próprio texto, sua própria compreensão. “(...) com a estética da recepção de Iser, a teoria literária havia enfim se encontrado com o senso comum” (p. 153), senso comum este que faz parte do subtítulo da obra *O Demônio da Teoria – Literatura e senso comum*, aproximando, assim, a obra do leitor, o texto do subtexto, o escrito e o interpretado, o pseudo-concreto e o imaginativo. “(...) os textos são as leituras que fazemos deles; nós escrevemos os poemas que lemos” (1998, p. 159)

Em *Guia Literário da Bíblia*, organizado por Robert Alter e Frank Kermode, nos é apresentado um olhar moderno a respeito da leitura da Bíblia, com uma proposta de revitalização nas interpretações dos textos:

(...) estudiosos voltaram-se para questões como os hábitos intelectuais dos leitores do século I, enquanto críticos olharam para a Bíblia com os olhos do leitor do século XX; e ambos puderam se unir para demonstrar muitos tipos diferentes de novas possibilidades, uma revisão das leituras do passado, uma Bíblia moderna. (1997, p. 15)

Portanto, após essas considerações, percebo que a obra do coletivo de humor *Porta dos Fundos* tende a atingir esse espectador modelo, um leitor que absorve a obra e a reconstrói diante do seu repertório pessoal de referências, leituras, estudos. No caso desta pesquisa relacionada a humor e cristianismo, também se apropria do seu repertório de crenças e ideias pré-concebidas no que diz respeito à religião e interpretações do texto bíblico.

4.2. CONFRONTO ENTRE A CRENÇA E A NÃO CRENÇA: O ATEÍSMO

*“Quando uma pessoa sofre de um delírio, isso se chama insanidade.
Quando muitas pessoas sofrem de um delírio, isso se chama Religião”.*
(Robert M. Pirsig)

*“Se existir um Deus, o ateísmo é para Ele um insulto menor que uma
religião”*
(Edmond de Goucourt)

É importante observar algumas considerações acerca do ateísmo para compreender melhor o universo dos vídeos a serem analisados. Os redatores dos vídeos do *Porta dos Fundos*, Fábio Porchat e Gregório Duvivier, se afirmam ateus, o que é relevante quando analisamos roteiros com temática cristã criado por eles.

Na obra *História do Ateísmo*, George Minois apresenta um panorama da descrença e a conotação negativa que foi atribuída a ela durante séculos. O autor nos informa que:

O termo ateu conserva uma vaga conotação pejorativa, e sempre causa certo medo: herança de muitos séculos de perseguição, de desprezo e ódio por todos aqueles que negavam a existência de Deus e se viam, assim, irremediavelmente amaldiçoados. (...) Muitos descrentes convictos ainda hesitam em se proclamar ateus. O termo não é neutro, e dele ainda exala um vago odor de fogueira. (2014, p. 2)

Percebe-se que a ideia de que ateus são maus persiste. Muitas vezes o termo ateísmo é interpretado como “contra Deus”, portanto, automaticamente, a favor do Diabo. Se o Diabo é antagonista de Deus e se ateus não acreditam em Deus, conseqüentemente, também não acreditam na existência da figura demoníaca. O ateísmo seria uma “grandiosa tentativa do homem de criar sentido para si mesmo” (2014, p. 4), e isso não é algo negativo e pejorativo. Segundo Minois, o ateísmo:

(...) não se reduz unicamente à não crença. É uma afirmação: a afirmação da solidão do homem no universo, geradora de orgulho e angústia; sozinho diante de seu enigma, o homem ateu nega a existência de um ser sobrenatural que intervenha em sua vida, mas seu comportamento não se apoia em tal negação. (2014, p. 3)

Mas essa negação (que é uma afirmação pessoal, sem nenhum contato concreto com o ato de “fazer o mal”), e manifestações contrárias a quem crê, não são vistas com bons olhos. O ateísmo durante toda a história não somente foi visto como uma anormalidade, como também uma ameaça. “Que importância tem, para aqueles que creem, que outros não creiam e vice-versa?” (2014, p. 6). Essa intolerância de ambos os lados abre as brechas para a criação de confrontos, e estes, muitas vezes, são causados através do humor. Da mesma forma que um cristão pode se manifestar e dizer que um ateu vai para o inferno, o mesmo ateu sente-se no direito de fazer piada com algo que ele não acredita, atingindo assim aquele que o mandou para o inferno, local este que ele não acredita existir. Aí é um círculo vicioso de intolerância, liberdades, interpretações, humores, acusações e processos judiciais. A grande questão é que hoje temos um número expressivo de ateus “enrustidos” e cristãos “fora do armário”, o que faz com que o ateísmo manifestado abertamente seja desconfortável, aparentemente agressivo, encarado como algo ruim e tratado com desdém.

Mas o ateísmo não é somente uma atitude de recusa, rejeição ou indiferença, que só poderia ser definido em relação às religiões. Ele é também uma atitude positiva, construtiva e autônoma. Como de costume, contrariamente aos pressupostos da historiografia religiosa, o ateu não é aquele que não crê. O ateu crê também –

não em Deus, mas no homem, na matéria, na razão. (2014, p. 28)

Segundo Minois, em Platão encontramos a origem da opinião pejorativa a respeito do ateísmo, onde se estreita a relação entre descrença e imoralidade. Com a fórmula “Se Deus não existe, tudo é permitido”, Platão direciona aos ateus o “tudo é permitido”, portanto, todas as imoralidades, vulgaridades e grosserias.

As fontes da moral encontravam-se até então no mundo humano, que não era fundamentalmente diferente do divino. Separando os dois e colocando os valores imutáveis do lado dos deuses, Platão transforma os ateus em seres imorais, sem normas absolutas de conduta, incapazes de obedecer a outra coisa senão as suas próprias paixões. Começa então a repressão ao ateísmo em nome da moral e da verdade. O dualismo do ser traz o maniqueísmo da ação: o bem e o verdadeiro contra o mal e o erro. (2014, p. 51)

O confronto entre bem e mal, verdade e erro, culminou em castigos, repressões, perseguições, assassinatos, inquisições e campos de concentração em nome de Deus, do bem, da moralidade. Em proporções significativamente menores, o ateísmo ainda carrega esse estigma histórico e faz com que os que se auto declarem ateus, gerem uma certa resistência. E se, além de ateus, ainda se manifestarem contrários aos que creem, os confrontos reacendem antigas questões. Antônio Magalhães no livro *Religião, crítica e criatividade* nos fala sobre este confronto da vida com Deus e sem Deus:

A vida sem Deus ou a vida com Deus é uma questão crucial. Sim, porque se Deus existe, então a vida precisa se posicionar em relação a ele, mas se ele não existe

então fatalmente a vida tem que reportar a uma ausência. A religião em sua defesa de Deus e a crítica à religião em defesa da inexistência de Deus partem de uma pergunta pela condição humana, numa tentativa de resposta à sua radical finitude. (2012, p. 35)

Richard Dawkins, um pesquisador e escritor ateu de relevância, em sua obra *Deus – Um delírio*, se manifesta de forma irônica à frente das crenças a respeito da existência de Deus, e questiona a importância dada à religião:

Não sou a favor de ofender nem magoar ninguém. Mas fico intrigado e espantado com o privilégio desproporcional da religião em nossas sociedades ditas laicas. Todos os políticos têm de se acostumar às caricaturas desrespeitosas de seu rosto, e ninguém faz atos públicos em sua defesa. O que a religião tem de tão especial para que asseguremos a ela um respeito tão privilegiado e singular? Como disse H. L. Mencken: “Devemos respeitar a religião do outro, mas só no mesmo sentido e na mesma proporção com que respeitamos a sua teoria de que sua mulher é linda e seus filhos são inteligentes. (2006, p. 53 e 54)

Dawkins, através de suas colocações, nos instiga a pensar na religião como algo extremamente pessoal e que não deveria estar acima de nenhum outro tipo de gosto ou opção. Por manifestar suas ideias a respeito da inexistência de Deus e sobre o ateísmo, o autor publicou o vídeo *Love Letters to Richard Dawkins (Cartas de amor para Richard Dawkins)*²⁸, lendo as mensagens que recebe de cristãos. Ele as denomina sarcasticamente de

²⁸ A tradução utilizada das *Cartas de Amor para Richard Dawkins* são as legendas do vídeo postado no Youtube.

“amáveis cartas” e “correspondências caridosas”. Entre algumas está:

Estou enojada de ouvir a respeito de você e sua teoria da evolução. Você pode ter evoluído de macacos, mas me deixe fora disso. Você já tentou fazer amor com um macaco? Eu não ficaria surpresa se tivesse feito, uma vez que os sodomitas estão administrando todas as nossas universidades. Mas de qualquer jeito, espero que você seja mesmo sodomizado por macacos satânicos no inferno. Sinceramente, uma filha criada no Nosso Senhor.

Podemos identificar na mensagem citada acima, a persistente ideia negativa existente contra o ateísmo, a confusão que se cria entre o fato de não crer num deus e por isso ser uma má pessoa, o ódio impregnado num discurso pseudo-cristão e, involuntariamente, a comicidade causada pela leitura da mensagem. Em outra carta, o tom agressivo se torna mais evidente:

(...) O que você achará quando você estiver sendo regado no caldo da indignação justa de Deus? Estou ansioso para observar do meu lugar no paraíso as torturas requintadas que sofrerá pelas mãos de Deus justo e amoroso a quem você rejeitou. (...) Deus te abençoe.

Esta carta é um acúmulo de contradições entre o “ser cristão” e o “amor ao próximo”, requintes de crueldade e prazer com a desgraça do outro que pensa e age diferente. Discurso de ódio maquiado de crença que faz com que o diferente, o oposto, cause revolta e indignação exagerada e perigosa. Estas manifestações e a proposta do vídeo de Richard Dawkins tem justamente o objetivo de pontuar a contradição existente em alguns

cristãos e constatar a forma como lidam equivocadamente com o ateísmo.

4.3. CONFRONTO ENTRE AS LIBERDADES: DE EXPRESSÃO E RELIGIOSA

*“Aprendi a não tentar convencer ninguém.
O trabalho de convencer é uma falta de respeito,
e uma tentativa de colonizar o outro”.*
(José Saramago)

No dia sete de janeiro de 2015, ocorreu na França o atentado à redação do jornal *Charlie Hebdo*, um semanário satírico de extrema esquerda. Apesar de o ataque não estar ligado ao cristianismo, mas ao islamismo, a observação do evento levanta algumas considerações a respeito da liberdade de expressão e a liberdade religiosa.

O trabalho do jornal ficou mundialmente conhecido em 2006 por republicar charges cômicas com o profeta Maomé, e, a partir daí, ser alvo de ataques e críticas de grupos islâmicos. Vale notar que os redatores não poupavam as demais religiões, como judaísmo, catolicismo, entre outras.

Em um artigo do site Diário do Centro do Mundo, Paulo Nogueira propõe a leitura do atentado a partir de dois tipos de humor politicamente incorreto: “Um é destemido, porque enfrenta perigos reais. O outro é covarde, porque pisa nos fracos.”. E considera que os cartunistas do *Charlie Hebdo* faziam parte do primeiro grupo. Stéphane Charbonnier, o Charb, editor do *Charlie Hebdo*, em uma entrevista, respondendo se não temia vingança do estado islâmico acerca das charges sobre Maomé, disse: “Prefiro morrer de pé a viver como um rato”. Segundo o autor do artigo:

Charb poderia recuar diante dos riscos. Mas, para ele e seus companheiros, isso equivaleria a viver como um rato. Charb não conseguiria mais olhar para o espelho. Não se reconheceria, não se respeitaria.

(...) Charb verdadeiramente viveu — e morreu — pela liberdade de expressão. É justo tratá-lo como um mártir da liberdade de expressão, e reverenciá-lo enquanto existir alguma coisa parecida com jornalismo. Os caricaturistas mortos não espezinharam minorias impotentes. O problema deles era com algo — o fundamentalismo islâmico — que os impedia de se expressar no mesmo tom que usaram tantas vezes para debochar de outras religiões.²⁹

A partir desse ponto de vista, os cartunistas estavam exercendo a sua liberdade de expressão, podendo se manifestar e fazer piada com o que bem entendessem, desde que não fossem covardes. Mas nem todos analisam da mesma forma, porém, algumas generalizações podem tornar o assunto raso e pueril. No artigo de Plínio Zúñica, um dia após ao ataque, do site Opera Mundi publicado no site Brasil 247, o autor manifesta contrariedade ao slogan “Je suis Charlie” (“Eu sou Charlie”), que se alastrou pelas redes sociais e capas de jornais por todo o mundo:

O slogan é atrelado à ideia de que o que ocorreu ontem na França implica um atentado contra a liberdade de imprensa e valores democráticos ocidentais; implica dizer que toda imprensa é livre pra publicar irresponsavelmente qualquer conteúdo; implica dizer que o direito de zombar de uma religião é o mesmo que lutar pelo estado laico; e implica, principalmente, que o ataque foi simplesmente resultado do extremismo (ou da falta de senso de

²⁹ Disponível em <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/a-diferenca-entre-o-politicamente-incorreto-do-charlie-hebdo-e-o-politicamente-incorreto-de-gentili-e-derivados/>>, consultado em 05/03/15

humor) religioso diante de uma crítica “ácida e sagaz”, excetuando-se todo o contexto de marginalização e discriminação da comunidade muçulmana na França. Principalmente, implica ignorar à que se propõe e quais os efeitos dessas charges no contexto político-ideológico de um país com níveis alarmantes de racismo.
30

O slogan “Je suis Charlie” foi assumido como bandeira sem se compreender de forma mais abrangente o que ele significava. Muitas pessoas se manifestaram a favor dos cartunistas, muito mais pela forma como eles foram mortos, do que pelo trabalho que eles desenvolviam. Ainda com referência ao slogan, criou-se outra vertente a partir da mesma ideia, o “Je ne suis pas Charlie” (Eu não sou Charlie). No seu blog pessoal, o teólogo Leonardo Boff compartilha um texto em que explica por que “não é Charlie”:

Na religião muçulmana, há um princípio que diz que o Profeta Maomé não pode ser retratado, de forma alguma. Esse é um preceito central da crença Islâmica, e desrespeitar isso desrespeita todos os muçulmanos. Fazendo um paralelo, é como se um pastor evangélico chutasse a imagem de Nossa Senhora para atacar os católicos... Qual é o objetivo disso? O próprio Charb falou: 'É preciso que o Islã esteja tão banalizado quanto o catolicismo'. 'É preciso' por que? Para que?
31

30

Disponível

em:

<<http://www.brasil247.com/pt/247/mundo/166161/Porque-eu-n%C3%A3o-sou-Charlie.htm>>, consultado em 05/03/15

³¹ ibidem

Essas indagações fazem com que o debate fique acirrado e não se chegue a conclusões precisas a respeito do tema. A necessidade de fazer humor com a religião fica num limiar entre direito de se manifestar a respeito de algo que não se acredita e agredir quem crê. Plínio Zúnica, faz uma reflexão acerca do riso no mesmo artigo citado, se autoquestionando “A quem faz rir o humor do Charlie Hebdo?”:

Não existe piada sem um alvo, e o senso de humor tem poder político por natureza. Piadas podem ser um meio de contestação ou de sedimentação do senso comum, do status quo dominante. Quando um humorista faz uma piada racista, está endossando o racismo de quem ri, criando no riso um lugar seguro pra que os estereótipos racistas cresçam, legitimando ignorância e raiva, disfarçados de senso de humor. As pessoas formam suas concepções de mundo, de certo e errado, de verdade e justiça, muito mais através de piadas e slogans simplistas do que de resoluções da ONU e tratados de sociologia.³²

O autor nos diz que aprendemos e absorvemos informações, estereótipos e preconceitos a partir de manifestações humorísticas. O riso informa e forma. Mas aí voltamos à questão referente ao “expectador modelo”, quando o olhar externo faz da criação humorística uma forma de crítica, entretenimento ou contribuição para a sua formação e percepção de mundo. O observador absorve de formas diferentes de acordo com sua história pessoal, formação e leituras prévias acerca do mesmo tema da criação humorística e, portanto, as leituras de quem tem uma

³² ibidem

formação religiosa tendem a ser contrárias às criações satíricas, por conta da formação e conhecimento prévio.

No blog da editora *Boitempo*, Boaventura de Souza Santos³³ nos instiga a pensar sobre o conceito de liberdade de expressão e sua atuação diferenciada diante da realidade de cada situação que a liberdade é exposta. Ele informa que a liberdade de expressão:

É um bem precioso mas tem limites, e a verdade é que a esmagadora maioria deles são impostos por aqueles que defendem a liberdade sem limites sempre que é a ‘sua’ liberdade a sofrê-los. Exemplos de limites são imensos: se na Inglaterra um manifestante disser que David Cameron tem sangue nas mãos, pode ser preso; na França, as mulheres islâmicas não podem usar o hijab; em 2008 o cartunista Maurice Siné foi despedido do *Charlie Hebdo* por ter escrito uma crônica alegadamente antissemita. Isto significa que os limites existem, mas são diferentes para diferentes grupos de interesse.³⁴

Cada país tem suas especificidades e cada humorista está inserido em um contexto, e, este, deve considerar as questões geográficas, políticas e as leis de cada local. O limite da liberdade de expressão pode ser claramente definido (como no estado

³³ Boaventura de Souza Santos é um Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, *Distinguished Legal Scholar* da Faculdade de Direito da Universidade de Wisconsin-Madison e *Global Legal Scholar* da Universidade de Warwick. É também diretor do Centro de Estudos Sociais e Coordenador Científico do Observatório Permanente da Justiça Portuguesa - ambos da Universidade de Coimbra.

³⁴ Disponível em: <<http://blogdaboitempo.com.br/2015/01/14/charlie-hebdo-uma-reflexao-dificil/>>, consultado em 05/03/15

islâmico), como mais difícil de determinar (como no Brasil, onde temos um país laico e uma bancada religiosa no Congresso Nacional). Pensando na realidade brasileira e no objeto de estudo dessa pesquisa, podemos perguntar: Devemos considerar alguns limites quando o assunto é humor e religião, ou pode-se fazer piada de tudo? Gregório Duvivier, humorista e redator do *Porta dos Fundos*, em entrevista ao *Jornal Diário Catarinense* intitulada “A fé dos outros não pode ser intocável”, quando perguntado: “O atentado contra o *Charlie Hebdo*, na França, levantou a questão sobre os limites do humor: Na sua opinião, haveria mesmo limite?”, respondeu:

O limite do humor é o mesmo da imprensa: a calúnia, a difamação, a incitação ao ódio, os crimes já previstos por lei. A *Charlie Hebdo* não cometeu nenhum desses crimes. O único crime foi ridicularizar o sagrado, o que não é um crime previsto na lei francesa, apenas na lei islâmica. A fé dos outros não pode ser intocável. Se as charges são de bom ou mau gosto não vem ao caso. É importante louvar a coragem dos cartunistas que não estremeeceram frente ao ódio.³⁵

Essa perspectiva do ódio, expressa por Gregório Duvivier, que faz um humor similar ao *Charlie Hebdo*, permite que se entenda porque o *Porta dos Fundos* sofreu ameaças diversas vezes por religiosos a respeito de seus vídeos com temática cristã, mas

³⁵ DUVIVIER, Gregório. Entrevista ao jornal *Diário Catarinense*. *A fé dos outros não pode ser intocável*. Florianópolis, 1º de fevereiro, p. 20 e 21: *Diário Catarinense*, 2015.

em proporções bem menores. O próprio coletivo de humor foi processado por um de seus vídeos e foi absolvido pela justiça.³⁶

Fábio Portchat, também humorista e roteirista do *Porta dos Fundos*, no artigo *Humor é ferir a moral e bons costumes*, publicado no Jornal *O Estado de São Paulo*, também se manifesta a respeito da liberdade de expressão:

Você come carne de vaca? Se não come, conhece pessoas que comem e acha isso relativamente normal. Inclusive, frequenta ambientes onde as pessoas comem carne de vaca enquanto você está presente. Então, só que para alguns hindus a vaca é um animal sagrado, representação de Deus na Terra. E agora? Você assassinou o Deus deles e ainda o comeu. Isso pode? Ué, mas a gente não tinha que respeitar a fé das pessoas? A vaca faz parte da fé de alguém.³⁷

Depois de enumerar uma série de crenças variadas, desde “Tem gente que acha que uma vez por semana você não pode trabalhar”, passando por “Tem gente que acha que não pode fazer transfusão de sangue”, até “Tem gente que acha bom deixar um prato com farofa e frango numa encruzilhada”, Porchat finaliza o artigo:

³⁶ A Justiça paulista arquivou o processo movido pelo deputado federal e pastor Marco Feliciano, em 2013, contra o Porta dos Fundos, após o grupo postar vídeo de Natal que parodiava passagens bíblicas. O deputado federal acusou os humoristas de “ultraje a culto e impedimento ou perturbação de ato a ele relativo”. Mas o Ministério Público entendeu que não houve ofensa à religião.

³⁷ Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,humor-e-ferir-a-moral-e-os-bons-costumes--,1032725,0.htm>>, consultado em 05/03/15

Por que os hindus idolatram a vaca eu tenho que parar de comer picanha? Por que os muçulmanos acreditam que não se pode desenhar Maomé eu tenho que parar de desenhar Maomé? Por que os católicos acham errado transar a não ser que eu seja casado eu tenho que parar de transar? E o dia que um maluco acreditar que beber água é pecado? Aí, a gente faz o quê? Tolerância religiosa é uma coisa, cada um acredita no que bem entender. Mas a sua crença não pode interferir na minha vida. Eu não posso ser tolhido das minhas ações porque você acredita numa fábula que você chama de religião.³⁸

O grande problema dos limites entre liberdade religiosa e liberdade de expressão é que um sempre interfere no terreno alheio de alguma forma. Para um se manifestar, o outro é atingido direta ou indiretamente, proposital ou despropositadamente, o que faz com que os limites não sejam definidos e claros. Por conta disso, os choques continuarão a acontecer, o humor continuará a se utilizar da religião como material criativo e crítico, os religiosos vão continuar se incomodando e dissertações com este tema continuarão sendo feitas.

Uma piada que circula pela internet resume de certa forma a relação entre religião e liberdade de expressão no contexto do *Porta dos Fundos*: “Religião é igual pênis: Algumas pessoas têm, outras não. É legal ter orgulho do seu. A de algumas pessoas é mais usada que de outras. Mas mesmo assim não é legal enfiar goela abaixo das crianças ou sair exibindo a sua pela rua para quem não tem o menor interesse de ver”.³⁹

³⁸ ibidem

³⁹

Disponível em:
 <<https://www.facebook.com/ATEA.ORG.BR/posts/356499451047310>>,
 acessado em 10 nov. 2015.

5. BRECHAS COMO PONTO DE PARTIDA PARA A CRIAÇÃO HUMORÍSTICA

“Quem olha pra vida seriamente não pode ser humorista”
Wieland

“Contar histórias é sempre a arte de repetir histórias”
Walter Benjamin

Após transitar pelos meandros do riso, do cristianismo e da subversão nos primeiros capítulos, passando pela metodologia escolhida para a análise do objeto e apresentação do mesmo, e também investigar algumas questões importantes para a compreensão do tema proposto (o espectador, o ateísmo e as liberdades de expressão e religiosa), chega a hora de analisar efetivamente o cristianismo pela *Porta dos Fundos*. Como já previamente estabelecido no subcapítulo 3.2 *A soleira da Porta dos Fundos*, o foco das análises dos vídeos escolhidos se dará através da identificação da brecha, a partir do conceito de soleira/confim proposto por Massimo Cacciari e, posteriormente, identificando uma assinatura no conjunto dos vídeos, bem como nos propõe Giorgio Agamben em *Signatura Rerum*. Como já definido, a proposta é analisar os vídeos *Especial de Natal (2013)*, *Dez Mandamentos*, *Bíblia*, *Deus*, *Cura* e *Pão Nosso*, subdivididos em três categorias: paródias, doutrinas/dogmas e crítica político-sócio-cultural. Cada um dos vídeos selecionados oferece uma diversidade de leituras e referências a partir de sua análise, mas me ateei a identificar a brecha e pontuar algumas questões teóricas e analogias com outras manifestações humorísticas que utilizem o mesmo preenchimento de espaço, para dar conta do foco metodológico que me propus.

Utilizar um texto como a Bíblia e suas doutrinas/dogmas para reescrever uma história gera uma série de questionamentos. Uma autora que acredito dar conta das questões que irei analisar nos vídeos é Linda Hutcheon, com duas de suas obras: *Uma teoria da adaptação* e *Uma teoria da paródia*. No primeiro livro, a autora nos fala que a adaptação sofre de uma “persistente depreciação como secundária e derivativa, tanto por parte da mídia popular

quanto pelo discurso acadêmico” (2013, p. 10). Segundo a autora, a adaptação em si já sofre preconceito por se distanciar de uma obra original da qual se deriva e, no caso do texto bíblico, questões de cunho religioso ligados às crenças e à fé agregam maiores críticas e desconfortos quando adaptadas e parodiadas. Hutcheon ainda nos fala acerca da importância da adaptação em diversas culturas:

(...) a adaptação é (e sempre foi) central para a imaginação humana em todas as culturas. Nós não apenas contamos, como também recontamos nossas histórias. E recontar quase sempre significa adaptar – “ajustar” as histórias para que agradem ao seu novo público. (2013, p. 10)

Segundo a ideia da citação acima, esses ajustes nas histórias – no caso do *Porta dos Fundos*, às bíblicas – tendem a agradar um novo público, mas também a desagradar outro que tem como forte referência e como única verdade a obra base – a Bíblia. Hutcheon afirma que “(...) ser um segundo não significa ser secundário ou inferior; da mesma forma, ser o primeiro não quer dizer ser originário ou autorizado” (2013, p. 13) A adaptação, segundo a autora, pode “(...) lidar com elementos como ponto de vista, interioridade/exterioridade, tempo, ironia, ambiguidade, metáforas e símbolos, além de silêncios e ausências” (2013, p. 15). Creio que, no objeto de análise, as questões citadas pela autora dão conta da forma como o trabalho é realizado e, mais especificamente a respeito das brechas para a criação humorística, os “silêncios e ausências” são uma fonte recorrente de estímulo criativo.

Nos vídeos do *Porta dos Fundos*, podemos perceber um estilo de humor que tende a gerar o desconforto aos que se prendem unicamente ao texto de origem. A respeito disso, Hutcheon fala sobre esse desconforto: “Se a adaptação é vista como uma ‘vulgarização’ da história (em conformidade com alguma hierarquia de mídia e gênero imaginada), a resposta tem tudo para ser negativa” (2013, p. 23). A “vulgarização” está presente no olhar

do espectador em alguns esquetes e, em outros, já na realização da obra. Nos vídeos aqui elencados, acredito que se encaixam mais na visão que se tem deles do que efetivamente o que eles pretendem comunicar, como veremos adiante. A questão da interpretação, do olhar, do que se quer ver com o que se assiste, é importante para conseguir identificar a brecha que está ali preenchida no vídeo, e também identificar “(...) uma mudança de foco e, portanto, de contexto: recontar a mesma história de um ponto de vista diferente, por exemplo, pode criar uma interpretação visivelmente distinta” (2013, p. 29).

Ao longo de mais de dois mil anos, as histórias foram contadas e recontadas e, hoje, estão sendo utilizadas ainda de formas distintas, sempre em movimento. Hutcheon nos fala a respeito da viagem que o texto faz, das mudanças que ele sofre, das diferentes mídias em que transita e, assim, das diferenças que geram “mutação” no resultado:

As histórias não são imutáveis; ao contrário, elas também evoluem por meio da adaptação ao longo dos anos. Em alguns casos, tal como ocorre na adaptação biológica, a adaptação cultural conduz a uma migração para condições mais favoráveis: as histórias viajam para diferentes culturas e mídias. Em resumo, as histórias tanto se adaptam como são adaptadas. (...) As histórias são, de fato, recontadas de diferentes maneiras, através de novos materiais e em diversos espaços culturais; assim como os genes, elas se adaptam aos novos meios *em virtude da* mutação – por meio de suas ‘crias’ ou adaptações. E as mais aptas fazem mais do que sobreviver; elas florescem” (2013, p. 58 e 59)

Para a autora, a paródia seria uma “subdivisão irônica da adaptação” (2013, p. 226). O olhar crítico acerca da obra parodiada é o que a diferencia da adaptação. “As paródias têm acesso legal a

um argumento adicional que as adaptações, *como adaptações*, não podem de fato utilizar: o direito de comentar criticamente uma obra anterior” (2013, p. 130). No caso do objeto de pesquisa aqui definido, a escolha de alguns temas, citações bíblicas e derivações do tema, são uma opção criativa que além de fazer rir também se propõem a apresentar artisticamente um ponto de vista, um olhar irônico e uma crítica religiosa, social ou política. A respeito dessa questão, Hutcheon ainda nos diz:

É claro que os adaptadores devem ter suas próprias razões pessoais, primeiro para decidir fazer uma adaptação, depois para escolher que obra adaptar e em qual mídia fazê-lo. Eles não apenas interpretam essa obra como também assumem uma posição diante dela. (2013, p. 133)

Já no livro *Uma Teoria da Paródia*, Linda Hutcheon propõe a sua definição de paródia, que me interessa aqui enquanto conceito mais claro, conciso e elucidativo. A autora sugere a existência de dois sentidos para a definição de paródia: o primeiro onde “um texto é confrontado com outro, com a intenção de zombar dele ou de o tornar caricato” (1985, p. 48), e o segundo sentido que “alarga o escopo pragmático da paródia” (1985, p. 48), ampliando o espaço de discussão e que, aqui, me interessa mais. Sobre a paródia e a relação com quem a absorve, nos fala a autora:

A paródia é igualmente um gênero sofisticado nas exigências que faz aos seus praticantes e intérpretes. O codificador e, depois, o decodificador, têm de efetuar uma sobreposição estrutural de textos que incorpore o antigo no novo. A paródia é uma síntese bitextual (Golopentia-Eretescu 1969, 171), ao contrário de formas mais monotextuais, como o *pastiche*, que acentuam a semelhança e não a diferença. Em certo sentido, pode dizer-se que a paródia se assemelha à metáfora.

Ambas exigem que o descodificador construa um segundo sentido através de interferências acerca de afirmações superficiais e complemente o primeiro plano com o conhecimento e reconhecimento de um contexto em fundo. (1985, p. 50)

A partir desta explanação na citação acima, podemos identificar a diferença que Hutcheon define entre uma paródia, que foca na semelhança e cai na caricatura e na zombaria, e uma outra que coloca um holofote sobre as diferenças e exige do leitor/espectador a união entre ambos os textos. Portanto, para a autora:

(...) a paródia é, pois, repetição, mas repetição que inclui diferença (Deleuze 1968); é imitação com distância crítica, cuja ironia pode beneficiar e prejudicar ao mesmo tempo. Versões irônicas de << transcontextualização >> e inversão são os seus principais operadores formais, e o âmbito de ethos pragmático vai do ridículo desdenhoso à homenagem reverenciada. (1985, p. 54)

Tomando por base a definição citada, posso aproximar o trabalho realizado pelo *Porta dos Fundos* a este conceito de paródia, onde há um olhar crítico e irônico, que pode transitar entre uma ótima recepção e uma crítica mais ferrenha, de acordo com o olhar externo a respeito da repetição, inversão e diferença evidenciada pela criação do grupo.

Já Odília Carreirão Ortiga, em sua tese de doutorado *O riso e o risível em Millôr Fernandes: O cômico, o satírico e o "humor"*, também nos apresenta algumas reflexões importantes a respeito da paródia. Complementando o que nos diz Hutcheon, Ortiga nos instiga a pensar um leitor/espectador diferenciado, onde: “Do leitor exige-se o abandono da zona estéril da passividade do ‘olhar’, para afundar-se na zona fértil e criativa do ‘ver’. Olhar

não basta, o bastante é ver”. (1992, p. 21). Quem olha deve passar a ver, aprofundar o olhar e transcender este contato para poder enxergar as entrelinhas, os subtextos, as nuances e críticas ali expostas pela criação humorística. A ironia é um meio de se fazer a crítica, mas existe um abismo entre quem cria e quem consegue alcançar a proposta de quem ironiza. A respeito da ironia, a autora nos diz:

Mas permanece o uso da velha arma dos gregos antigos, a ironia, agora como uma metáfora do não resolvido paradoxo do homem diante de uma sociedade que, cada vez mais, ameaça esmagá-lo. Assim o uso da ironia, da paródia, de todas as formas de inversão, são maneiras de apresentar uma situação quase impossível de ser apresentada de outra, configurando, simultaneamente, a denúncia e a resistência. (1992, p. 38)

Já a respeito especificamente da paródia, Ortiga nos apresenta um olhar sobre a obra de Millôr Fernandes, que acredito poder servir para uma abordagem no *Porta dos Fundos*. Aproximo ambos, tanto por se tratar de obras que expressam o diálogo diferenciado entre criadores e espectadores/leitores, quanto uma inversão irônica que sustenta o trabalho e uma visão crítica e de protesto impressa na obra criada, além também de criarem obras que subvertem o texto bíblico:

Na adição da paródia, escrita sobre outra escrita, o escritor inscreve um texto em outro texto, estabelecendo um diálogo entre as visões de mundo que eles expressam. E esse diálogo pode estabelecer relações que tanto podem ser de "canto paralelo" ou de "canto de protesto". Em Millôr Fernandes, a paródia quase sempre se inscreve na segunda hipótese, ou seja, de marcar uma inversão

irônica e estabelecer uma relação de estranhamento com o texto parodiado. A tônica desse proceder é a adoção da inversão irônica entre a forma de expressão e a matéria de seu conteúdo. Também iterativo é o aproveitamento paródico do discurso bíblico, em especial da gênese. A Bíblia é uma obra muito heterogênea em sua escritura, pois há uma diferença acentuada de estilo entre os diversos livros, como a "Gênese", o "Livro de Jó" e o "Apocalipse". Dentre esses, o discurso da "Gênese" é o mais parodiado por Millôr, talvez por deixar transparecer um estilo autoritário, o que provoca a reação contestatória do escritor. Contudo, não ousamos levantar hipótese com relação a este procedimento, que, em Millôr, assume a forma irônica de "ruptura com o passado" (1992, p. 182)

Outro autor que traz uma reflexão acerca do universo das brechas é Luigi Pirandello, na obra *O Humorismo*. Pirandello nos apresenta um olhar que permite pensar o preenchimento da brecha justamente do âmbito da dúvida, que é o que acredito ser o que o *Porta dos Fundos* faz através dos seus esquetes:

Para o povo a história não é escrita; ou, se é escrita, ele o ignora ou não se importa com isso; a sua história, ele a cria para si, e de um modo que responda a seus sentimentos e suas aspirações. (...) a necessidade do povo é sempre outra: a de crer e não de duvidar minimamente daquilo que lhe apraz crer" (1999, p. 88)

Na perspectiva de Pirandello, citada acima, podemos fazer referência ao olhar do espectador aos vídeos com temática cristã aqui analisados. Neste ponto de vista, a crença de uns sobrepõe-se à aceitação da existência da dúvida, fazendo com que o que se

acredita *a priori*, se torne verdade inabalável e o que é criado a partir daquilo que se acredita, seja encarado de forma a ignorá-lo ou, em alguns casos, atacá-lo.

Como o trabalho é realizado a partir de vídeos, ou seja, imagens, busquei em Jacques Derrida algumas considerações que acredito serem pertinentes para as análises que seguem. Ao assistir aos vídeos, as imagens não devem estar deslocadas do roteiro, um complementa o outro. As locações, os figurinos, as interpretações dão o tom dos esquetes. O roteiro lido e o roteiro assistido são distintos, pois o resultado final é o conjunto que agrega diversas áreas que culminam no que assistimos e, consequentemente, no que interpretamos do que vemos. Derrida contribui com esse pensamento, quando afirma, na obra *Pensar em não ver*:

Eu não acredito absolutamente na ideia de que se deveria separar as imagens – o cinema puro – da fala; elas são da mesma essência, a de uma ‘quase apresentação’ de um ‘ele mesmo ali’ do mundo cujo passado esta, para sempre, radicalmente ausente, irrepresentável em sua presença viva. (2012, p. 386)

É interessante perceber que o conceito de brecha, soleira, confim, não está somente no texto, mas também no que emerge do texto e se apresenta na imagem, na cena criada, no texto falado, interpretado e repleto de nuances. Derrida nos fala sobre essa relação intensa entre a palavra e a imagem que:

O que conta na imagem não é simplesmente o que é imediatamente visível, mas também as palavras que habitam as imagens, a invisibilidade que determina a lógica das imagens, isto é, a interrupção, a elipse, toda essa zona de invisibilidade que força a visibilidade” (2012, p. 390)

A invisibilidade, acima descrita por Derrida, me faz conectar esta ideia com o espaço que está ali, que é preenchido pelo espectador e a partir do seu olhar, transforma-a em visibilidade. Seria a assinatura de que fala Giorgio Agamben, que faz emergir algo justamente onde não é visto, na invisibilidade. É uma singularidade, algo que é identificado a partir do contato.

(...) a imagem enquanto imagem é trabalhada no corpo por invisibilidade. Não forçosamente a invisibilidade sonora das palavras, mas uma outra invisibilidade, e creio que o anacoluto, a elipse, a interrupção formam talvez o que esse filme guarda de próprio. O que se vê no filme tem certamente menos importância do que o não dito, o invisível que é lançado como um lance de dados, que será ou não substituído (cabe ao destinatário responder) por outros textos, outros filmes” (DERRIDA, 2012, p. 391)

Agora que fiz um apanhado teórico a respeito das questões referentes à paródia, à adaptação e às formas de preenchimento de brechas como ponto de partida para a criação humorística, me ateei à identificação efetiva das brechas, primeiramente nos vídeos *Especial de Natal (2013)* e *Dez Mandamentos*, que se enquadram especificamente nos esquetes criados no formato de paródia. Posteriormente, analisarei dois vídeos referentes à doutrina/dogma – *Bíblia e Deus* –, estabelecendo a diferença entre a definição de doutrina e dogma. E, finalmente, os vídeos *Cura e Pão Nosso*, que dão conta das críticas ao contexto sócio-político-religioso atual do país.

Acredito que as considerações feitas nesse capítulo, não servem unicamente para os vídeos paródicos, mas para o contexto geral dos vídeos elencados nesta pesquisa.

5.1. ESPECIAL DE NATAL

Figura 9: “Especial de Natal”.



Fonte: Disponível em https://i.ytimg.com/vi/2VEI_tn090c/maxresdefault.jpg acessado em 14/08/2015

O vídeo *Especial de Natal*, do ano de 2013 (pois houve outros nos anos subsequentes), já foi citado no capítulo 3, quando aprofundadas as questões sobre a abordagem do riso pelo *Porta dos Fundos*. No referido capítulo, transcrevi a cena inicial da Anunciação do Anjo Gabriel a Maria com a presença de Deus e José, e elenquei algumas brechas no texto original e a sua utilização na paródia feita. Além desta cena inicial, este vídeo apresenta mais quatro cenas: a primeira com os três reis magos em torno da desproporcionalidade dos presentes a Jesus (ouro, incenso e mirra). A segunda em um jantar de família entre José, Maria, Jesus e Maria Madalena, aludindo a uma relação entre Jesus e a “autônoma” Maria Madalena. A terceira, uma cena sobre a dificuldade de Jesus conseguir uma mesa em uma taberna para a última ceia. E, finalmente, a crucificação. Entre as cenas, há a intervenção de um personagem (Papai Noel), que não servirá como objeto de análise aqui. Outra questão de cunho teórico a considerar é o fato de o especial ser de Natal, e a sequência de cinco cenas caminharem

desde o anúncio da gravidez de Maria até a crucificação de Cristo, que já é Páscoa. Mas como o foco é observar as brechas de cada cena individualmente, não me atarei nessa incongruência temporal e cronológica.

Como este vídeo foi o primeiro *Especial de Natal* que o grupo realizou, em dezembro, logo após o início dos trabalhos do *Porta dos Fundos*, em agosto de 2013, houve uma série de repercussões negativas por parte de religiosos e do público. A indignação chegou ao arcebispo metropolitano de São Paulo, cardeal Dom Odilo Scherer, que publicou crítica ao grupo em sua conta no Twitter: "Será que isso é humor? Ou é intolerância religiosa travestida de humor? Péssimo mau gosto"⁴⁰. Para o pastor e deputado Marco Feliciano, em entrevista ao site *Terra*, o especial feito pela produtora tem "conteúdo altamente pejorativo, utilizando-se inclusive de palavras obscenas, e de forma infame atacou os dogmas cristãos e a fé de milhares de brasileiros que comungam deles, ferindo dialeticamente o direito fundamental à liberdade religiosa". Por conta dos "danos", Feliciano solicitou que a produtora pagasse 1 milhão de reais em indenização. Segundo a assessoria do parlamentar, esse valor seria encaminhado a hospitais das Santas Casas de Misericórdia. Na época, o pastor/deputado entrou com uma representação no Ministério Público pedindo também que os atores que participaram do vídeo - entre eles Fábio Porchat, Gregorio Duvivier, Clarice Falcão, Marcos Veras e Rafael Infante - fossem investigados. De acordo com a representação, o *Especial de Natal*:

(...) causou latente perturbação física e mental em milhares de brasileiros que comungam da mesma fé, atingindo toda uma coletividade, razões que levam também a possibilidade da violação de

⁴⁰ SCHERER, O. "Será que isso é humor? Ou é intolerância religiosa travestida de humor? Péssimo mau gosto!". São Paulo, 5/jan/2014. @DomOdiloScherer. Disponível em: <<https://twitter.com/domodiloscherer/status/419974424377704449>>.

direitos transindividuais e
consequentemente a necessidade de
reparação civil.⁴¹

Posteriormente, o Ministério Público arquivou o processo por entender que não houve ofensa à religião. A partir disso, uma série de outros vídeos com temática cristã foram feitos pelo grupo, e o burburinho acerca deles diminuiu. Podemos perceber que o humor subversivo do grupo gerou desconforto, mas seguiram adiante. Sempre haverá quem não irá concordar com a abordagem. Na Revista IHU On-line – Revista do Instituto Humanitas Unisinos, em um artigo intitulado *As raízes do riso e a ética emocional brasileira*, Marcia Junges nos fala:

(...) o humor – sobretudo, o humor que nasceu com o século XX – possui uma fortíssima vocação para a ambiguidade: se uma piada agrada e gratifica alguns, ela acaba por ferir outros. Não há remédio. Se fui eu quem escorreguei na casca da banana, eu não vou rir. Se o escorregão for de alguém que tem poder (político, pessoal ou qualquer outro), ele só não vai rir, como vai proibir os outros de rirem. (2011, p. 26)

No início do trabalho do coletivo de humor, criou-se um ambiente de confronto entre religiosos e humoristas que beneficiaram muito a difusão dos esquetes, dando visibilidade aos vídeos. Cada *post* em redes sociais de um religioso/político criticando, gerava matérias feitas pelos meios de imprensa e, consequentemente, os vídeos iam tendo mais acessos. Em

⁴¹ Declaração disponível em
<<http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/feliciano-pede-r-1-mi-em-indenizacao-por-video-de-natal-do-porta-dos-fundos,cf7c597f226b3410VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>>
acessado em 10/07/2015

dezembro de 2015, o vídeo já obtinha quase 7 milhões de visualizações no *Youtube*.

Fernando Pessoa, no canto VIII de *O Guardador de Rebanhos*⁴², nos diz sobre Jesus que “o seu pai eram duas pessoas, um velho chamado José, que era carpinteiro e que não era pai dele. E o outro pai era uma pomba estúpida”. Acredito que esta citação dá conta da grande brecha do primeiro vídeo, no qual Gabriel anuncia a gravidez de Maria a José, diante da presença física de Deus, que é o pai do seu filho com Maria, sua esposa. O fato de Jesus ser filho de Deus e de José, gera uma das primeiras lacunas em torno desta história e seus desdobramentos humorísticos aqui analisados.

A propósito, no período em que se discutia no Congresso Nacional brasileiro, a respeito do conceito de família composto somente por homem, mulher e seus descendentes, excluindo outras configurações familiares, circulou pela internet a seguinte imagem:

⁴² PESSOA, Fernando. *O Guardador de Rebanhos*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000001.pdf>, consultado em 05/01/2016

Figura 10: Jesus tem dois pais.



Fonte: Disponível em <http://4.bp.blogspot.com/-uD_9e5TNhnY/Vgd2_NdiOoI/AAAAAABbN0/TbBKp8czB9U/s320/jesus%2B2%2Bpapaiis.jpg> acessado em 16/06/2015

A imagem acima dá conta de quão complexo é o texto original, no qual Jesus, teoricamente, tem dois pais. Essa brecha é utilizada para a criação do esquete, bem como a virgindade e gravidez de Maria. A virgindade de Maria, inclusive, no vídeo, é questionada quando José afirma que Maria não é mais virgem e ela manda-o se calar. No livro *Sexo e Religião*, de Dag Oistein

Endsjo⁴³, o autor nos fala da complexidade da relação entre sexo e a figura da Virgem Maria, que está mais ligada à questão moral que o cristianismo tem com o sexo do que com a virgindade de Maria em si:

A gravidez da Virgem, cujo desdobramento todas as comunidades cristãs relacionam a Jesus, enfatizam ao extremo o ceticismo cristão em relação ao sexo como um todo. Mas essa não era a compreensão cristã original da concepção de Jesus. Nem as epístolas de São Paulo, os mais antigos textos cristãos que conhecemos hoje, nem o Evangelho de Marcos – o mais antigo deles – fazem menção ao fato de Jesus ter sido concebido sem sexo. Paulo era da opinião de que Jesus foi “estabelecido filho de Deus no poder de sua ressurreição dos mortos”, portanto, jamais poderia ter nascido filho de Deus. Ele foi feito “Filho de Deus, que, como homem, foi descendente de Davi, e nada na Bíblia sugere que Maria também provinha dessa linhagem; somente José teria como arguir para si essa ascendência. A crença na gravidez da Virgem surge primeiramente nos evangelhos escritos depois de Marcos, provavelmente em parte como objetivo de enfatizar o *status* de Jesus como filho de Deus, e em parte por conta da extensa visão negativa do sexo adotada pelos primeiros cristãos. O Evangelho de Mateus nos conta que Maria achou que estava “com o filho do

⁴³ Dag Oistein Endsjo nasceu na Noruega. É pesquisador e professor de estudos religiosos da Universidade de Bergen. Especialista na relação entre religião e sexualidade, seu livro *Sexo e Religião* foi traduzido para sete idiomas. É autor de mais seis livros sobre religião.

Espírito Santo”, ainda que a genealogia de Jesus alcance até Davi, por meio de José. No Evangelho de Lucas, Maria recebe a seguinte mensagem do anjo Gabriel: “O Espírito Santo descerá sobre ti, e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso, o ente santo que nascer de ti, será chamado Filho de Deus”. Apesar da concordância na Bíblia, a gravidez da Virgem é um dogma central no cristianismo que prevalece em quase todas as igrejas cristãs. (2014, p. 44 e 45)

Como a citação do Evangelho de São Lucas sobre a anunciação do anjo Gabriel e considerações a respeito das brechas deste vídeo foram feitas mais detalhadamente no capítulo 3, quando introduzi a metodologia de pesquisa, sigo para a análise das brechas das demais cenas deste vídeo.

No Evangelho de São Mateus, os três reis magos entram na casa onde está Maria e o recém-nascido menino Jesus e “abriram seus cofres e ofereceram-lhe presentes: *ouro, incenso e mirra*” (Mateus, 2:11). Na nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém, para os Padres da Igreja, o ouro simboliza a realeza, o incenso a divindade e a mirra a paixão de Cristo. Já na segunda cena deste vídeo do *Porta dos Fundos*, os três reis magos são vistos antes de entrar na casa e encontrar Jesus. Ali se dá uma disputa entre os três a respeito do que cada um dará de presente para o filho de Deus. Um diz que dará incenso, o outro mirra e o terceiro, Baltazar, diz que dará ouro, o que gera desconfiança e incômodo nos outros dois. Baltazar afirma que é um “presente ostentação”. Os outros dois o questionam a respeito da origem desse ouro, que Baltazar justifica ser herança de família e que tem nota fiscal para comprovar. Eis que então chega a polícia, e eles ficam tensos. Baltazar afirma que pode comprovar que o ouro é seu. Mas o rei mago que está de posse da mirra diz que a mirra não é exatamente mirra, fazendo alusão a algum composto ilícito, e estes abandonam o local.

Neste pequeno vídeo, podemos observar que foi criada uma cena que antecede a que consta no evangelho. A brecha

identificada para a criação aqui se dá através da disparidade monetária atribuída aos presentes. Apesar de cada um dos presentes ter um significado específico, a “ostentação” acerca do ouro é utilizada como mote para a criação de um conflito entre os três. Bem como, finalizar o vídeo com uma inversão de conceito em um dos presentes, onde a mirra (que é uma planta, um bálsamo) se converte em outra planta ilícita, a ponto de terem que fugir de uma polícia bíblica que surge em Nazaré. A lente de aumento e o olhar diferenciado sobre um fato aparentemente irrisório, serve como ponto de partida para toda uma cena. O humor aqui transcende o texto original e cria um outro texto, que se apropria dos personagens, dos elementos cênicos (os presentes), e cria um desfecho com inversões ilícitas e contradições entre o ambiente bíblico e o moderno (a polícia).

Esta cena me remete à primeira cena do filme *A Vida de Brian*, do Monty Python⁴⁴. Nela os três reis magos entram no casebre onde está Jesus e são recebidos por uma Maria caricata e nada receptiva, que os expulsa. Mas quando dizem que foram levar presentes – ouro, incenso e mirra – ela muda de ideia, pergunta o que é mirra e qual o signo de Jesus – que respondem ser Capricórnio. Os três reis magos perguntam qual o nome da criança e ela responde: Brian. Eles louvam a Brian e saem. Mal saem do casebre, voltam, pegam todos os presentes de volta e agridem a mulher com um empurrão que a derruba no chão. Do lado de fora eles veem o verdadeiro presépio com o menino Jesus. O filme todo é sobre Brian sendo confundido com Jesus.

Na cena deste filme, o enfoque do humor está na cena em si, e num equívoco que dá o pontapé inicial para a comédia de erros pelos quais passará Brian por toda a vida, sempre sendo confundido com Jesus, tendo nascido no mesmo dia, num casebre ao lado. O que me chama a atenção, fazendo um paralelo entre a cena do filme e o do *Porta dos Fundos* é o enfoque dado à mirra. No filme, a falsa Maria não sabe do que se trata e desdenha o

⁴⁴ Vídeo do filme *A Vida de Brian* disponível no Youtube em <<https://www.youtube.com/watch?v=JvGy6pHBQiw>>

presente, e, na cena do Especial de Natal, ela também é diminuída ao posto de droga ilícita. Em ambos os casos, a mirra é um objeto de gracejo. Talvez, por ser a mirra, entre os três presentes, o que o espectador em geral menos saiba do que se trata, nesse espaço se abre a brecha para a criação humorística, por estar no âmbito da dúvida.

No terceiro vídeo do *Especial de Natal*, vemos um jantar entre Jesus, José, Maria e a visitante Maria Madalena. Maria elogia o filho pela “escolha”, já deixando claro desde o início que nesta cena Maria Madalena está ali como companheira de Jesus. Os pais de Jesus perguntam o que ela faz da vida e prontamente Jesus responde “recursos humanos”, “ela é autônoma”, boas definições para esquivar a resposta do imaginário popular, que seria prostituta. José diz parecer conhecê-la de algum lugar e chega à conclusão que é de uma “esquina”, outra referência ligada à prostituição. Já uma referência ousada, é extremamente de cunho sexual, quando Jesus diz que Maria Madalena cozinha muito bem, e Maria diz “eu também cozinho” (embora quando fala “cozinho” soa como “cuzinho”), e Maria Madalena responde “mas isso eu não faço”, nos apresentando uma Maria Madalena que não faz de tudo quando o assunto é sexo. Quando perguntado onde o casal se conheceu, Madalena diz que foi em um apedrejamento, no dela. E José constata que é de um apedrejamento que a conhece, foi ele quem atirou a primeira pedra em sua têmpera.

Todo o vídeo parte da brecha clara de que Maria Madalena é prostituta e teve um caso com Jesus. E, a partir dessa premissa, todas as piadas são construídas e despejadas sobre a mesa de jantar, no diálogo dos personagens. As elucubrações a respeito de um envolvimento entre Jesus e Maria Madalena não são recentes. Dan Brown, e seu *best seller O Código Da Vinci*, causou furor na literatura mundial quando, em sua obra, criou uma trama engenhosa para atestar a existência de um herdeiro de Jesus com a dita prostituta.

No artigo Maria Magdalena: A antiodisseia da discípula amada, que compõe o livro *Maria Madalena: Das páginas da Bíblia para a Ficção (textos críticos)*, Salma Ferraz nos apresenta uma outra visão da personagem bíblica, que passou de discípula

amada de Jesus a meretriz, profissão que, de fato, nunca exerceu. Acerca dessa questão, segundo Ferraz:

O erro de exegese ocorreu no Sermão proferido na Páscoa do ano 591 pelo Papa Gregório, O Grande, que, além de adjetivar a pecadora de Lucas 7 como prostituta, confundiu-a com Madalena, cuja libertação e conversão estão narradas na sequência, no capítulo 8 de Lucas. Na realidade, o Papa Gregório anunciou que Maria Madalena, a mulher pecadora, e Maria de Betânia eram uma só. Nasceu deste erro a ideia de que Madalena fosse uma prostituta. Esta mulher pecadora de Lucas 7 foi identificada pelo Evangelista João 11:2 como Maria de Betânia, irmã de Lázaro (esta identificação não se efetiva nos outros Evangelhos). Acrescentou-se a isso a imagem da mulher que quase fora apedrejada por adultério, cujo relato é feito pelo evangelista João no capítulo 8:1-11 e a qual Jesus salvou ao sentenciar para os escribas e fariseus: “Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra”. Esta mulher adúltera não é nomeada. Interessante que a primeira e única vez que temos uma escritura crítica, em que Jesus aparece escrevendo, Ele o faz diante de uma mulher condenada por adultério, portanto, pecadora. O que Ele escreveu, só ela – uma mulher - leu e mais ninguém no mundo. Cabe aqui uma pergunta: onde estava o homem adúltero? Mistérios! (2011, p. 15 e 16)

Já na obra *Arqueologia de Madalena*, Fernanda de Camargo Moro⁴⁵, também reitera os equívocos a respeito da personagem Madalena:

Por essa má interpretação de textos, muitas vezes decorrentes de traduções incorretas, sua imagem foi sendo formada ao longo dos séculos como mulher pecadora, alguns até chegaram a julgá-la como prostituta que foi purificada por Cristo e que, como prova de seu amor espiritual, lavou os pés do Senhor e os enxugou com os próprios cabelos. Considerada mulher cheia de pecados, Madalena passou a representar o arquétipo feminino tradicional, a transmissora do pecado original, que, após ser curada, teria passado a sua vida em penitência e arrependimento. Assim uma das mais importantes figuras femininas dos Evangelhos teve seu papel adulterado, o significado de sua presença e de sua obra inteiramente modificados (MORO, 2005, p. 54).

A partir das considerações feitas nas citações acima, podemos analisar que a brecha que o vídeo se propõe a preencher acaba sendo mais no âmbito da ideia que se tem de Maria Madalena, do que efetivamente sobre o que ela realmente foi. Porém, as questões referentes ao fato de Maria Madalena não ter sido prostituta são tão complexas, intrincadas e objeto de estudos específicos a esse respeito, que o fator dúvida recai sobre a personagem e a brecha se abre para a criação de leituras a partir do texto bíblico e das ideias que se tem a partir deste texto. Todo o roteiro gira em torno da polêmica subversão na relação entre a suposta meretriz e Jesus. Os jogos de palavras; perguntas e

⁴⁵ Fernanda de Camargo Moro é museóloga, historiadora, doutora em arqueologia com pós-doutorado em arqueologia ambiental.

respostas espirituosas; o ambiente familiar em contraponto com a situação; o desconforto de Jesus; o entorno da mesa que constrói uma concepção visual da cena, que contribui para o confronto de olhares entre os personagens; a naturalidade com que o texto é dito; e a espontaneidade da personagem Madalena que não se preocupa em esconder seu passado, mas sim Jesus que tenta esconder; fazem desta cena, um preenchimento transgressor de espaços com o intuito de fazer rir, questionar e colocar um holofote nessa brecha, nessa dúvida.

Na quarta cena do vídeo, Jesus chega com seus discípulos em uma taberna para que realizem a última ceia, mas a recepcionista do local diz que, como eles não fizeram reserva e estão em treze pessoas, terão o tempo de espera de uma hora, pois o local está bem lotado. Jesus questiona por estar cheio numa quinta-feira, mas a recepcionista justifica que às quintas tem dose dupla de vinho. Um dos discípulos usa a célebre frase intimidadora: “Sabe com quem você tá falando?”. O fato de ser Jesus de Nazaré não faz com que Marcela da Judéia, a recepcionista, mude sua postura. Marcela propõe então que eles façam o encontro na semana seguinte, mas Jesus diz que não há como, pois, chamaram o evento de “última ceia” e que ele não estará mais ali dentro de uma semana. Jesus ainda afirma que não precisa de treze lugares, mas de vinte e seis, pois tem TOC (transtorno obsessivo compulsivo) e quer todos do mesmo lado da mesa. No fim da cena, quem chega para resolver o problema é Sandrinho, o personagem gay do vídeo *Cura* (que analisarei adiante), colocando Jesus e seus discípulos para dentro da taberna.

No Evangelho de Lucas, há uma das descrições da última ceia. Nela, Pedro e João, discípulos de Jesus, perguntam onde devem preparar a ceia, e Jesus responde-lhes:

Logo que entrardes na cidade, encontrareis um homem levando uma bilha de água. Segui-o até a casa que ele entrar. Direis ao dono da casa: “O Mestre te pergunta: onde está a sala em que comerei a páscoa com os meus discípulos?”. E ele nos mostrará, no andar superior, uma grande sala,

provida de almofadas; preparai ali. (Lucas, 22: 10-12)

Na cena realizada pelo *Porta dos Fundos*, a cena é transposta para outro cenário. Na citação do Evangelho de Lucas vemos um lugar determinado – a casa de um homem – onde Jesus tem completo controle para a realização do evento. Já no vídeo de humor, Jesus não exerce nenhum poder. O homem que carrega a bilha de água, no *Especial de Natal*, é transposto para a figura de Marcela, a recepcionista, que assume uma função dramática oposta à do homem citado na Bíblia, ela não facilita a entrada do grupo na taberna. A paródia, aqui, se dá em torno do personagem e da nova situação criada, não da passagem bíblica em si. Cria-se um outro ambiente, onde o personagem Jesus não tem o domínio da conjuntura, que pode acarretar a não concretização de uma passagem extremamente importante na sua história, antes de toda a *via crucis*.

Figura 11: Gregório Duvivier como Jesus em uma cena de “Especial de Natal”, na última ceia.



Fonte: Disponível em <<http://www.jmnoticia.com.br/wp-content/uploads/2015/12/1335767.jpeg>> acessado em 20/07/2015

A brecha nesta cena se dá no preenchimento de pequenos detalhes, sempre vinculados à ineficiência de Jesus e seus discípulos. A falta de reserva no local escolhido; o fato de Marcela da Judéia não saber com quem está falando – o que diminui a importância da figura de Jesus; o discípulo afirma que Jesus é filho de Deus, mas Marcela rebate dizendo que ele não é filho do dono da taberna; outras pessoas passam na frente de Jesus e entram na taberna, sendo recepcionados simpaticamente por Marcela, deixando o grupo de Jesus para trás; e a ironia do roteiro em propor que se faça o evento na semana seguinte, sendo que biblicamente, na outra semana, Jesus já estará devidamente ressuscitado. Além destas questões, sempre focadas na fragilidade de Jesus, o roteiro propõe ao personagem a existência de transtorno obsessivo compulsivo (TOC), por desejar que todos os discípulos fiquem do mesmo lado da mesa, para assim, através desse diálogo, fazer referência à obra *A Última Ceia*, de Leonardo Da Vinci.

Figura 12: Afresco “A Última Ceia” de Leonardo Da Vinci.



Fonte: Disponível em <http://content-portal.istoe.com.br/istoeimagens/imagens/mi_176742482317358.jpg> acessado em 21/07/2015

A referência a *A Última Ceia*, na cena do *Especial de Natal*, me remete ao filme *A História do Mundo – Parte I* (1981), de Mel Brooks. Na película, há uma passagem na qual um garçom interage com os presentes na Santa Ceia e, posteriormente, o grupo

recebe Leonardo Da Vinci para pintar um retrato da ocasião. Mas, até o momento, todos estão ao redor da mesa, e por sugestão do pintor, Jesus e seus discípulos vão para o mesmo lado da mesa para que ele os desenhe. Com um único detalhe a mais na obra: a presença do garçom.

Esta cena no vídeo analisado se propõe a mostrar um Jesus humano, que tenta resolver seus problemas sem nenhuma interferência divina. Um homem comum, diante de uma situação corriqueira, que o distancia da esfera do divino. E, para finalizar a cena, os roteiristas trazem o personagem gay Sandrinho, do vídeo *Cura*, para resolver o problema de Jesus (assim como Jesus resolveu o seu problema no outro vídeo). Em tempos de embates a respeito de religião e sexualidade, um personagem homossexual ser a mola propulsora para resolver a logística da última ceia de Jesus com seus discípulos, transita pelo âmbito da ironia e da subversão, mas, sobretudo, pela concepção de um Jesus que não somente ajuda, mas também de um Jesus humano que pode ser ajudado – e por uma estigmatizada minoria.

A quinta e última cena do *Especial de Natal* é um recorte da crucificação de Jesus. A cena apresenta o momento em que Jesus é efetivamente crucificado e seu diálogo com o personagem Tibério, que irá martelar o prego em suas mãos. A cruz com Jesus está deitada no chão, enquanto ao fundo vemos três outros já crucificados. Aqui também, o enfoque é em um personagem Jesus humano, que se preocupa com a dor e com os procedimentos que serão utilizados por Tibério para realizar o “trabalho”. Jesus se ocupa dos detalhes: o tamanho do prego; o tétano que pode pegar do prego; o pedido de um vinho para relaxar; a sugestão de enforçar ao invés de crucificar; a contestação do material de que é feita a cruz, se é mogno ou MDF, que pode envergar quando levantar; a dor das farpas; até, finalmente, sem que perceba, levar uma martelada e não sentir dor, pedindo para fazer o mesmo na outra mão.

Figura 13: Gregório Duvivier como Jesus na cena final do “Especial de Natal”.



Fonte: Disponível em http://noticiasdatv.uol.com.br/media/_versions/noticias/2014/1389377509porta_fundos_cerveja_jesus_fixed_big.jpg acessado em 01/08/2015.

A brecha aqui também se baseia na humanidade de Jesus no momento crucial da sua jornada, antes de, enfim, ressuscitar dos mortos. Talvez, essa seja uma das cenas que menos surta efeito humorístico, onde o riso surge mais da sensação de piedade do que da graça. Ele subverte mais, na mesma medida que tende a criar mais desconforto do que humor. Mas, mesmo assim, há humor, há subversão e, dependendo do olhar externo, há riso. A imagem de Jesus crucificado sempre me pareceu mais evidenciada do que a do Cristo ressuscitado. Dá-se mais ênfase a uma que a outra. Quando se entra em uma igreja católica ele está lá, no ápice do sofrimento, e não no momento de glória. Quem sabe por isso fazer humor com esta imagem seja mais complexo, mas existem outras manifestações humorísticas que irei destacar que fizeram isso com mais delicadeza e comicidade.

A cena final de *A Vida de Brian*, do Monty Python, por exemplo, cria um número musical no qual Brian de Nazaré é crucificado. O contraste entre os vários homens ali pendurados na cruz e a música otimista cantada por eles, gera um humor mais ligado ao afeto do que à piedade, construindo empatia que gera o riso, ou um esboço de sorriso emotivo. A cena subverte, mas, ao

mesmo tempo acolhe. A letra da música é interpretada pelos condenados à morte, em meio a uma sinfonia de assobios. A música *Olhe sempre pro lado bom da vida*, nos diz:

Sabe o que eles dizem? Algumas coisas na vida são ruins... Podem de fato deixá-lo louco. Outras podem deixá-lo muito triste também, mas quando sua vida estiver de sobreaviso. Não resmungue! Dê um sorriso. E só isso vai fazer tudo melhorar. E olhe sempre pro lado bom da vida. Olhe sempre pro lado bom da vida... Se ela estiver no fim é porque é mesmo assim. E só isso é motivo pra sorrir. Ao se sentir chateado, não fique falando de lado. Assovie que o melhor está por vir. (...) Pois a vida é um absurdo. Não se deve ficar mudo. Pensando nas coisas que perdeu. Dê um sorriso, toca em frente que atrás vem gente. Veja o mundo como sempre seu. E olhe sempre pro lado bom da morte. E vai ver que é tudo um jogo de sorte. Que seu último suspiro seja um cochilo. Você verá que é tudo mesmo um show. Que a vida é engraçada e a morte é uma piada. Uma brincadeira que acabou. (...) Olhe sempre pro lado bom da vida.⁴⁶

Na perspectiva de humor através do engano, no livro *Ao Vivo do Calvário*, de Gore Vidal⁴⁷, o autor nos apresenta a história de um milagre tecnológico, onde a equipe de uma emissora de TV desembarca no passado para transmitir, ao vivo, do Calvário, a

⁴⁶ Letra da música *Olhe sempre pro lado bom da vida*, traduzida do original *Always Look On The Bright Side of Life*, do filme *A Vida de Brian*, de Monty Phyton, extraído do site <www.letas.mus.br>.

⁴⁷ Gore Vidal foi um romancista, dramaturgo, ensaísta, roteirista e ativista político dos Estados Unidos.

crucificação de Cristo. Entre a equipe, eles constataam que Judas fora crucificado no lugar de Jesus, mas afirmam que: “No que diz respeito ao cristianismo, não faz muita diferença quem terminou na cruz desde que todos pensem que foi Jesus” (1992, p. 171).

Já no show de humor *Terça Insana*⁴⁸, de São Paulo, a atriz, produtora, diretora e humorista Grace Gianoukas apresenta a personagem Aline Dorel, uma viciada em lexotan, que conta suas desventuras em eventos da história nacional e mundial sem nenhum compromisso com a cronologia e com a realidade. Entre uma dessas histórias, ela conta que passeava pelo deserto, no Oriente Médio, e se deparou com a cena da crucificação, onde o lexotan que ela deu a Jesus foi o responsável por ele ter dormido e o povo ter confundido o efeito da medicação com o fato de Cristo ressuscitar no terceiro dia. No texto, a personagem descreve a cena:

Foi quando eu vi um morro com três cruces encravadas e pensei: Ô-o-o-o-o-o deve ser uma rave! Bem, então eu fui subindo, subindo o morro, lá estava o povo todo fantasiado e as mulheres choravam, o povo chorava. Eu não sabia exatamente o que eles haviam tomado, mas não bateu muito bem. Bem, havia três sujeitos trepados nas cruces, então eu fui falei com o do meio que tinha uma carinha um pouco mais responsável. Eu disse a ele: “Querido, desça já daí! Você não está vendo o estado de sua mãe? Desça já!”. E ele dizia: “Eu estou pregado! Eu estou pregado!”. Eu falei: “Ô-o-o-o-o-o eu entendo a situação em que você se encontra. Quando eu estou bastante cansada, pregada mesmo, fica

⁴⁸ A *Terça Insana* foi um projeto humorístico apresentado, como sugere o nome, toda terça-feira por diferentes atores interpretando variados personagens, em sua grande maioria monólogos. O grupo, criado pela atriz Grace Gianoukas, em novembro de 2001, na cidade de São Paulo, era composto por um elenco que se modificava em cada temporada.

difícil tomar qualquer atitude. Mas eu tenho um santo remédio”. Eu peguei uma escadinha, subi até lá e dei a ele três lexotan. Bem, ele dormiu no ato, e o povo muito ignorante naquela época achou que ele havia ressuscitado no terceiro dia.⁴⁹

Esses três exemplos de manifestações humorísticas a partir da situação dramática da crucificação – *A Vida de Brian, Ao Vivo do Calvário* e *Terça Insana* – nos apresentam três formas interessantes de criar humor a partir da temática proposta pelo vídeo final do *Especial de Natal do Porta dos Fundos*. Acredito que, cada um a seu modo, se apropria de algum artifício para que a situação seja recriada em outros ambientes, com leveza, em cruzamento com personagens da modernidade, causando o riso. No caso do objeto de pesquisa aqui selecionado, a brecha se dá na humanidade e fragilidade do personagem Jesus, mas a comicidade fica um pouco escondida no ato de subverter.

A figura de Jesus no Novo Testamento é complexa, temos nele a narrativa do Filho de Deus que encarna para redimir o ser humano. A cruz é vista como o êxtase da revelação trinitária. Na cruz, Pai, Filho e Espírito Santo cooperam para a redenção do homem. Mas aí temos uma brecha em torno da polêmica da cruz. Como pode um Deus amoroso e pai bondoso abandonar seu filho unigênito dependurado na cruz. A crucificação era a punição mais humilhante, considerada maldita entre judeus e romanos. Todos os que cometiam graves delitos eram colocados no madeiro. Jesus, ironicamente, sendo justo, sofreu a maldição para que se cumprisse a profecia.

Em Deuteronômio, lemos a esse respeito:

Se um homem, culpado de um crime que merece a pena de morte, é morto e suspenso a uma árvore, seu cadáver não

⁴⁹ Transcrição do vídeo *Terça Insana – Aline Dorel* disponível no *Youtube*: <<https://www.youtube.com/watch?v=CWyiNje7e5E>>

poderá permanecer na árvore à noite; tu o sepultarás no mesmo dia, pois **o que foi suspenso é um maldito de Deus**. Deste modo não tornarás impuro o solo que Yahweh teu Deus te dará como herança. (Deuteronomio, **negrito nosso**, 21: 22-23)

Segundo o próprio texto bíblico, o Jesus crucificado é um maldito, que se contrapõe à visão do Cristo ressuscitado que veio ao mundo para nos salvar, do Novo Testamento. A história da redenção cristã é terrível e bela, assombrosa e numinosa⁵⁰. O que os grupos de humor fazem, mesmo que sem se dar conta teologicamente, é retratar a polêmica dessa brecha, quando um filho sozinho e amedrontado está diante de uma situação extremamente humana. E, nesse sentido, o *Especial de Natal do Porta dos Fundos* retratou o preenchimento desse vazio. O homem ali, com seus medos e angústias, abandonado pelo pai.

5.2. DEZ MANDAMENTOS

*“Proibir algo é despertar o desejo”
Michel de Montaigne*

⁵⁰ O termo “numinoso”, segundo a filosofia da religião de Rudolf Otto, aplica-se ao estado religioso da alma inspirado pelas qualidades transcendentais da divindade.

Figura 14: O humorista Gregório Duvivier como Moisés no vídeo Dez Mandamentos.



Fonte: Disponível em <https://i.ytimg.com/vi/eLawrQ1KQno/maxresdefault.jpg> acessado em 07/08/2015

A ocasião em que Moisés volta do encontro com Deus e apresenta a seu povo a tábua com os dez mandamentos, é o ponto de partida para este vídeo. No momento em que Moisés se depara com um grupo de céticos, diversos questionamentos acerca da utilidade dos mandamentos e da veracidade do encontro de Moisés com Deus fazem do roteiro um prato cheio para o humor, a crítica e o sarcasmo.

No livro *Porta dos Fundos*, no texto de abertura do roteiro de *Dez Mandamentos*, Fábio Porchat, um dos roteiristas deste vídeo, fala que adora brincar com religião e que *A Vida de Brian* do *Monty Phytton* é um dos seus filmes favoritos. A respeito do vídeo *Dez Mandamentos*, ele nos fala que acha:

(...) curiosa a ideia de as pessoas aceitarem tudo o que esse pessoal da Bíblia falou. Alguém tinha que desconfiar de alguma coisa. Um cara sobe o morro e desce dizendo que agora as coisas são diferentes e é preciso seguir novas regras. Sei... (2013, p. 160).

Portanto, o preenchimento de brecha deste vídeo se dará justamente na sucessão de dúvidas e questionamentos sobre Moisés, seu contato com Deus e a lista de leis a serem seguidas.

Importante ressaltar aqui que os dez mandamentos, no Antigo Testamento, é um princípio e uma herança judaica, é a base do judaísmo⁵¹. No cristianismo, os dez mandamentos sofrem uma releitura através de Jesus Cristo, onde há uma síntese dos mandamentos a serem seguidos. No Evangelho de Marcos, Jesus responde a uma pergunta acerca de qual é o primeiro dos mandamentos:

O primeiro é: Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus, é o único Senhor, e amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda tua alma, de todo teu entendimento, e com toda tua força. O segundo é este: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Não existe outro mandamento maior do que este. (Marcos, 12: 29-31)

Para analisar o roteiro e o vídeo, é importante primeiramente voltarmos ao texto original no livro do Êxodo (portanto, no Antigo Testamento, que é a referência tomada por base para a criação do vídeo objeto de análise) para observarmos de onde surgem as subversões, a paródia, e de que forma o humor é criado. O Decálogo, as dez palavras, é apresentado em dois lugares distintos no Pentateuco⁵², em Êxodo 20:2-17 e em Deuteronômio 5:6-21. No Êxodo, acompanhamos toda a trajetória de Moisés. Moisés recebe os mandamentos no Monte Sinai e, quando retorna ao povo, comunica a todos as palavras de Iahweh e todas as leis. Moisés retorna ao monte para receber as tábuas de Deus. Nesse período, o seu povo constrói um bezerro de ouro e começa a adorá-lo. Moisés desce da montanha com as duas

⁵¹ Uma linha de pesquisa bastante interessante para trabalhos futuros é ver como se repercute o judaísmo cristão nos dez mandamentos.

⁵² O Pentateuco é composto pelos cinco primeiros livros da Bíblia: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

tábuas com os mandamentos e avista a diversão e adoração do povo diante da imagem do bezerro. Em Êxodo 32:1-20, a história se desenvolve até o momento de ira de Moisés, que quebra as tábuas com os mandamentos e queima e tritura o bezerro criado. “Moisés disse a Arão: ‘Que fez este povo para atrair sobre si um pecado tão grave?’ Arão respondeu: ‘Que não se acenda cólera do meu senhor; tu sabes quanto esse povo é inclinado para o mal’.” (Êxodo 32: 21-22). Naquela noite, foram mortos uns três mil homens que não adoravam a Iahweh. Após esse fato, Moisés volta ao monte sozinho e suplica a Deus o perdão ao seu povo. Posteriormente, é feita a renovação da aliança, as tábuas da lei com os mandamentos, e Moisés volta ao povo e apresenta-os aos mandamentos escritos na tabua.

Esse vídeo do *Porta dos Fundos* inicia exatamente onde termina toda a descrição de como os dez mandamentos foram recebidos por Moisés. “Tudo o que Iahweh falou, nós o faremos e obedeceremos” (Êxodo 24:7) é o que dizia o povo sem pestanejar ao ouvir, através de Moisés, as leis de Deus. Aos que duvidavam, corriam o risco de uma morte trágica ou um castigo eterno. E é justamente nesse ato de receber os mandamentos sem questionar que se estabelece o ambiente e a situação do roteiro *Dez Mandamentos*. Uma crítica ao discurso dogmático e ao ato impositivo, onde a lei é dita para ser aceita, não questionada. Seria uma crítica a como as pessoas leem e interpretam a Bíblia e não à Bíblia em si.

O humorista americano George Carlin, em seu vídeo *Os dez mandamentos*, expõe diversas leituras e críticas às leis de Deus, com muita ironia, sarcasmo e agressividade. As considerações de Carlin dialogam com o roteiro do *Porta dos Fundos* em diversos aspectos, que vale a pena ressaltar no decorrer do capítulo. No início do seu vídeo, em forma de *stand up comedy*, em um teatro, ele fala que a escolha de ser em dez mandamentos, e não onze ou nove, foi uma estratégia de marketing e afirma que para ele “(...) é

uma lista que não serve pra nada”⁵³. Portanto, ele propõe diminuir o número de mandamentos e “montar uma lista mais viável e lógica”. Resume de dez mandamentos para dois no decorrer do texto. Diferente é a forma apresentada no filme “A História do Mundo – Parte I” (Não existe parte II) de Mel Brooks. Há uma cena no filme em que Deus (sua voz) ordena a Moisés que ele difunda suas leis ao seu povo. Após um raio, Moisés busca entre algumas rochas as tábuas, que são três, e não duas como consta no texto original, a Bíblia. Moisés, com as três tábuas nas mãos fala ao povo: “Ouçam-me! Ouçam-me! Prestem atenção! O Deus Nosso Senhor Jeová passou-vos esses quinze...”. Uma das tábuas cai no chão e se despedaça. Diante do fato Moisés continua: “Espera... Dez, dez mandamentos para que todos obedeçam!”. Nessa perspectiva, o humor é criado no ato de aumentar o número de mandamentos fazendo-nos desconhecer os cinco que foram quebrados, diferente de Carlin que causa o riso diminuindo a importância dos mandamentos, reduzindo-os a dois.

Um ponto que é importante destacar na obra original que serve de base para a paródia, é a oposição de ações no texto bíblico, quando nos referimos ao momento de epifania em que Moisés recebe os mandamentos de Deus no Monte Sinai e ao mesmo tempo o seu povo adora um bezerro de ouro. Há aqui uma ironia, onde de um lado estão Deus, Moisés, a epifania e o sagrado e do outro lado o povo de Moisés, o bezerro de ouro, a dança, o profano.

No roteiro do vídeo do *Porta dos Fundos*, os “profanos” se esbaldam diante das afirmações de Moisés. Questionam o fato de Deus ter escrito em uma pedra e o porquê Deus falou com Moisés sozinho no monte e como não tinha mais ninguém lá. Mas os embates maiores se dão por conta dos mandamentos. Assim como no vídeo de George Carlin, que inicia falando dos três primeiros mandamentos:

“Eu sou o senhor teu Deus, não terás outros deuses; não tomarás o nome do senhor teu

⁵³ As falas de George Carlin citadas foram extraídas das legendas do vídeo publicado no Youtube.

Deus em vão; lembra-te do dia do sábado”. Logo de início, os primeiros 3: pura besteira! “Dia de sábado”, “Nome do Senhor”, “outros deuses”: linguagem assustadora! Linguagem assustadora! Projetada para assustar e controlar pessoas primitivas! Esses absurdos supersticiosos não se aplicam à vida dos humanos civilizados do séc. 21. Descarte os 3 primeiros mandamentos e ficamos com 7.

O humorista, diante de uma plateia, calorosa apresenta argumentos instigantes e confronta a crença em uma figura superior que impõe sua existência e suas leis através do medo. Carlin continua:

Próximo: “honra a teu pai e tua mãe”. Obediência, respeito pela autoridade. É a mesma coisa que “controlar pessoas”. A verdade é que obediência e respeito não são automáticos, são conquistados. Devem ter base no desempenho dos pais. Entenderam? Alguns pais merecem respeito, a maioria deles, não. Ponto final! Ficamos com 6.

Humor ácido, cortante e sincero. Ovationado pela plateia que de alguma forma, quando ri, se identifica com as situações apresentadas e através do riso expurga algumas das muitas coisas que muitas vezes pensa, mas jamais terá coragem de expressar em público. O humor inteligente e bem fundamentado tem o poder de confrontar o espectador com seus medos, receios, dúvidas, preconceitos e verdades inconvenientes.

Voltando ao vídeo do *Porta dos Fundos*, uma questão relevante é o fato de que o roteiro não se preocupa com a ordem dos mandamentos e os cita de forma aleatória. Moisés inicia com “Não roubarás”, seguido por “Frequentarás a igreja ao sábados e dias santos”, onde é questionado: “OBSERVADOR 1 – Ô Moisés, a igreja que é sua, né? MOISÉS – Isso! (com veemência) Não, é

de Deus!” (2013, p. 161). Neste trecho os observadores insinuam que este é um mandamento que é de interesse próprio de Moisés, já que quem comanda a igreja é ele. Na sequência “Não matarás”:

MOISÉS – Três: “Não matarás”
 OBSERVADOR 3 – Perái, teve um primo dele que foi assassinado esta semana. Fala, Moisés!
 OBSERVADO 2 – Exatamente!
 OBSERVADOR 3 – Isso aí tá tudo...
 MOISÉS (interrompendo) – Gente, não era meu primo, tá? Era o cunhado da minha mulher que eu mal conheço direito...
 OBSERVADOR 2 – Tá bom! Mas deixa eu entender uma coisa aqui. Não pode matar. Mas não pode matar o que? Bicho, gente?
 MOISÉS – Gente.
 OBSERVADOR 2 – Mas ta escrito aí “Não matarás gente”?
 (Moisés checa as pedras)
 OBSERVADOR 3 – Vê se não tem um asterisco aí dizendo que bicho liberou.
 OBSERVADOR 2 – É!
 MOISÉS – Ô Zaqueu, ele falou foi “Não matarás”. Agora o que que é? Vamos pensar aqui. Porque cabe à gente, também, o dom da interpretação.
 OBSERVADOR 2 – Então bicho pode! Que bom! Porque eu comi agora cedo...
 (PORTA DOS FUNDOS, 2013, p. 162)

Neste trecho do roteiro, extraído do livro *Porta dos Fundos*, os observadores fazem o papel de interpretadores e questionadores do texto bíblico, se perguntando a respeito de como está escrito e o que efetivamente eles podem e não podem fazer. Valdimir Propp, em *Comicidade e Riso*, nos diz que: “A paródia é cômica somente quando revela a fragilidade interior do que é parodiado”. (1992, p. 87). A fragilidade seria a brecha, os espaços para questionamentos. Portanto, esse fragmento expõe uma

fragilidade do texto bíblico e cria o riso através da investigação aprofundada, que deixa o personagem Moisés em uma saia justa, pois não sabe exatamente como interpretar o que ele mesmo está passando para os outros. Sobre a paródia, Vladimir Propp ainda nos informa:

A paródia consiste na imitação das características exteriores de um fenômeno qualquer da vida (das maneiras de uma pessoa, dos procedimentos artísticos etc), de modo a ocultar ou negar o sentido interior daquilo que é submetido à parodização. (...) A representa *um meio de desvendamento da inconsistência interior* do que é parodiado. (1992, p. 84 e 85)

A inconsistência de algumas afirmações faz com os questionamentos sejam levantados e o riso surja fazendo, assim, com que a obra original seja repensada e a negação do sentido original crie uma nova leitura. A parodização propõe uma negação humorística, que investe nas brechas e descobre um lugar onde a dúvida vira humor.

George Carlin em seu vídeo, assim como no Porta dos Fundos, também modifica a ordem dos mandamentos e vai além, funde alguns deles:

Prezando a lógica, algo que a religião evita sempre, vou pular um pouco os itens: “Não furtarás; não dirás falso testemunho”. Roubar e mentir. Bom, na verdade, estes dois proíbem o mesmo tipo de comportamento. Desonestidade: roubar e mentir. Dá pra você juntar os dois e chamar de: “Não serás desonesto”. E, agora, ficamos com 5 mandamentos. Já que estamos juntando, outros 2 podem virar um só: “Não adulterarás e não cobiçarás a mulher do próximo”. Novamente, os dois proíbem o mesmo comportamento, neste caso a infidelidade, só que a cobiça

acontece na mente. (...) então podemos manter a ideia e chamar este de: “não serás infiel”. E, agora, ficamos com 4. Mas pensando bem, honestidade e fidelidade fazem parte do mesmo valor geral. Pode juntar os mandamentos de honestidade com os de fidelidade e pode dar uma linguagem mais simples e positiva e chamar de: “sempre serás honesto e fiel”. E agora temos só 3 mandamentos.

Carlin tritura a tábua das leis de Deus. Quando o espectador acredita que não tem mais para onde ir, o humorista vai além e funde mais alguns mandamentos, para poder chegar ao seu objetivo final: passar de dez a dois.

Já nos mandamentos fora de ordem (já que segundo Carlin, lógica é algo que a religião evita sempre) *do Porta dos Fundos*, Moisés continua:

MOISÉS – Posso terminar? Um dos mandamentos aqui é: “Não falarás o nome de Deus em vão”.

OBSERVADOR 2 – Mas, peraí! Você tá falando agora o nome de Deus em vão.

MOISÉS – Eu tava lendo aqui! Tá escrito “Deus” aqui...

OBSERVADOR 3 (interrompe) Olha aí, falou de novo!

OBSERVADOR 2 – Falou de novo! Ele fala sempre Deus! (cantarolando) Deus, Deus, Deus, Deus! (PORTA DOS FUNDOS, 2013, p. 165)

O humor aqui é determinante por conta do exagero da situação. O ato de não falar o nome de Deus em vão e para isso ter que falar o nome de Deus, cria uma situação que faz de Moisés vítima automática do próprio discurso. A respeito do exagero, Propp informa que “o exagero é cômico apenas quando desnuda um defeito” (1992, p. 88). Neste caso, o defeito é o ato de falar o que ao mesmo tempo pede para não proferir. O famoso ditado popular “Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”. É importante perceber que essa cena é uma construção entre vários elementos: a interpretação dos atores, o cenário escolhido – uma duna que remete a um deserto, os figurinos que compõem a época, a figuração passiva diante dos três questionadores, e, sobretudo, o jogo entre os atores nos diálogos, que fazem com que a atmosfera em torno da brecha seja preenchida com a dúvida irônica, o sarcasmo que confronta e a sinceridade que faz pensar.

Figura 15: Rafael Infante, Fábio Porchat e Luis Lobianco como o povo que questiona Moisés.



Fonte: Disponível em <<https://s3.amazonaws.com/catraca-uploads/wp-content/uploads/2013/04/portadosfundos.jpg>> acessado em 20/08/2015

A passagem do vídeo citada acima sobre “falar o nome de Deus em vão” me remete ao filme *A Vida de Brian* de Monty

Python, na cena do apedrejamento⁵⁴. Na referida cena, um homem é considerado culpado de “gritar por aí o nome de Nosso Senhor. E por esta blasfêmia será apedrejado até a morte”. O acusado se justifica dizendo: “Ouça, eu estava jantando e apenas disse a minha esposa que o peixe estava bom até para Jeová!”. O acusador ao ouvi-lo falar “Jeová” esbraveja: “Blasfêmia! Ele disse de novo!”. Alguém entre o povo joga uma pedra no acusado e ele fala novamente: “Não acho que seja blasfêmia dizer Jeová!”. O acusador remenda: “Ele disse de novo! Só está piorando as coisas!”. O acusado então se solta: “Piorando? O que poderia piorar? Jeová, Jeová, Jeová!” repete serelepe, assim como o Observador 2 no fim do último trecho citado, repetindo “Deus, Deus, Deus, Deus!”. Neste momento, o acusador fala: “Estou avisando, se disser Jeová de novo...”. Alguém em meio ao povo joga uma pedra no acusador, que pergunta quem é que atirou e o povo acusa um entre eles. Esta pessoa diz: “Como disse Jeová...”, e todo o povo a apedreja. O acusador pede a todos que parem e proclama: “Parem, agora prestem atenção. Ninguém mais apedreja até eu apitar, mesmo que... e que fique bem claro... mesmo que alguém diga Jeová...”. O povo o apedreja e, no fim, jogam uma pedra do tamanho do acusador, que fica soterrado e ouvimos alguém falar: “Boa pontaria! Bravo!”

Esta cena do filme citado, no que diz respeito à essência da cena em torno da punição efetiva de não falar o nome de Deus em vão, se aproxima de parte da cena apresentada pelo *Porta dos Fundos*. A repetição da palavra “Jeová”, “Deus” causa a comicidade, justamente por ser algo dado como proibido e a incapacidade de quem proíbe de não repetir a palavra.

A proibição é uma palavra chave nas leis de Deus. Os dez mandamentos são uma série de proibições disfarçadas de manual de conduta moral que, segundo George Carlin, podemos diminuir de dez para dois, diminuindo o peso a se carregar. Carlin se

⁵⁴ Os diálogos da cena do apedrejamento foram extraídos das legendas do filme disponível no Youtube.

encaminha para o desfecho da sua saga rumo à destruição dos Dez Mandamentos:

Não cobiçarás coisa alguma do teu próximo”. Esse mandamento é idiota pra caralho. “Cobiçar o próximo” mantém a economia viva! Não é? (...) A cobiça cria empregos, então deixe isso pra lá. Descarte esse e ficamos com 2. O de honestidade e fidelidade, e o de que ainda não falamos, o “não matarás”. Assassinato. O 5º mandamento. Pensando bem... Pensando bem, a religião nunca viu problemas em matar pessoas. Mais gente morreu em nome de Deus do que por outro motivo. A Irlanda do Norte, o Oriente Médio, a Caxemira, a Inquisição, as Cruzadas e o 11 de setembro provam que a religião não liga para o “não matarás”. Quanto mais devotos, mais veem o assassinato como algo negociável. É negociável. Sabe? Depende muito. Depende muito. Depende de quem mata e de quem morre.

Através de um humor sarcástico, cruel e sádico, o humorista esclarece com transparência elucidativa a ligação entre a história da religião e o banho de sangue que, por ela e por seus devotos, foi promovida em nome de Deus. E esse número considerável de mortes podemos identificar também na própria Bíblia. A revista Brasileira da História das Religiões publicou o estudo *Vida e Morte nas Religiões e Religiosidades*, referente ao número de mortes na Bíblia. Através da análise do texto bíblico, se constatou que Satanás matou 10 pessoas e, ainda assim, todas a mando de Deus: sete filhos e três filhas de Ló. Já o número bíblico de mortos, que inclui eventos como dilúvio, destruição de Sodoma e Gomorra, pragas do Egito, e diversas matanças e vítimas da ira de Deus, é de 2.552.452 e estimativa de 24.712.019 pessoas. Um número bastante significativo.

Porta dos Fundos, Monty Phyton, George Carlin, Mel Brooks, todos seguem um mesmo princípio de subversão do texto bíblico. Colocam uma lente de aumento, neste caso nos dez mandamentos, e investigam com um olhar crítico as possibilidades de obter humor a partir de comentários irônicos e maldosos e uma paródia que desperte o riso, mas também a reflexão (não em todos os casos). Um olhar apurado que vê o que a maior parte das pessoas não vê, ou que nunca parou para pensar, ou que não pode cogitar pensar por conta da sua crença ou da sua fé. O prazer da desconstrução, o êxtase da subversão e a alegria de fazer rir com algo que para alguns deveria ser sagrado. Um desafio, uma necessidade de colocar a cara a tapa e a competência e o reconhecimento de conseguir um resultado substancial, porém polêmico e sujeito à críticas, agressões e passaportes carimbados ao inferno.

Importante reiterar que, assim como George Carlin, a revisão dos dez mandamentos é feita por Jesus nos Evangelhos, reduzindo-os a dois: Amar a Deus sobre todas as coisas e amar ao próximo como a si mesmo⁵⁵. Porém, são muito diferentes dos dois a que Carlin os reduziu. Ele finaliza o texto da sua apresentação de uma forma que certamente se encaixa perfeitamente com a dinâmica de criação do *Porta dos Fundos*:

Deixo-lhes com a lista revisada dos “2 mandamentos”: “Sempre serás honesto e fiel a quem provê a tua trepada; e tentarás ao máximo não matar ninguém, a não ser que rezem para um homem invisível diferente do teu”. Moisés podia ter trazido a lista na porra do bolso! Se a lista fosse essa, nem ligaria se a colocassem na parede da côrte. Contanto que adicionassem esse mandamento: “manterás tua religião para ti mesmo”.

⁵⁵ Mateus 22:36-39

Os dez mandamentos e suas proibições permitem que os humoristas se apropriem dos vazios e das dúvidas e criem seus próprios mandamentos ou questionem os propostos na Bíblia.

5.3. BÍBLIA

Figura 16: Gregório Duvivier como Pastor em “Bíblia”



Fonte: Disponível em <https://i.ytimg.com/vi/wkSIBBAWhWU/maxresdefault.jpg> acessado em 21/08/2015>

O bairro Vila Nova de Colares, na cidade de Serra, Grande Vitória, foi manchete no programa *Fantástico* da *Rede Globo*⁵⁶. Lá vive um pedreiro que também se diz pastor, Justino, de cinquenta anos. E foi pautado na Bíblia que o pastor alegou que poderia ter outras mulheres. Uma vizinha do pastor, casada, com quatro filhos, contou a Justino que havia tido sonhos que revelavam que ela teria filhos com o pastor. Se era da vontade de Deus, o marido também

⁵⁶ O vídeo da matéria exibida no programa está disponível no *Youtube*: <https://www.youtube.com/watch?v=8fqDa8RPt0o>, acessado em 20/09/2015.

concordou. O pastor, que também é casado, justifica suas ações no livro de Oséias, capítulo 3. O religioso, então, diante do repórter, lê a passagem bíblica: “Vai outra vez, ama uma mulher, amada de seu amigo e adúltera”. O pastor se referia à adulteração da mulher do amigo. O repórter pega a Bíblia para ler a passagem e constata que a palavra escrita na citação não é “adúltera”, mas sim, “adúltera”. O pastor toma a Bíblia nas mãos, relê, e fica um tempo em silêncio. O repórter pergunta: “Não houve uma interpretação equivocada?”, e o pedreiro-pastor, um tempo depois, responde: “Ah tá, inclusive foi bom o senhor mexer nisso aqui, porque uma coisa chama a outra. Por isso nós precisamos da direção do espírito”, não dizendo coisa com coisa. A passagem bíblica se refere ao perdão a uma mulher adúltera, e por conta de um acento mal-empregado, o pastor fez sexo com a vizinha casada, adulterando-a, com o consentimento do marido dela.

Esta história verdadeira, poderia ser um esquete de humor, mas não é. Existe uma série de religiosos que interpretam as passagens bíblicas de forma equivocada e podem acabar gerando algumas confusões e problemas na vida de seus seguidores. O vídeo *Bíblia*, do *Porta dos Fundos*, se ocupa justamente dessa brecha, a da interpretação, ou, no caso, da má interpretação do texto bíblico.

Antes de prosseguir, acredito ser importante estabelecer a diferença entre doutrina e dogma, para utilizar esses termos de forma correta na análise deste vídeo e do posterior (*Deus*, que também lida com essa questão). Dogma é um ensinamento perpetuado pela igreja. Ensinos e declarações do homem acerca da verdade, quando apresentado em um credo. Segundo o *Dicionário Crítico de Teologia*, de Jean-Yves Lacoste: “O ‘dogma’ designa, no uso teológico atual, uma verdade que a igreja põe como algo que se deve crer” (2004, p. 568). Já Clodovis Boff, em *Teoria do Método Teológico*, nos diz que:

Dogma, no sentido estrito, é uma verdade revelada, normativa e formalmente declarada pela autoridade eclesial. É, em breve, uma doutrina religiosa eclesial vinculante. Nesse sentido, dogma constitui

uma noção típica da Idade Moderna (séc. XVI). (2012, p. 249)

Em contraponto com o dogma, a doutrina é efetivamente de origem divina, tem um alcance universal e é imutável. Neste caso, a Palavra de Deus é encarada como atemporal e transcultural. A doutrina é, ela por si só, diferente do dogma, que tem a interferência de uma instituição como mediadora dos ensinamentos. A doutrina é uma exposição sistemática e lógica das verdades que emergem do texto bíblico, com o intuito de aperfeiçoar a espiritualidade de quem absorve os ensinamentos. Portanto, no vídeo *Bíblia*, temos uma distorção da doutrina, do ensino da palavra de Deus. Já no vídeo a ser analisado no subcapítulo seguinte, *Deus*, há um misto entre questionamento da doutrina (a vida eterna) e os dogmas (o que cada religião ensina a respeito do pós-morte).

Isto posto, no vídeo *Bíblia*, um pastor lê a palavra do Senhor diante dos fiéis e inicia dizendo que “a palavra do Senhor é clara”, estabelecendo, logo no início, a contradição com o que virá a seguir. O pastor faz conexões, interpretações e leituras nas entrelinhas como, por exemplo: “A partir de hoje temos todos que bater em negros. Amém?”. Quando questionado por um fiel, o religioso diz que foi Jesus quem disse e lê a Bíblia: “O nosso socorro está em nome do Senhor no céu e na terra. Salmo 124, versículo 8”. Novamente questionado pelo mesmo fiel, o pastor rebate interpretando o texto detalhadamente: “Nosso socorro – negros, está em nome do Senhor – bater em, criador do céu e da terra – bater em negros no céu e na terra. Tá aqui. É só saber ler, gente. Tem que tá atento. Porque tá tudo nas entrelinhas”. O mesmo fiel questiona que a mãe é negra, então pergunta se ele tem de bater nela. O pastor diz que não por ser negra, mas por ser mulher. Discorre: “(...) a mulher merece o acoite. Não fui eu que disse, foi Jesus! Tá aqui, pelo amor de Deus, vocês nunca leram a Bíblia? (Lê) ‘Ali onde estará o amor, estará também o nosso coração. Lucas 12:34’. Amor - mãe, mãe - mulher. Que estará em nosso coração – sangue, sangue que só sai das veias quando provocado por objetos violentos como um acoite! Tá clara, a

palavra é clara. Amém?”. O pastor faz as conexões que bem entende e, mesmo questionado por algum fiel, ele o recria por não saber ler a palavra. Neste vídeo, a ironia e o humor se dão através do exagero da interpretação do texto bíblico, configurando uma má interpretação. O *nonsense* das leituras preenche a brecha da crítica a algumas doutrinas que se utilizam do texto bíblico como forma de catequização, controle e enriquecimento ilícito. No próprio vídeo, o personagem se utiliza de outro texto aleatório pedindo que os fiéis doem tudo o que tem para a igreja.

No que se refere ao exagero proposto no roteiro, a construção do personagem do pastor é fundamental para que este seja facilmente identificável pelo espectador, por estar ali um cenário em uma Igreja, o púlpito, o microfone, o jeito de falar com as nuances na voz, a Bíblia nas mãos. O contexto contribui para o resultado. E o exagero nos conecta ao que costumamos ter como estereótipo de pastor de programas televisivos ou referências pessoais. Em *O Humorismo*, Luigi Pirandello reflete a respeito da caricatura e do exagero:

Mas é claro que a intenção paródica comunica forçosamente à forma a caricatura, posto que, quem queira imitar um outro, precisa colher seus traços mais acentuados e insistir neles: tal insistência gera inevitavelmente a caricatura.(...) Basta tratar de religião com a linguagem bufona da plebe para que se tenha irreverência” (1999, p. 89)

De acordo com Pirandello, o exagero seria um caminho para o preenchimento dos vazios e a identificação do modelo de referência. Quando colocamos uma lente de aumento sobre o objeto a ser parodiado, aqui, no caso, uma doutrina cristã, as características mais importantes para os humoristas se sobressaem. Pirandello ainda nos fala sobre a alteração do modelo inicial (aqui, no caso, a figura do pastor) e sua relação com o exagero no processo criativo (o personagem pastor):

Quem faz uma paródia ou uma caricatura está por certo animado de um intento ou satírico ou simplesmente burlesco: a sátira ou a burla consistem em uma alteração ridícula do modelo, e não são por isso comensuráveis salvo em relação às qualidades deste e particularmente com as que se salientam mais e que já no modelo representam um exagero. Quem faz uma paródia ou uma caricatura insiste nessas qualidades salientes; dá-lhes maior relevo; exagera um exagero. Para fazê-lo é inevitável que se forcem os meios expressivos, que se alterem estranhamente, grosseiramente ou até grotescamente, a linha, a voz ou, de alguma maneira, a expressão, que se faça em suma violência à arte e às suas condições sérias. Trabalha-se sobre um vício ou sobre um defeito de arte ou de natureza, e o trabalho deve consistir no exagero para que riam dele. Resulta inevitavelmente um monstro; qualquer coisa que, se considerada em si e por si, não pode ter nenhuma verdade, nem, portanto, nenhuma beleza; para entender-se a sua verdade e por isso a sua beleza, é preciso examiná-la em relação ao modelo. Sai-se assim do campo da fantasia pura. Para rir-se daquele vício ou daquele defeito ou para ridicularizá-los, devemos também gracejar com o instrumento da arte, ser consciente de nosso jogo, que pode ser cruel, que pode ainda não ter intenções malignas ou ter ainda intenções sérias, como as tinha, por exemplo, Aristófanes em suas caricaturas” (1999, p. 98)

O problema destacado nesse esquete é de interpretação, de saber ler, compreender e vislumbrar diferentes formas de pensar o texto bíblico, que é tão diverso, complexo e escrito por diversos

autores no decorrer de séculos. Justamente por ser um conjunto de textos intrincados, alguns leitores vão além do que está escrito e criam suas próprias interpretações, de acordo com o que lhe convém. Em *Guia Literário da Bíblia*, organizado por Robert Alter e Frank Kermode, os autores nos falam a respeito dessa má leitura:

Tem-se dito que a melhor razão para o estudo sério da Bíblia – para aprender como lê-la bem – está escrita ao longo da história da cultura ocidental: que se veja o que ocorre quando as pessoas lêem equivocadamente, lêem mal ou lêem com falsas suposições. (1997, p. 13)

Alter e Kermode ainda nos apresentam um panorama da extrema heterogeneidade da Bíblia, que corrobora para as más interpretações:

(...) não é sequer uma coleção unificada, mas sim uma antologia solta que reflete cerca de nove séculos de atividade literária hebraica (...) A variedade genérica dessa antologia é de qualquer modo notável, englobando historiografia, narrativas ficcionais e muitas misturas de ambos, listas de leis, profecias tanto em verso como em prosa, obras aforísticas e de meditação, poemas de culto e devoção, hinos de lamentação e vitória, poemas de amor, tábuas genealógicas, contos etiológicos, e muito mais. (1997, p. 24)

A citação acima nos permite pensar que a variedade de interpretações se deve muitas vezes à pluralidade e à heterogeneidade do texto, fazendo com que a identificação de espaços vazios e brechas seja preenchida com leituras modernas. Isso, sem entrar no mérito da má fé, que pode fazer da Bíblia um texto utilizado para o bem ou para o mal, de acordo com o que se deseja através dele.

Robert Alter, em *A Arte da Narrativa Bíblica*, nos oferece uma abordagem a respeito de como os textos eram escritos na época pelos hebreus e de que forma estes contribuíram para a existência das lacunas textuais que permitem diversas interpretações na modernidade:

(...) um dos objetivos fundamentais das inovações técnicas promovidas pelos antigos escritores hebreus constitui em promover certa indeterminação de sentido, especialmente quanto às causas da ação, às qualidades morais e à psicologia dos personagens. (...) Possivelmente pela primeira vez na narrativa literária, o significado foi concebido como *processo* que exige revisão contínua – tanto no sentido usual como na acepção etimológica de “ver de novo” –, suspensão da opinião, exame atento das várias possibilidades e avaliação das lacunas de informação. (2007, p. 27 e 28)

Além da interpretação do texto bíblico em si e da forma como o humor se apropria do estereótipo para criar o humor, é interessante perceber algumas questões referentes ao crescimento e estabilização do pentecostalismo no Brasil, fazendo, assim, com que esses estereótipos sejam criados e disseminados. No livro *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, Ricardo Mariano⁵⁷, nos fala a respeito das novas religiões e das formas inusitadas de se chegar aos fiéis:

⁵⁷ Ricardo Mariano é doutor em sociologia pela Universidade de São Paulo, professor do Departamento de Sociologia da USP e pesquisador do CNPq. Realiza pesquisa na área de sociologia da religião, focando especialmente no movimento pentecostal no Brasil.

Mas são as igrejas neopentecostais (...), formadas a partir de meados da década de 70, que realizam as mais profundas acomodações à sociedade, abandonando vários traços sectários, hábitos ascéticos e o velho estereótipo pelo qual os crentes eram reconhecidos e, implacavelmente, estigmatizados. Na verdade, elas não só aboliram certas marcas distintivas e tradicionais de sua religião, como propuseram ritos, crenças e práticas, relaxaram costumes e comportamentos e estabeleceram inusitadas formas de se relacionar com a sociedade. (1999, p.8)

A partir do que noz diz Mariano, podemos observar que o poder dos neopentecostais diante de uma adaptação a um novo público de seguidores e às necessidades de fidelizar o rebanho, pode ser um dos problemas em algumas religiões modernas, no que se refere à interpretação da Bíblia e à difusão dos seus trechos de forma equivocada e tendenciosa. A esse respeito, o autor ainda nos fala:

Mas qual o poder efetivo das igrejas pentecostais? Elas possuem discurso religioso fervoroso, combativo, e relativamente padronizado, ampla rede de templos e de pastores bem organizada, em alguns poucos casos muito dinheiro, recursos humanos de sobra, emissoras de rádio e TV, jornais, revistas, editoras, gravadoras, dezenas de parlamentares em todo espectro partidário. Pode-se notar de imediato que tais igrejas, no conjunto, detêm algum poder. De posse dele, tentam influir nos destinos da nação de dois modos. O primeiro toma a tradicional via da conversão, da moralização e da evangelização: “transformar o indivíduo para transformar a sociedade”. O segundo,

mais recente, opta pelas vias midiática e política. Claro que estas tentativas de recristianização “por baixo” e “por cima”, nos termos de Gilles Kepel (1991), separadas aqui para efeito analítico, ocorrem simultaneamente na atual conjuntura pentecostal. (1999, p. 231)

Em *Bíblia*, vemos um pastor estereotipado que personifica a crítica à doutrina cristã que se utiliza da ingenuidade, carência ou fé de seus fiéis, para se estabelecer enquanto religião e estrutura de poder. Não deve ser encarado como uma generalização, mas sim, um recorte acerca de uma parcela dos pastores que inspiram a criação do vídeo. Como o próprio personagem/pastor fala no fim do vídeo, de forma aconchegante: “Semana que vem vamos ter o culto da pedofilia autorizada. Quero ver todo mundo aqui”. É no limite do exagero que se dá a crítica, e a brecha da interpretação (ou da má interpretação) é preenchida para instituir o riso.

5.4. DEUS

“Não posso acreditar num Deus que quer ser louvado o tempo todo”.
Friedrich Nietzsche

Figura 17: O humorista Rafael Infante como “Deus”, no vídeo Deus.



Fonte: Disponível em
 <<https://i.ytimg.com/vi/t11JYaJcpxg/maxresdefault.jpg>> acessado em
 20/09/2015

Na obra *Deus no espelho das palavras*, Antônio Magalhães nos apresenta Deus não somente como o criador, mas como um personagem literário:

Há de se pontuar o caráter intertextual do personagem Deus, a sensibilidade estética e a criatividade dos autores bíblicos. (...) Deus não é somente criador, mas criatura; não somente origem, mas também produto final; não somente autor, mas personagem. (2009, p. 41)

Segundo Magalhães, a Bíblia pode ser lida como “construções literárias de grandeza estética” (2009, p. 41) e constata que um dos maiores personagens da história ocidental é Deus. Um personagem com idiossincrasias, incongruências e contradições, que o fortalecem enquanto personagem humano. Nesse aspecto, Harold Bloom, em *O Cânone Ocidental*, nos fala a respeito do Javé de J:

(...) humano demais: come e bebe, muitas vezes perde a paciência, delicia-se com suas travessuras, é ciumento e vingativo, proclama sua imparcialidade enquanto joga constantemente com favoritos, e desenvolve um considerável caso de ansiedade neurótica quando se permite transferir sua bênção de uma elite para toda a hoste israelita. (1995, p. 15)

Lendo a Bíblia enquanto literatura, sem preceitos doutrinários, podemos investigar um personagem que foi criado, idealizado e revisado no decorrer de suas escrituras, leituras e releituras. Não é um personagem somente criador, unilateral e bondoso. Ele possui facetas. Assim como todos os personagens literários bem escritos, o Deus bíblico é contraditório e tem seus momentos de instabilidade, ambiguidade, solidão, brilhantismo, confusão, incoerências e coerências; sendo assim, humano. Magalhães também nos provoca a esse respeito dizendo que “(...) Deus não é nenhum santo” (2009, p. 53), que nas páginas da Bíblia, nem todas as histórias onde Deus aparece enquanto personagem, são dignas de tal atmosfera idealizada de um ser criador amoroso e sisudo. Portanto, acredito que podemos analisar Deus a partir de outras perspectivas.

Encarar Deus como criatura e não somente como criador pode ampliar os horizontes do personagem e, também, de quem o lê. Existe um número incontável de religiões, leituras, conjecturas, ideias e interpretações acerca de Deus e da forma que ele irá (ou não) receber cada um após a morte. E é a partir dessa perspectiva, desta brecha, que o *Porta dos Fundos* cria o roteiro do vídeo *Deus*. Nele, se confronta o ser humano-criatura com o Deus-criador, sendo que este Deus-criador, no roteiro, se transforma em Deus-criatura, nas mãos dos redatores (humanos-criadores), dando-lhe outro viés de leitura.

Em *Deus*, o encontro após a morte se dá entre um Deus polinésio e uma cristã católica. Com isso, se firma uma construção do personagem Deus que se opõe explicitamente ao Deus cristão e aos dogmas, doutrinas e crenças a respeito do criador bíblico. No

livro *Porta dos Fundos*, Fábio Porchat fala a respeito deste roteiro escrito por ele:

Eu fico impressionado como as pessoas lutam até a morte por conta de ideias que elas nem sabem se são verdadeiras. Só que se cada um acredita em alguma coisa diferente, alguém tem que estar errado! E se, no quesito religioso, por exemplo, forem os polinésios que estiverem certos? E se todos os outros erraram? Católicos, muçulmanos, judeus, não tem pra ninguém. Até eu, que sou ateu, errei e vou arder no infinito com o resto da humanidade. Gosto também de um deus que tenha humor. Em nenhuma religião, Deus ri. (2013, p. 202)

Neste roteiro, Deus “delicia-se com suas travessuras”, como diz Bloom. Deus é um personagem, Deus se diverte, Deus ri. Diferente do Deus bíblico e também de Jesus, que em nenhum momento descreve o riso em sua face. O roteiro explora o ecumenismo religioso, a pluralidade da religiosidade e o diálogo entre as religiões, que não falam a mesma língua mas acreditam em algo após a morte, em um ser superior sobrenatural, cada qual a sua maneira. O roteiro dialoga com a dúvida, as crenças, a fé, e a falta dela, com humor refinado e referências consistentes.

No início do vídeo, vemos uma mulher (Clarice Falcão) chegando a um lugar totalmente branco e nada mais. Logo depois ela se assusta com a presença de um ser e exclama: “Ai, meu Deus!”, e vê um homem (Rafael Infante) caracterizado com colares, correntes, pulseiras, moreno, meio sujo, cabelos mal cuidados⁵⁸. Este chacoalha suas pulseiras e se manifesta, informando-a que ela morreu. Ela pergunta quem é ele e ele diz: “Deus!”, ela, confusa com o que vê, fala “Como assim você é Deus?”:

⁵⁸ Imagem do personagem Deus na foto na abertura do capítulo.

DEUS: Ué, assim. Sendo assim! Ó, toda civilização acredita em alguma coisa, não é? Alguma tinha que estar certa, correto? E não é que esse tempo todo quem tava certo era o pessoal da tribo da Polinésia?

MULHER – Caralho...

DEUS – E como você não seguiu à risca nossos dogmas e nossas estruturas linguísticas, você vai arder no infinito.

MULHER – Oh, mas eu não sabia! Eu não sabia que...

DEUS – (interrompendo) É o mesmo papo de Gandhi! Ele falou isso e não colou.

MULHER – Como eu ia saber que o Deus polinésio era o certo?

DEUS – Você não ia saber. Você escolheu Deus, deixa eu ver aqui... (pega a prancheta) Judite... Catholic! Errou... errou feio, errou rude! (PORTA DOS FUNDOS, 2013, p. 203)

Deus é um fanfarrão. Diverte-se com o fato de que as pessoas que morrem chegam até ele e constataam que estavam erradas. A crítica, ironia e referência à pluralidade das religiões fica evidente. O ato de criar esse personagem, que nada tem a ver com a imagem que se tem de um Deus, cria o estranhamento e o humor decorrentes de um ser debochado, sádico e exagerado. Este exagero da criação do personagem, da estética e da situação, segundo Vladimir Propp, pode ser caracterizado como grotesco:

Ele extrapola completamente os limites da realidade e penetra no domínio do fantástico. (...) Uma definição correta e simples do grotesco é dada por Bóriev: ‘O grotesco é a forma suprema do exagero e da ênfase cômica. É o exagero que confere um caráter fantástico a uma determinada imagem ou obra. (PROPP, 1992, p. 91)

A imagem – Deus, da obra – Bíblia, são completamente desconstruídos, e esse exagero, esse grotesco, essa situação que ultrapassa os limites da realidade, geram o estranhamento que leva ao humor. “O grotesco nos faz sair de um mundo realmente possível” (PROPP, 1992, p. 91) e o mundo impossível criado confronta o que cada pessoa tem pré-concebido enquanto verdade. Assim como na obra *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, quando João Grilo estranha Jesus negro e se manifesta a esse respeito, diferente dos outros (incluindo o padre e o bispo), que tiveram o mesmo estranhamento mas não falaram nada. Um Jesus negro é uma imagem que não vai ao encontro da imagem de um Jesus loiro de cabelos longos que muitos estão acostumados a associar, assim como um Deus polinésio, com características tribais. Propp continua dizendo que:

O grotesco é cômico quando, como tudo o que é cômico, encobre o princípio espiritual e revela os defeitos. Ele se torna terrível quando o princípio espiritual anula o homem. É por isso que podem ser terrivelmente cômicas as representações de loucos. (1992, p. 92)

Deus enquanto personagem bíblico, apesar da infinidade de ações vingativas e mortes em nome dele, não é automaticamente visto como um ser que tem como característica primordial seus defeitos. Expor esse lado, de um Deus humano, com características semelhantes ao ser humano, que ri, que zomba da sua criação que acaba de morrer e está confusa, causa comichão. “O grotesco é possível apenas na arte e impossível na vida” (PROPP, 1992, p. 92)

O roteiro continua com a mulher perguntando se não há nenhuma forma de ela se redimir:

DEUS – De acordo com a doutrina, se você dançar esfregando o peito e a barriga no chão, você se redime.
(Mulher dança meio sem sentido. Deus ri)

DEUS – (rindo) Você acreditou?! Ô, cegonha! Pode levantar, menina. Você acredita que eu fiz isso com Madre Tereza de Calcutá? E ela debatia, babava...

MULHER – Então quer dizer que eu fui a missa todo domingo, não traí meu marido, dei meu dinheiro pros pobres...

DEUS – Otáriaaaa!

MULHER – No céu só tem polinésio?

DEUS – E Hebe. Camargo. Adoooro. (PORTA DOS FUNDOS, 2013. P. 204 e 205)

Este trecho nos expõe a um Deus com senso de humor exacerbado, transformando a mulher em uma marionete, da mesma forma que fizeram com ela em vida, foi enganada. E Deus ri, gargalha, se diverte. O fato de Deus saber que é uma incógnita, o faz usar isso a seu favor, sendo extremamente irônico. O personagem é uma caricatura do que poderia ser um Deus que nada tem a ver com a imagem que se faz dele.

Já Aristóteles dizia que a comédia representa as pessoas ‘piores do que elas são’. Em outras palavras, para criar caracteres cômicos é necessário certo exagero. (...) A caricatura, (...) consiste em tomar-se qualquer particularidade e aumentá-la até que ela se torne visível para todos. Na descrição dos caracteres cômicos se escolhe uma propriedade negativa do caráter e se amplifica, permitindo com isso que a atenção principal do leitor ou espectador seja dirigida a ela. Hegel define caricatura de um caráter nos seguintes termos: “Na caricatura, um dado traço é extraordinariamente aumentado e se apresenta como algo característico levado ao excesso” (PROPP, 1992, p. 134)

Para o personagem Deus, rir e ser bem-humorado, irônico, sacana seria uma particularidade, a priori, negativa do personagem, exposta a uma lente de aumento. Nas charges, os traços significativos (um nariz grande, um olhar diferente, um cabelo que chama a atenção) são explorados, e, no texto escrito, isso também ocorre, e posteriormente na encenação, quando a caricatura transcende o papel e se caracteriza pela construção do ator e da direção, a partir da ideia chave do autor. O senso de humor levado ao extremo é o traço que o qualifica como caricatura.

No fim do vídeo, a mulher se manifesta:

MULHER – Isso é um absurdo! As pessoas lá embaixo têm que ter o direito de saber o que elas precisam fazer pra...

DEUS – (interrompendo) Eu tive essa mesma discussão com o João Paulo II, o papa, e não levou a lugar nenhum.

MULHER – Eu vou pro mesmo lugar que Hitler?

DEUS – Tá pensando negativo! Pensa que você vai pro mesmo lugar que Einstein!

MULHER – Tá bom! Posso fazer um pedido?

(Deus acena positivamente com a cabeça)

Quando o Malafaia morrer, posso vir dar a notícia? (PORTA DOS FUNDOS, 2013, p. 205)

Com uma piscada pra câmera, o vídeo termina. A utilização de nomes de personalidades como Madre Tereza de Calcutá e Hebe Camargo, anteriormente, além de João Paulo II, Hitler e Einstein, aproximam o público da humanidade desse personagem, e, por conta da forma com que eles são inseridos no contexto, cria-se um

ambiente propício ao riso. A referência final, fecha de forma extremamente sarcástica, debochando do Pastor Silas Malafaia⁵⁹.

Outro fator significativo a ser levantado é o ato de fazer humor a respeito da morte. Em muitos casos pode ser delicado, mas, no caso deste vídeo, não se fala da morte em si, mas do pós-morte, o que credita uma leveza ao tema. Em *A História do Riso e do Escárnio*, no capítulo intitulado *O mito, o riso e a morte*, Minois nos fala intensamente a respeito do riso dos deuses como um riso verdadeiro e no homem relacionado ao sofrimento e à morte. Em a Odisseia:

(...) os pretendentes, pressentindo seu fim próximo, são sacudidos por um riso que agita seus maxilares contra sua vontade – o riso inextinguível dos deuses – e, ao mesmo tempo, choram. O riso, nos mitos gregos, só é verdadeiramente alegre para os deuses. Nos homens nunca é alegria pura; a morte sempre está por perto, e essa intuição do nada, sobre o qual todos estamos suspensos, contamina o riso. (MINOIS, 2003, p. 27)

O Deus polinésio ri assim como os deuses. O riso dos deuses é mais puro que o riso do homem. O termo “morrer de rir” é utilizado corriqueiramente hoje em dia, mas a expressão é utilizada por Homero de forma não metafórica:

Aliás, pode-se, literalmente, “morrer de rir”. Homero utiliza a expressão a propósito ainda dos pretendentes, quando eles assistem ao castigo infligido por

⁵⁹ Silas Lima Malafaia é um pastor pentecostal brasileiro líder do ministério Vitória em Cristo, ligado à Assembleia de Deus. É conhecido por suas manifestações polêmicas através de textos e vídeos em que se posiciona de forma extremamente crítica em relação a temas como o aborto e a homossexualidade.

Ulisses a Iros: “Os nobres pretendentes, levantando os braços, morriam de rir”. De fato, acreditando rir do outro, era da própria morte que eles riam, sem o saber. (MINOIS, 2003, p. 27)

Fazendo um paralelo desta manifestação humorística do grupo *Porta dos Fundos* e o Canto das Sereias, de *O livro do por vir*, de Maurice Blanchot, podemos levantar algumas aproximações. O Canto das Sereias é uma promessa enigmática, misteriosa, que desperta a esperança de um além maravilhoso. Já no vídeo *Deus*, esse Canto da Sereia seria enquanto metáfora tudo aquilo que foi proposto em vida (uma vida eterna “prometida” por sua religião específica, no caso do vídeo, a Católica), que era misteriosa, enigmática, porém, convincente e, diante da fé, crível. Essa visão pré-morte é colocada em cheque, é desmistificada e destruída, após a passagem da vida para a morte. Seria o que Blanchot cita como “a espantosa surdez de quem é surdo porque ouve” (BLANCHOT, 2005, p. 5), alguém que tem a opção de escolha e escolhe o errado, mas sem ter como saber qual é o certo. Só se erra por se ter a opção de errar.

(...) o encantamento, por uma promessa enigmática, expunha os homens a serem infiéis a eles mesmos, a seu canto humano e até à essência do canto, despertando a esperança e o desejo de um além maravilhoso, (...) Havia, pois, um princípio malévolos naquele convite as profundezas? Seriam as Sereias, como habitualmente nos fazem crer, apenas vozes falsas que não deviam ser ouvidas, o engano e a sedução aos quais somente resistiam os seres desleais e astutos? (2005, p. 05)

Quanta sedução é utilizada para despertar a esperança? A personagem mulher do vídeo foi envolvida em uma série de histórias que ela enumera: “*Então quer dizer que eu fui a missa todo domingo, eu não traí meu marido, eu dei meu dinheiro pros*

pobres...”, ela se sente enganada diante de uma verdade que lhe foi escondida. Ela tenta se redimir por ter sido “*Otária*”, como diz o personagem Deus, mas não consegue. Ela acreditou no seu Canto das Sereias e terá de arcar com as consequências.

Houve sempre, entre os homens, um esforço pouco nobre para desacreditar as Sereias, acusando-as simplesmente de mentirosas quando cantavam, enganadoras quando suspiravam, fictícias quando eram tocadas; em suma, inexistentes.
(BLANCHOT, 2005, p. 05)

O ponto de vista dos redatores do *Porta dos Fundos* funciona como a figura destes homens que se esforçam para desacreditar da existência daquilo que os outros acreditam e eles não. Assim como uma provável inexistência das sereias, o humorista aqui parte da sua visão ateísta para criar sua obra. Utiliza-se das lacunas da obra bíblica e das doutrinas pregadas a partir dela.

Tal abordagem me remete a Blanchot quando fala, no capítulo *A lei secreta da narrativa*, que: “Isso não é uma alegoria. Há uma luta muito obscura travada entre toda narrativa e o encontro com as Sereias, aquele canto enigmático que é poderoso graças a seu defeito” (2005, p. 06). O seu defeito, um canto estranho ao homem, inumano. E, mesmo com esse defeito, ele causa o encantamento, o inexplicável encantamento diante de um abismo, diante do desconhecido. Na modernidade, esse canto é ouvido todos os dias, em diversas línguas, de diversas formas, promovendo encantamento e fazendo com que os ouvintes se joguem em seus abismos pessoais. A religião, a crença, a fé, encaminham cada um diante de um abismo diferente, e, como vemos no vídeo, somente um deles provavelmente será o correto. Não há respostas definitivas.

Blanchot continua:

O que chamamos de romance nasceu dessa luta. Com o romance, o que está em

primeiro plano é a navegação prévia, a que leva Ulisses até o ponto de encontro. Essa navegação é uma história totalmente humana. Ela interessa ao tempo dos homens, está ligada a paixão dos homens, acontece de fato e é suficientemente rica e variada para absorver todas as forças e toda a atenção dos narradores. Quando a narrativa se torna romance, longe de parecer mais pobre, torna-se a riqueza e a amplitude de uma exploração, que ora abarca a imensidão navegante, ora se limita a um quadradinho de espaço no tombadilho, ora desce às profundezas do navio onde nunca se soube o que é a esperança do mar. (2005, p. 06)

A paixão dos homens, suas fragilidades, suas brechas, suas navegações pessoais, o encaminham ao desconhecido diante da imensidão, do que é limitado e do que está escondido. Tudo depende do campo de visão de cada um para poder ver opções diferenciadas de respostas para tantas perguntas. Uma maioria talvez opte pela materialização do subjetivo (céu, purgatório, inferno, imagens, santos, fábulas como realidades) para o entendimento pessoal. O *Porta dos Fundos*, através do vídeo *Deus*, opta por questionar, criar humor a partir dessa imensidade de informações e brechas, e não se limita, como nos diz a citação acima de Blanchot, “*a um quadradinho de espaço no tombadilho*”, muito menos no fundo do navio, sem poder conhecer o infinito do mar.

5.5. CURA

Figura 18: “Cura”.



Fonte: Disponível em
<https://i.ytimg.com/vi/bS_abLRlIAA/maxresdefault.jpg> acessado em
24/09/2015

Em 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu que a homossexualidade não era considerada patologia, portanto, não deveria ser encarada e tratada como doença. Com esta questão determinada, no Brasil, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), em 1999, proibiu profissionais da área de tratarem, através de terapias, a reversão da orientação sexual de seus pacientes. Em 2011, o deputado federal João Campos (PSDB-GO) protocolou, na Câmara dos Deputados, um Projeto de Decreto Legislativo que propunha a retirada da resolução do Conselho Federal de Psicologia referente a este tema. Em meio a uma série de tentativas malsucedidas de votar o projeto e muita polêmica em torno do mesmo, este foi aprovado pela Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara, com apenas um voto contrário. Duas semanas depois, o autor do projeto, deputado João Campos, apresentou um requerimento solicitando a interrupção de tramitação de sua proposta. Segundo o deputado, o seu partido se manifestou publicamente contrário ao projeto e não seria possível conseguir aprovação do mesmo mais adiante. Além de ter coincidido com as manifestações por todo o Brasil, em junho de 2013, onde a questão da Cura Gay, como foi apelidado o projeto,

também estava sendo abordada nos cartazes e insatisfações dos participantes. Nesta ocasião, o deputado afirmou que essas iniciativas estavam tirando o foco dos eventos que era melhoria na saúde, educação e o fim da corrupção.

Diante deste cenário, houve uma série de confrontos entre militantes da comunidade LGBT⁶⁰, a população contrária e a favor do projeto e os deputados, em sua grande maioria, parte da chamada bancada evangélica. O projeto, apelidado de Cura Gay, ocupou os noticiários e as redes sociais de forma séria, mas também diversas manifestações divertidas surgiram na internet. Como os remédios fictícios, satirizando os originais Omeprazol, Dipirona, Benegripe, Paracetamol, Buscopan, entre outras piadas.

⁶⁰ **LGBT**, ou ainda **LGBTTT**, é sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. Embora se refira a apenas seis, é utilizado para identificar todas as orientações sexuais minoritárias e manifestações de identidades de gênero divergentes do sexo designado no nascimento.

Figura 19: Imagens postadas na internet por conta do projeto de “Cura Gay”.





Fonte: Imagens disponíveis em:

<<https://srcoelhoblog.files.wordpress.com/2013/06/omepramim.jpg>>,
 <<https://srcoelhoblog.files.wordpress.com/2013/06/dipiroca.jpg>>,
 <http://3.bp.blogspot.com/-RDFVM7Xb_pE/UcHLztNAoXI/AAAAAAAAAS7c/HPb_k_kFjzY/s1600/1011085_328227013975121_1499182419_n.jpg> ,
 <<http://4.bp.blogspot.com/-A-UMcVpleI4/UdNxShhnrjI/AAAAAAAA03k/jlwGfGdU7ug/s319/BUSCOPAU.jpg>> ,
 <<http://i0.statig.com.br/bancodeimagens/b9/i9/f9/b9i9f9u5vvhjttsnyddgpy37>>

Na mesma época, o *Porta dos Fundos* lançou o vídeo *Cura*, se posicionando a respeito da situação. Para isso, se utilizaram de uma situação recorrente na Bíblia – o milagre – e um personagem

canônico – Jesus – para curar o personagem nitidamente homossexual, afeminado e afetadíssimo – Sandrinho. Logo no início do vídeo, Jesus está em uma espécie de gruta, cercado por seguidores que o observam. Em sua frente, um homem deitado no chão, sobre as pedras. Então Jesus diz: “Lázaro, levanta-te e anda”. Este levanta-se e é aplaudido pelos que assistem o milagre da ressurreição. Na Bíblia, toda a descrição deste evento está no evangelho de João 11:1-46, mas no vídeo é somente utilizado como ponto de partida para fazer o contraponto com o outro milagre que virá na sequência. Eis que surge Sandrinho, personagem nitidamente gay, que diz saber que Jesus está operando milagres. Perguntado por Jesus sobre qual o seu mal, Sandrinho responde de forma efusiva e repleta de trejeitos: “Eu tenho um fogo incontrolável dentro de mim, me queimando por dentro que eu não aguento mais. Eu não aguento mais, Senhor! Preciso de ajuda!”. Jesus ainda não entendendo bem qual o problema, se manifesta a respeito e o rapaz continua: “Preciso que o Senhor me livre desse mal, dessa maldição que me corrói. Eu não aguento mais!”. Enquanto Jesus tenta operar o milagre, Sandrinho interage ansioso com Jesus sobre a sua bata, seu cabelo, sempre evidenciando sua homossexualidade, mas Jesus pede concentração. Um tempo depois, Jesus diz que está feito o milagre, porém, o rapaz não mudou absolutamente nada em seus trejeitos, e sai dizendo que está ótima, “cem por cento”. Os seguidores que assistem a cena ficam perplexos. Um tempo depois, Jesus se manifesta: “Quê, gente? Gastrite!”.

Acredito que o grande trunfo deste roteiro é a quebra de expectativa, onde se encaminha o público para um desfecho (a cura da homossexualidade) e ele é completamente invertido (a revelação do problema: gastrite), transferindo, assim, o preconceito a respeito da homossexualidade de Sandrinho para o espectador. A revelação de que o fogo incontrolável dentro de Sandrinho é gastrite, nos faz olhar para nós mesmos e perceber o quanto já julgamos pelas aparências, trejeitos e atitudes estereotipadas. A utilização da palavra *maldição* por Sandrinho também colabora para a construção do pensamento do espectador, levando-o a concluir que o problema do rapaz é ser gay. Outro fator

de extrema importância nessa construção é a interpretação de Marcus Majella como Sandrinho, que nos faz criar empatia com o personagem, rir com ele, mas também rir dele. O título do vídeo e o período em que foi lançado, encaminham o espectador para esse lugar de julgador e faz com que a revelação da gastrite seja um *tapa na cara* de quem assiste, em forma de piada bem-feita. Se até o personagem Jesus não julga – e nem sequer cogita a questão da homossexualidade, pois, para ele a gastrite é evidente -, quem somos nós, espectadores, para julgar Sandrinho?

Em entrevista ao programa *The Noite*, de Danilo Gentili, no SBT, o ex-pastor Caio Fábio⁶¹ foi questionado pelo entrevistador: “Como você acha que Jesus veria hoje o movimento gay?”, e Caio Fábio responde: “Do jeito que ele viu nos dias dele. Nos dias dele tava cheio de gay. E o que ele fez?”. Danilo Gentili então devolveu a pergunta: “Não sei, o que que ele fez?”. E o ex-pastor responde:

Nada! Nada! Tava cheio de puta, o que ele fez? Nada! Cheio de canalha, calhorda pra todo lado. O que que ele fez? Nada! Ele acolheu. Não procurou e não perguntou coisa nenhuma. Não estava na pauta de Jesus e nem está. Essa pauta aí é uma pauta moral, é uma pauta ideológica, é uma pauta da fragilidade da religião que introjeta culpa nas pessoas e exacerba o maior movimento de compulsão psicológica justamente para aquilo que eles proíbem. (...) Conclusão: uma sociedade que só introjeta pecado, vai produzir só tarados. É simples como qualquer análise psicológica te diria. Não tem jeito de os evangélicos

⁶¹ Caio Fábio é um líder religioso, escritor, psicanalista e ex-pastor presbiteriano brasileiro. Foi o fundador e presidente da Associação Evangélica Brasileira (AEVB), é líder e mentor do Caminho da Graça (sediado em Brasília), grupo que possui subestações espalhadas pelo Brasil e pelo mundo.

melhorarem enquanto eles piorarem o mundo pra todos. Não tem jeito. Eles vão ser sempre os piores do mundo que eles pioram para os outros.

Através desta fala incisiva de Caio Fábio, podemos inicialmente identificar um Jesus que não julga, que não se posicionou em nenhum momento contra as minorias, muito pelo contrário. Assim como no vídeo *Cura*, Jesus acolhe. Na sequência, o ex-pastor faz uma crítica ferrenha direcionada aos evangélicos (importante frisar que João Campos, proponente do projeto Cura Gay, é evangélico). Acho pertinente a questão da culpa introjetada citada pelo ex-pastor, pois é justamente a questão da culpa, que fez com que o projeto de lei tenha ganhado força entre os que o propõe, pois é aí que a psicologia e o paciente a ser *curado* se unem. A relação entre a culpa de ser aquilo que os outros não querem que se seja (a Igreja, a família, Deus – segundo a Bíblia), e a figura do terapeuta que contribui para o aprofundamento da culpa a ponto de reverter uma doença que não é classificada como doença.

A partir dessas primeiras considerações acerca do vídeo *Cura*, posso identificar a brecha como o espaço de crítica ao projeto de lei, se utilizando do milagre como ferramenta dramaturgica, para a construção do preconceito no olhar do espectador, executando, assim, uma quebra de expectativa que se posiciona contra a proposta e devolve a questão para o espectador digerir. O roteiro ambienta a situação num período bíblico (utilizando Lázaro como referência) e constrói uma leitura moderna, por conta do contexto atual no qual o vídeo está inserido e onde será assistido. Uma outra questão que clareia o preenchimento desta brecha é justamente a relação entre milagre e cura, que aproxima efetivamente a religião e a política. O *Porta dos Fundos* se utiliza dramaturgicamente de um milagre para fazer contraponto ao projeto de Cura Gay, defendendo que o milagre realizado por Jesus é de ordem física, fisiológica, enquanto a *cura* é objeto de um projeto de lei, que é de ordem religiosa, moral e não representa o benevolente Jesus.

“O homem que se deitar com outro homem como se fosse mulher, ambos cometerão uma abominação; deverão morrer e seu

sangue cairá sobre eles.” (Levíticos, 20:13). Esse trecho da Bíblia é o mais incisivo com relação a esta questão, e utilizado com frequência, quando o assunto é homossexualidade. Acredito que a sexualidade, não somente a homossexualidade, tem um enfoque maior nas religiões, do que na Bíblia em si. No livro *Sexo & Religião*, do norueguês Dag Oistein Endsjo, o autor afirma que “Não há abordagem simples à relação entre sexo e religião” (2014, p. 9) e que “Nossa sociedade é aparentemente obcecada por sexo – assim como nossas religiões” (2014, p. 9). Fala-se muito sobre sexo, sobre não se fazer sexo, sobre como se fazer sexo, e a culpa por fazê-lo, dependendo da forma como se faz. Aparentemente, o ideal seria não fazer. E fazê-lo para procriar, estaria de bom tamanho. É um discurso não somente religioso, mas moral. Para o autor, “(...) quando as religiões regulam nossa vida sexual também controlam nossa vida, nossa identidade e até mesmo nossa compreensão do que é ser humano” (2014, p. 16). Sexo faz parte da vida, e quando a sexualidade passa a ser controlada, adquire um peso que a distancia do prazer e a aproxima da eterna culpa por estar fazendo algo errado. Endsjo ainda nos diz que: “O fato de o sexo se tornar sagrado ou abominável depende inteiramente de uma religião em particular defini-lo como tal” (2014, p. 17). Portanto, se você tem uma religião mais flexível, você tende a ter uma relação com a sexualidade com mais leveza, já no caso de uma religião mais restritiva e que condene determinadas práticas sexuais, a sua vida sexual caminha para confrontos internos contra seus próprios desejos. No caso da homossexualidade, essa questão é mais complexa, por se distanciar do conceito religioso de família (pai, mãe e filhos) e da relação com trechos bíblicos que condenam a prática ou exaltam a família, excluindo conseqüentemente os gays. O autor norueguês afirma com ironia que: “Culpa, danação eterna e pena de morte são apenas alguns exemplos do que aguarda àqueles que não lograram se ater ao *parceiro heterossexual* correto, ao *contexto* correto e aos *orifícios* corretos” (2014, p. 18). As questões propostas por este autor me interessam, para compreender a forma como é construído o olhar do espectador do vídeo *Cura*. Um espectador que já tem seus preconceitos, suas distintas religiões que o fazem ter um olhar mais ou menos julgador, o

contexto social, político e religioso em que está inserido que interferem na sua leitura, o incessante interesse pela sexualidade alheia, e a compreensão que se tem do mundo quando se é obrigado a olhar para si próprio e tentar compreender de onde vem os conceitos engessados e os julgamentos prévios. Em *Cura*, acredito que se abre uma brecha para a autorreflexão ao final do vídeo. Ele é engraçado, divertido, gera o riso, mas também permite ir além.

Ainda segundo Dag Oistein Endsjo, no Pentateuco está escrito:

“Se um homem deitar com outro homem como se fosse mulher, ambos cometerão uma coisa abominável. Serão punidos de morte e levarão a sua culpa”. Existem vários indícios de que a pena de morte não abrangia todo e qualquer tipo de sexo entre homens. O que determinava a punição era a expressão “como se fosse mulher”, o que implicaria a obrigatoriedade de haver a penetração para que alguém fosse morto sob as bênçãos de Deus. O fato de o pentateuco não conter nenhuma proibição ao sexo entre mulheres, aponta na mesma direção. O sexo, no sentido legal do termo, era sinônimo de penetração. É importante notar que não existe no Pentateuco nenhuma condenação à homossexualidade como tal. A condenação é somente ao sexo entre homens, ou, mais provavelmente, ao sexo anal entre homens. (2014, p. 172)

A citação acima nos encaminha para o pensamento de que existe uma condenação bíblica ao sexo homossexual com penetração, mas não ao afeto entre pessoas do mesmo sexo. Podemos ver isso em outros trechos e histórias bíblicas, onde a homossexualidade não é vista com tanta repulsa, como pregam alguns. O autor norueguês nos faz um apanhado sobre a história de Davi e Jônatas:

Quando se conta da relação amorosa entre Jônatas, filho do rei Saul, e o jovem Davi, que futuramente seria feito rei, não existe nenhum tipo de problema na intimidade entre ambos. Quando viu Davi pela primeira vez, “a alma de Jônatas apegou-se a alma de Davi e Jônatas começou a amá-lo como a si mesmo”. Jônatas dá a Davi suas roupas e armas em sinal de seu amor, e o salva sucessivas vezes de ser morto por seu pai, o rei Saul. Davi, por sua vez, deseja que o nome de Jônatas não seja eliminado da família de Davi. Os dois homens apreciam beijar-se e sua relação é comparada a um relacionamento heterossexual. Quando Jônatas é morto, Davi se verga e clama: “Tua amizade me era mais preciosa que o amor das mulheres”. (2014, p. 175)

A relação descrita acima está no primeiro livro de Samuel, e nos apresenta uma leitura acerca de uma relação amorosa que não é exposta nos púlpitos com a mesma disposição que o livro de Levíticos. Endsjö ainda nos fala sobre as cartas de Paulo e suas afirmações de que a homossexualidade era consequência automática do afastamento de Deus, seria uma justiça divina contra as pessoas. Portanto, segundo Paulo, Deus castigava quem se afastava dele com a homossexualidade. Já Jesus, nas linhas do extenso texto bíblico, jamais proferiu nenhuma palavra a respeito. Inclusive, no Evangelho de Mateus, capítulo 8, conta-se a história de um centurião romano que vai até Jesus, pois, seu criado, *Pais*, está muito enfermo. Segundo Dag Oistein Endsjö: “*Pais* é a palavra grega normalmente usada para designar o jovem amante em uma relação entre dois homens” (2014, p. 177). Portanto, a partir dessa passagem, podemos pensar a respeito de uma possível aprovação de Jesus aos dois homens, tendo curado o enfermo sem nenhuma censura e ainda elogia o centurião como exemplo a ser seguido. É uma hipótese, mas é interessante pensar como os próprios trechos bíblicos se contradizem acerca do mesmo tema, e

de que forma hoje os religiosos se apropriam somente dos versículos que condenam a homossexualidade, e que geram projetos como o de Cura Gay, justamente baseados na Bíblia e na valorização da tradicional família brasileira. Ainda temos no Pentateuco, no livro de Juízes, a destruição de Sodoma e Gomorra que, na maioria das leituras, se deve à homossexualidade masculina lá existente. Já em outras interpretações, se deve ao fato da falta de hospitalidade dos que lá viviam.

Baseados em alguns trechos um tanto quando ambíguos da Bíblia, no que se refere à homossexualidade, o cristianismo travou severas caçadas e batalhas sangrentas contra homossexuais em diversos momentos da história. O Concílio de Paris, em 829, condenou a sodomia, mas esta lei não se constituía como um documento jurídico, somente eclesiástico. Tendo em vista que o vídeo *Cura* surgiu a partir de um momento de confronto entre religião e política no Brasil, acredito ser pertinente voltar ao Concílio de Paris e seus desdobramentos, para compreender como a relação entre política e religião foi complexa e avassaladora na história, e observar as tentativas atuais de a religião voltar a interferir em questões que não estão em seu escopo. A religião tentando ditar leis.

Na tentativa de que os infratores fossem realmente executados, em 850 Benedito Levita (como se fazia chamar) falsificou trechos da lei de Carlos Magno, de 779. Incorporou ao compêndio legal carolíngio as recomendações tardias do Concílio de Paris, que determinavam a pena de morte para a sodomia. Desta forma, o desejo da igreja assumiu um valor legal. A versão falsificada da lei de Carlos Magno foi bastante propalada e teve uma influência definitiva sobre outras legislações seculares de países cristãos. Foi também considerada autêntica e livre de falsificações até a fraude ser finalmente descoberta por um pesquisador alemão, em 1836. A mistura de convicção cristã sobre

o sexo intragênero com a lei secular resultou em uma combinação altamente fatal. (ENDSJO, 2014, p. 183)

Cura é um dos vídeos do *Porta dos Fundos* que nos permite transitar pelas questões políticas e religiosas, e nos fazer pensar se não estamos voltando no tempo e regredindo política e socialmente. Além da Cura Gay, já foram apresentados projetos como o Estatuto da Família (definindo família unicamente como homem, mulher e seus descendentes), o dia do orgulho hétero, a criminalização da heterofobia, a proibição de adoção para casais homoafetivos, proibição da venda da pílula do dia seguinte e parlamentares se manifestam contra a criminalização da homofobia e contra o aborto em qualquer circunstância, sempre pautados por valores religiosos. Uma série de projetos de lei que poderiam gerar novos vídeos de humor, para colocar uma lente de aumento sobre o momento em que o Brasil vive, no qual a Bíblia vai tentando tomar o espaço da constituição federal.

No artigo *O país e o armário*, na *Folha de São Paulo*, Gregório Duvivier fala sobre as minorias e finaliza dizendo: “Ateus, maconheiros, vagabundas, pederastas, sapatões e travestis do mundo: uni-vos. Porque o lado de lá tá bem juntinho”.⁶² O vídeo *Cura* é uma tentativa de união e manifestação diante do fundamentalismo religioso que bate de frente com as minorias e seus direitos civis.

5.6. PÃO NOSSO

62

Disponível

em

<<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregorioduvivier/2014/08/1505356-o-pais-e-o-armario.shtml>> acessado em 20/08/2015

Figura 20: “Pão Nosso”.



Fonte: Disponível em
 <<https://i.ytimg.com/vi/C2xCNlvDA28/maxresdefault.jpg>> acessado em
 20/10/2015

A Constituição Federal veda à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, instituir impostos sobre os templos de qualquer culto. Portanto, igrejas em geral não pagam impostos, independente de qual religião for. A partir desse pressuposto, o *Porta dos Fundos* criou o esquete *Pão Nosso*. No vídeo, fiscais da Receita Federal chegam em uma padaria e pedem para falar com o dono do estabelecimento. Um fiscal informa que o local não paga nenhum tipo de imposto há dez anos e que o estabelecimento será fechado até o pagamento de uma multa. O dono diz que deve estar havendo algum engano, pois o local não é uma padaria, mas sim uma igreja, a razão social é “Igreja Universal do Pão em Cristo”, e que ali o pão não é vendido, mas as pessoas fazem doações correspondentes ao pão que levarão como brinde. As pessoas doam dinheiro em troca de um “kibe abençoado”, uma “ciabata cristã com direito a um sagrado refresco” ou um “almoço episcopal”. Uma fiel chega ao local e pede o prato do dia, que é um frango benzido. O vendedor/pastor benze o frango e entrega à mulher. O fiscal da Receita Federal pergunta: “Você benzeu o frango?”, e ele responde: “Que deixou de ser um frango e passou a carregar simbolicamente o corpo de Cristo que morreu pelos

nossos pecados”. O fiscal diz que não irá se convencer de que esta religião existe e que o frango pode ser sagrado. O vendedor/pastor se defende: “Um pedaço de papel pode? Uma santa de madeira toda carcomida de cupim pode? Um elefante, que na verdade, é uma mulher que tem seis braços, pode?”. O fiscal rebate dizendo que o homem inventou essa religião somente para não pagar imposto. Mas o vendedor/pastor acusa o fiscal de escarnecer de objeto de culto religioso e o intimida afirmando que intolerância religiosa pega de três a cinco anos de cadeia. Diante da investida, o fiscal “deixa pra lá” e pede uma esfirra cristã. No final do vídeo, há uma compilação do cardápio oferecido pela igreja: churros unguídos, croasanto, pão de queijo, café não mas tem com fé, pão do céu, barriga de freira, pastel de Santa Clara, entre outros quitutes abençoados.

Através desse vídeo, o *Porta dos Fundos* se apega na brecha da existência da lei de isenção tributária, que é bem ampla, pois qualquer entidade religiosa juridicamente estabelecida pode usufruir do benefício, e cria uma situação extrema para fazer uma crítica à lei. A locação – uma padaria – e a construção do personagem do vendedor/pastor criam uma contradição com o ambiente religioso, que evidencia a crítica e amplia o espaço para o humor. Um componente fundamental para a realização deste roteiro é a ironia. Luigi Pirandello, a respeito da ironia, em *O Humorismo*, nos diz que:

(...) a ironia consiste em nunca fundir-se de todo com a própria obra, em não perder, nem sequer no momento do patético, a consciência da irrealidade de suas criações, em não ser brinquedo dos fantasmas evocados por ele mesmo, em sorrir do leitor que se deixará arrastar pelo jogo e inclusive de si mesmo que consagra a própria vida a jogar. (1999, p. 50)

Quando Pirandello nos fala, na citação acima, a respeito do patético e da irrealidade da criação, faço relação direta com o vídeo analisado, pois a situação transita pelo âmbito do *nonsense*,

beira o patético, mas por ser consciente da irreabilidade proposta na cena, o jogo entre atores e espectadores se estabelece. O espectador embarca na brincadeira, compreende a crítica irônica (ou deveria compreendê-la) e se diverte com as relações entre a padaria e a igreja. Na mesma obra, Pirandello nos apresenta um conceito de ironia como o “sentimento do contrário” (1999, p. 82), que acredito ser pertinente com o vídeo *Pão Nosso*. Para o autor, ironia é a “contradição fictícia entre o que se diz e o que se quer que seja entendido” (1999, p. 75). O uso da padaria como espaço irônico faz desse lugar contraditório um ambiente para a crítica, onde o que se diz e o que se faz na cena, seja o contrário do que se diz e do que se faz em uma padaria.

Na mesma medida em que um número considerável de igrejas se beneficia da isenção de impostos em prol da comunidade e da manutenção da instituição, outras ganham muito dinheiro. E o não pagamento de impostos se transforma em uma boa oportunidade de tirar vantagem. E é aí que a crítica de *Pão Nosso* fica mais evidente. Não é o fato de não se pagar o imposto, mas as formas equivocadas e de má fé de algumas instituições religiosas de se auto beneficiar. No livro *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, Ricardo Mariano nos fala a esse respeito:

Em conversas informais travadas nos mais distintos meios sociais no Brasil, fundar uma igreja neopentecostal tornou-se sinônimo de “tirar a sorte grande”, manter um negócio escuso e altamente lucrativo, baseado na venda de promessas vãs, ou de “mercadorias” que não são, nem podem ser, entregues pelos que se dizem intermediários de Deus. Daí o surgimento do sarcástico bordão “Templo é dinheiro” (1999, p. 180)

A comercialização da religião tornou-se um filão financeiro. As formas de chegar até os fiéis se modificaram com o tempo. Os pastores vão até onde o seu público está. Criou-se uma

indústria da religião, que faz com que a necessidade de aumentar o número de seguidores de cada religião seja meta diária de crescimento e manutenção da estrutura criada. A igreja, virando uma empresa, traz uma série de novos meios de comunicação com seus fiéis e futuros fiéis, criando, assim, novas dinâmicas de fidelização de público. Mariano ainda nos diz:

Por pregarem em praça pública, em tendas de lona e no rádio, os pentecostais tornaram-se conhecidos na literatura acadêmica por seu “proselitismo agressivo”. Agora, em decorrência dos vários limites sectários suprimidos, sobretudo, pelos neopentecostais, tal característica se acentuou. Com isso, todos os meios, estratégias e formas de evangelização podem ser e têm sido adotadas. Prega-se no carnaval, nos bailes funks, nas zonas de meretrício, no exercício de mandato parlamentar e para os governantes, nas rádios e TVs, em eventos esportivos, nas festas praianas de Iemanjá, nas romarias a Padre Cícero e a Nossa Senhora Aparecida. Usam-se trios elétricos, técnicas publicitárias de marketing, filmes em vídeo, videogames, bonés, adesivos e camisetas com motivos cristãos, ritmos e estilos musicais da moda, shows de rock evangélico em templos e estádios de futebol. Gerenciam-se igrejas como se fossem empresas. Criam-se produtoras, gravadoras, agências de turismo, editoras, livrarias para suprir esse mercado religioso. Transformam-se garagens, teatros, cinemas, casas de show, fábricas e supermercados em templos. (1999, p. 228)

No fim da última citação, poderíamos incluir as padarias. *Pão Nosso* critica essa nova estrutura religiosa, sobretudo, a

relação entre religião e política e o envolvimento de políticos religiosos nessas questões. No ano de 2015, o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (que é evangélico), incorporou um “jabuti” – nome dado a temas estranhos inseridos nas medidas provisórias – referente a aumento de impostos a produtos importados. Este “jabuti”, segundo matéria da *Folha de São Paulo*, “aumenta isenção fiscal de profissionais da fé, ao livrar da cobrança de impostos as chamadas ‘comissões’ que líderes religiosos ganham por arrebancar fiéis ou recolher mais dízimos”. O vídeo *Pão Nosso* foi gravado e lançado antes dessa nova medida provisória, mas percebe-se que continua-se tentando, politicamente, favorecer a isenção de impostos, agora não somente das igrejas, mas também dos pastores. Na mesma matéria ainda se afirma que: “A medida beneficia sobretudo os evangélicos neopentecostais, vertente em que o pagamento de comissões a pastores é mais comum”.

A partir destas questões, continuo citando Mariano, no que diz respeito ao envolvimento político de religiosos:

Quanto a tentativa de reinserir valores estritamente religiosos na esfera pública, é notório que os dirigentes pentecostais acham-se cada vez mais envolvidos na política partidária e na mídia, vocalizando suas demandas religiosas, reclamando seus direitos, defendendo seus interesses econômicos e políticos e, para variar, ganhando um dinheirinho. (1999, p. 235)

A questão crítica abordada no vídeo *Pão Nosso* é polêmica, mas está em voga. Por termos um número considerável de políticos religiosos, os embates entre religião e política tem sido travados com frequência. É inegável a tentativa dos religiosos neopentecostais que estão no Congresso Nacional, de defender os interesses de suas religiões, visto a medida provisória citada anteriormente. E, esse espaço que está sendo preenchido pelos neopentecostais no Congresso é a mesma brecha que o *Porta dos*

Fundos preenche no vídeo analisado aqui: a religião (algumas) tentando se aproveitar de leis públicas em benefício próprio.

ESCATOLOGIA: POR UMA TEOLOGIA DO RISO

A escatologia (do grego antigo “escato - último”, mais o sufixo “logia”), enquanto doutrina do que vai acontecer no fim do mundo – o tratado das últimas coisas, me desperta um desfecho escatológico, porém, humorístico, para este trabalho. Pensar que o fim está atrelado ao término desta era e a volta de Cristo, podemos encarar este fim de forma diferente: através do riso nos salvaremos. O riso seria um caminho alternativo para o apocalipse. Portanto, utilizo aqui, o termo escatologia como metáfora para conclusão.

Com este trabalho me propus identificar de que forma as brechas, no texto bíblico, nos dogmas e doutrinas cristãs e no contexto sócio-político-religioso do país, estimulam os humoristas a criar em seus esquetes de humor. Acredito que fiz uma longa jornada para chegar até o preenchimento destas brechas. Primeiramente, resgatando as relações entre riso e cristianismo e suas manifestações humorísticas no exterior e no Brasil, para dar suporte e referências anteriores para o que viria a seguir. Na sequência, busquei a relação entre a afirmação e a subversão – que está no título deste trabalho–, para definir um dos recortes da pesquisa – os vídeos com caráter subversivo. Até chegar ao objeto de estudo propriamente dito, o *Porta dos Fundos*, sua trajetória, passando pela definição da metodologia e os embates para a criação humorística nesta perspectiva: os olhares sobre o espectador, o ateísmo e a liberdade de expressão e liberdade religiosa. E, finalmente, a análise dos vídeos elencados e a brecha em cada um deles. Toda essa trajetória me permitiu compreender o quão complexo é trabalhar com os limites do humor, sobretudo, quando o riso está atrelado à religião e à teologia. Mas ao mesmo tempo, pude perceber que, mesmo estas criações humorísticas, sendo de caráter subversivo, podem nos fazer pensar e ir muito mais além do que uma simples risada transgressora.

Percebi que, quando nos permitimos assistir a manifestações humorísticas ligadas à religião e a Bíblia, mesmo tendo uma religião, uma fé e uma crença, abrimos mais um leque de possibilidades de leitura. Muitas pessoas religiosas criticam sem assistir, pois, se o vídeo subverte, se faz piada, se zomba, ele não é

de Deus e não merece respeito e atenção. Mas o que observei, assistindo aos vídeos de forma mais minuciosa e investigativa, é que, em muitos desses esquetes, você pode encontrar Deus e uma mensagem positiva, e até afirmativa, mesmo no âmbito da subversão. Aceitar que há brechas na Bíblia e se questionar, sem que isso seja uma afronta a sua própria fé, pode ser um caminho construtivo para o fortalecimento pessoal. Permitir-se assistir, pensar a respeito, rir sobre, e, aí sim, concordar ou discordar, pode ser uma forma de se pensar a religião.

Linda Hutcheon, em *Uma Teoria da Adaptação*, nos fala a respeito de adaptações de clássicos para o cinema que “(...) quanto mais fanáticos os fãs, mais decepcionados eles são capazes de ficar” (2013, p. 169). Isso acontece também em toda manifestação humorística com relação à Bíblia ou à religião. O fanatismo impede o contato, cria barreiras em vez de pontes.

Por que não uma teologia do riso? Onde as manifestações humorísticas sirvam como ponto de partida para discussões teológicas. Vídeos, filmes, livros, charges sobre religião e humor, há vários. Material não falta para se pensar a religião com o viés do riso. Através do humor o espectador fixa melhor as mensagens, há leveza no discurso e é permitida a diversão junto com a reflexão. Vejo que, tanto na academia como na vida das pessoas e nas próprias igrejas, o riso pode ser um antídoto contra a intolerância, pois o acesso a tais manifestações nos faz ter contato com o desconhecido, com aquilo que não se concorda, com temas mais espinhosos, de forma mais leve e, com isso, permite a ponderação sem ser algo impositivo e desconfortável. A problemática do humor ligado à religião se dá pelo fato de que historicamente o riso é ligado ao profano, o que o afasta do sagrado. Quando conseguimos acostumar nosso olhar a outra perspectiva, podemos ver o sagrado onde antes se via somente o profano. E aí a pesquisa acerca da Bíblia, da religião e da teologia, possa se aproximar do humor sem ser algo estritamente subversivo, mas sim, construtivo e que gere questionamentos, investigações inusitadas e reflexões.

O termo “teologia do riso” foi resultado de uma discussão no Simpósio Temático “Riso e Humor nas Narrativas Bíblicas do Judaísmo e Cristianismo”, coordenado pela Professora Doutora

Salma Ferraz no “IV Simpósio do GT História das Religiões e Religiosidades”, realizado na cidade de Joinville, Santa Catarina, em outubro de 2015. Neste evento, percebeu-se a necessidade da sistematização de um termo que desse conta dos estudos da teopoética e do humor. “Teologia do riso” pareceu uma nomenclatura que abarcava os estudos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa de teopoética da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e que, até então, se apropriava de termos de outros autores para desenvolver suas pesquisas. Portanto, este termo estará no título do livro, a ser lançado no ano de 2016: *Teologia do Riso: Humor e mau humor na Bíblia e no Cristianismo*, organizado por Salma Ferraz, Antônio Carlos de Melo Magalhães e Raphael Novaresi Leopoldo, com dezessete artigos referentes ao tema.

Vejo essa pesquisa como o cerne para outras, onde se possa identificar, no humor, uma ferramenta para os estudos da Teopoética. Nesta perspectiva, o riso se torna uma lente de aumento que permite a visualização das brechas literárias nos textos bíblicos, nos espaços de incongruências nas doutrinas e dogmas cristãos, permitindo olhares diferentes sobre uma obra canônica e religiões seculares, abrindo novas possibilidades de leituras e análises.

Outra questão que me despertou interesse nesse processo é a percepção de que fazer humor com religião e teologia está diretamente ligado ao bom senso. Porém, o bom senso de um é diferente do bom senso do outro, o que faz com que as criações humorísticas e a reação de quem o assiste, se transforme em um círculo vicioso. Por isso, acredito que o bom senso não deva ser algo estritamente direcionado a quem cria, mas também a quem assiste. A radicalidade de quem critica, muitas vezes, é tão agressiva quanto a de quem cria. E aí volto à questão do espectador como alguém que se permita ver com outro olhar o humor, se posicione de forma crítica e possa usufruir a partir do riso, questões interessantes que não havia parado para pensar anteriormente. Sem bloqueios, sem pré-conceitos, sem amarras que não o permitam usufruir de manifestações humorísticas com temática cristã. Não que todas estas manifestações promovam a possibilidade de aprofundamento (acredito que os vídeos elencados nessa pesquisa

abrem esse espaço em vários momentos, como já destrinchei no capítulo anterior), mas até para falar mal de algo com propriedade é necessário olhar de forma menos rasa e fundamentalista.

O homem moderno não abre mão de seus pressupostos por uma outra teologia, que possa rir de si mesma e através disso construir e fortalecer a sua própria fé. Antônio Magalhães, em *Religião, crítica e criatividade*, nos diz a esse respeito que

As pessoas se entregam à religião através dos séculos, mas não fazem o mesmo às ideologias. A religião inclui devoção e entrega gratuita, a ideologia requer a mesma coisa, mas não possui espírito de gratuidade. Não que as religiões mantenham-se intactas, sem processos de mudança e revolução, mas elas não abrem mão de seus pressupostos fundamentais, de suas crenças inauguradoras, de sua visão de mundo, do ser humano, de seus deuses, sem abrir mão da abertura da alma e da serenidade dos espíritos. (2012, p. 17)

Nem tudo que é alvo do risível é agressão. O ato de estar sempre na defensiva com relação a isso, muitas vezes, não permite perceber que, além de uma crítica, pode haver ali, na criação humorística, uma interpretação da sua própria fé. Da mesma forma que a Bíblia foi escrita com algum intuito e hoje a subvertem, a subversão criada também pode ser vista com outro olhar, que possa tirar dali outras considerações, que não somente as que os criadores tinham em mente. Penso ser possível maior flexibilidade nas leituras e, assim, construir um terreno de intersecção entre humor e religião, para que a soleira, o confim, a brecha, possa ser preenchida pelos mais diversos pesquisadores e espectadores, emergindo assim uma assinatura (segundo o conceito de Giorgio Agamben) da teologia do riso, na qual o humor sirva como ferramenta para a identificação da singularidade, que desperta um novo olhar que antes não era visto, uma outra leitura. Magalhães nos fala sobre a questão da flexibilidade: “As verdades podem nos

calcificar; a gratuidade pode nos tornar mais flexíveis e tolerantes. Enquanto as verdades podem fazer de nós juízes permanentes sobre o mundo, a gratuidade PODE fazer de nós amigos e irmãos”.

(2012, p. 25)

Mas, para pensar uma teologia do riso, é interessante pensar a questão da fé e da teologia em si. Neste sentido, Magalhães me dá suporte para aprofundar essa questão:

A teologia não é ciência, muito menos ciência da fé, ela é, tão somente, discurso, fala, narrativa, sistematização de práticas, crenças, desejos, aspirações, perspectivas, textos. Em seu âmbito estão as experiências e as formas como as comunidades humanas tentaram, ao construir significados e sentidos para o seu mundo, criar instituições, estabelecer regras e estruturas de funcionamento e crença. Mas a teologia se encontra neste frágil papel de pensar a fé das pessoas e o poder que ela teve no fazer da história, não somente das próprias pessoas que nutriam as crenças, mas daquelas que se tornaram objeto, vítimas ou parceiras em seus anúncios. (2012, p. 27)

Mas o autor, ainda nos apresenta uma outra opção, que não uma teologia restritiva que limita:

Há outra teologia que dispensa este acordo prévio de submissão ao poder dos que dizem o que é ou não permitido, e se propõe como teologia que ousa pensar a religião a partir de suas memórias perigosas, ainda que estas tenham sido sempre frágeis ou soterradas pelos discursos mais poderosos. Não faltam as falas alternativas, as críticas, o enfrentamento, as vozes outras que, aparentemente esquecidas e silenciadas,

deixam-se ouvir novamente nos muitos estudos que se distanciam de uma teologia refém dos muros eclesiásticos. (2012, p. 28)

Essa *outra teologia*, citada acima por Magalhães, me parece um espaço mais propício para a existência do humor e formas de se usufruir dele no âmbito da teologia, ultrapassar os muros, atravessar fronteiras e deixar-se completar por novos olhares. É aí que está o preenchimento da brecha.

Os limites do humor, em meio a essa nova perspectiva de uma teologia do riso, acabam sendo transferidos para o olhar do espectador em meio ao bom senso de quem cria e quem assiste. A não existência de limites favorece a intersecção entre os diferentes lugares. O humor invade o âmbito da religião e da teologia e vice-versa. E, nesse confronto, se dá a possibilidade de encontro, de reflexão, de crescimento, de choque e de riso. Se os limites são estabelecidos não há confronto e, sem confronto, cada um fica na sua zona de conforto e não há contato com o desconhecido, com o novo, com o que se discorda. Chego à conclusão de que limitar o humor no âmbito da religião e da teologia é limitar a possibilidade de aprofundamento e crescimento. O contato é necessário. E uma teologia do riso viria para sistematizar esse contato, podendo fazer com que este espaço seja de menos intolerância e agressividade, e de mais flexibilidade e respeito pelas diferenças.

O estudo do riso no âmbito da teopoética não deve se limitar somente a ver a manifestação humorística como forma de reflexão pura e simples. Há também a zombaria, a sátira, o humor pelo humor, que também é uma forma de se pensar o processo de pesquisa nesta área. Alguns vídeos do *Porta dos Fundos* transitam pela reflexão e pela zombaria, mas penso que o descrente só cria humor subversivo a partir de temática cristã porque existe a crença, portanto, sempre existirá uma base teológica no discurso ateu. Para justificar uma não crença, é necessário ter por base a crença. Até na forma mais agressiva de humor será possível identificar a referência de origem, pois ela é a base para a transgressão. E a forma como é realizada a transgressão é um instrumento de análise

para se compreender a essência daquele estilo de humor e da brecha que foi preenchida para causar o riso.

Analisar os vídeos do *Porta dos Fundos*, sob a perspectiva do preenchimento de brechas, me permitiu investigar com maior foco e clareza o que cada vídeo se propõe e, também, identificar no que os redatores se apegaram para desenvolver cada ideia. Assistir aos esquetes com um novo ponto de vista fez com que a essência de cada ideia emergisse em cena e facilitasse o entendimento acerca de cada história criada e analisada. O confim, a soleira, a brecha se transformam na metodologia necessária para identificar a assinatura do grupo nos vídeos com temática cristã e, assim, tornar a investigação mais direcionada e eficiente. Os conceitos de Cacciari e Agamben, atrelados aos roteiros do *Porta dos Fundos*, despertam em mim um novo olhar, fazendo com que eu possa ultrapassar as minhas fronteiras e perceber o espaço de contato entre mim e minha pesquisa. Consequentemente, isso me faz pensar a ideia de uma teologia do riso a partir da análise deste objeto de estudo.

Enquanto alguém que não tem religião – mas espera que exista algo além, mesmo sem saber o que é –, eu prefiro acreditar que se realmente existe um Deus, que ele tenha bom humor. Seria muito triste e decepcionante me deparar com quem me criou, ele não esboçar um sorriso e me apontar o dedo enumerando os meus pecados. Seria frustrante, depois de uma vida inteira estudando e fazendo humor, não poder fazer uma piada diante dele, justamente por ele ter ficado milênios fazendo a linha enigmático para confundir a nossa cabeça por aqui. Se ele existir (seja lá o que ele for), para mim, Deus pode ser um pândego!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- _____. **Signatura Rerum**. Traducción Flavia Costa y Mercedes Ruvituso. Barcelona: Editorial Anagrama, 2009.
- ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ALTER, Robert. KERMODE, Frank. **Guia Literário da Bíblia**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- ASSIS, Machado de. **Esau e Jacó**. São Paulo: Editora Mérito, 1962.
- BÍBLIA. **Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH)**. Disponível em: < <http://biblia.com.br/nova-traducao-linguagem-hoje/> > Acesso em: 02/12/2015
- BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo. Editora Paulus, 2002.
- BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Zarar, 1980.
- BLANCHOT, Maurice. **O livro do por vir**. Trad. De Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**. Tradução: Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1995.
- BOFF, Clodovis. **Teoria do Método Teológico**. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

- COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da Teoria**. Tradução de Consuelo B. Mourão e Consuelo Santiago. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2001.
- DAWKINS, Richard. **Deus, um delírio**. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- DERRIDA, Jacques. **Pensar em não ver**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012.
- DUVIVIER, Gregório. Entrevista ao jornal Diário Catarinense. **A fé dos outros não pode ser intocável**. Florianópolis, 1º de fevereiro, p. 20 e 21: Diário Catarinense, 2015.
- ECO, Umberto. **O Nome da Rosa**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Editora Record (Best Bolso), 2009.
- _____. **Lector in fabula**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.
- ENDSJO, Dag Oistein. **Sexo & Religião: Do baile de virgens ao sexo sagrado homossexual**. Tradução de Leonardo Pinto Silva. São Paulo: Editora Geração, 2014.
- FERRAZ, Salma. Santa Ceia Profana. **Pólen do Divino**. Blumenau, p. 49-68: Editora FURB, 2011.
- _____. É certo que riste: Humor no cristianismo. **Escritos Luciféricos**. Blumenau, p. 121-146. Edifurb, 2014.
- _____. Maria Magdalena: a antiodisséia da discípula amada. **Maria Madelena: das páginas da Bíblia para a ficção (textos críticos)**. Florianópolis: NUTEL UFSC, 2011.
- GALVÃO, Antônio Mesquita. Criação: Mito ou realidade? **Rainha dos apóstolos**. Porto Alegre, ano 83, n° 969, p. 28-29. Setembro 2005.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

_____. **Uma teoria da paródia**. Ensinamentos das formas de arte do século XX. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

JUNGES, Marcia. As raízes do riso e a ética emocional brasileira. **IHU On-line – Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. Edição 367. São Leopoldo: Unisinos, 2011.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise**. São Paulo: Editora Perspectiva: 1974.

LACOSTE, Jean-Yves (dir.) **Dicionário Crítico de Teologia**. Tradução de Paulo Meneses et. al. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2004.

LUSTOSA, Isabel. **Imprensa, humor e caricatura: A questão dos estereótipos culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MAGALHÃES, Antônio. **Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. **Religião, crítica e criatividade**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

MINOIS, Georges. **História do Riso e do Escárnio**. Trad. Maria Helena Ortiz Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003.

_____. **História do Ateísmo**. Trad. Flávia Nascimento Falleiros. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

- MORO, Fernanda de Camargo. **Arqueologia de Madalena**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.
- NARLOCH, Leandro. **Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil**. São Paulo: Editora Leya, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Trad. Paulo César Lima Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- ORTIGA, Odília Carreirão. **O riso e o risível em Millôr Fernandes: O cômico, o satírico e o “humor”**. São Paulo, Tese de Doutorado USP, 1992.
- PINSKY, Mark I. **O Evangelho Segundo os Simpsons**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- PIRANDELLO, Luigi. O humorismo. In: GUINSBURG, J. **Pirandello: do teatro no teatro**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1999
- PORTA DOS FUNDOS. **Porta dos Fundos**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2013.
- PROPP, Vladimir. **Comicidade e Riso**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso: A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SILVA, Daniel Oliveira da. VARGAS, Antônio. **Satisfeita Yolanda?: Percursos grotescos no Teatro da Vertigem**. Florianópolis, UDESC.

VIDAL, Gore. **Ao vivo do calvário**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

BÍBLIA. Tradução João F. Almeida Atualizada. Disponível em: <http://biblia.com.br/joao-ferreira-almeida-atualizada/exodo/ex-capitulo-12/>, consultado em 10/11/2015

BOFF, Leonardo. **Eu também não sou Charlie**, disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/2015/01/10/eu-nao-sou-charlie-je-ne-suis-charlie/>, consultado em 05/03/15

CACCIARI, Massimo. **Nomes de lugar: confim**, publicado em Revista de Letras. Disponível em <http://seer.fclar.unesp.br/letras/article/viewFile/56/48>, consultado em 26 de agosto de 2015.

CIMINO, JAMES. **Versão irônica da Bíblia faz sucesso entre religiosos na Comic-Com 2014**. Site UOL. 2014. Disponível em: <http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/27/versao-ironica-da-biblia-faz-sucesso-entre-religiosos-na-comic-con-2014.htm>, consultado em 11/12/2015

DUVIVIER, Gragório. **O país e o armário**. Folha de São Paulo. São Paulo. 2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregorioduivier/2014/08/1505356-o-pais-e-o-armario.shtml>> acessado em 20/09/2105

FERNANDES, Sofia. CRUZ, Valdo. **Câmara aprova aumento de isenção tributária a igrejas**. Folha de São Paulo. Brasília. 2015.
<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/06/1638436-camara-aprova-aumento-de-isencao-tributaria-a-igrejas.shtml>, consultado em 15/01/2016

G1. **Musical sobre Cristo com músicas de Britney busca chance na Broadway**. São Paulo. 2013. Disponível em:
<http://g1.globo.com/musica/noticia/2013/11/musical-sobre-cristo-com-musicas-de-britney-busca-chance-na-broadway.html>, consultado em 10/12/2015.

JIMENEZ, Keila. **Porta dos Fundos chega a Portugal e negocia entrada nos EUA, Inglaterra e América Latina**. Folha de São Paulo. 2015. Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/03/1602218-porta-dos-fundos-chega-a-portugal-e-negocia-entrada-nos-eua-inglaterra-e-america-latina.shtml>, consultado em 10/08/2015

LEON, Diego Ponce de. Cia. **Os Melhores do Mundo completa duas décadas de sucesso nos palcos**. Correio Brasiliense Os Melhores do Mundo. 2015. Disponível em:
http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/04/16/interna_diversao_arte,479499/cia-os-melhores-do-mundo-completa-duas-decadas-de-sucesso-nos-palcos.shtml

NOGUEIRA, Paulo. **A diferença entre o politicamente incorreto do Charlie Hebdo e o politicamente incorreto de Danilo Gentili e derivados**. Diário do centro do Mundo. 2015. Disponível em
<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/a-diferenca-entre-o-politicamente-incorreto-do-charlie-hebdo-e-o-politicamente-incorreto-de-gentili-e-derivados/>, consultado em 05/03/15

PESSOA, Fernando. **O Guardador de Rebanhos**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000001.pdf>, consultado em 05/01/2016

PORCHAT, Fábio. **Humor é ferir a moral e bons costumes**. Estadão. 2015. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,humor-e-ferir-a-moral-e-os-bons-costumes--,1032725,0.htm>, consultado em 05/03/15

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES. **Vida e Morte nas Religiões e Religiosidades**. Ano VI, n. 18, v. 06, Janeiro de 2014 Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnppuh/index>, consultado em 14/03/15

SANTOS, Boaventura de Souza. **Charlie Hebdo, uma reflexão difícil**. Blog Editora Boitempo. 2015. Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/2015/01/14/charlie-hebdo-uma-reflexao-dificil/>, consultado em 05/03/15

ZÚNICA, Plínio. **Sou Charlie**. Brasil 247. 2015. Disponível em: <http://www.brasil247.com/pt/247/mundo/166161/Porque-eu-n%C3%A3o-sou-Charlie.htm>, consultado em 05/03/15

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

ANYSIO, Chico. **Tim Tones**. Chico Anysio Show 1984. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NgRhZfpNfzs>

BROOKS, Mel. **História do Mundo – Parte I. Cena dos Dez Mandamentos** a partir de 0:45, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=vUlooAsWw00>, consultado em 05/03/2015.

- _____. **A História do Mundo – Parte I. Cena da Santa Ceia.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CEPYVh3wLlo>
- CARLIN, George. **Os Dez Mandamentos.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qzMZuLL52Bk>, consultado em 10/03/15
- DAWKINS, Richard. **Cartas de Amor para Richard Dawkins,** disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Pe6bD5PyqWY>, consultado em 13/03/2015
- FANTASTICO. **Reportagem: Adúltera.** Rede Globo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8fqDa8RPt0o>, consultado em 10/01/2016
- MONTHY PHYTON. **A Vida de Brian – Apedrejamento,** disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=S_nKuCLZjA, consultado em 14/03/15
- _____. **A Vida de Brian – Três Reis Magos.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JvGy6pHBQiw>, consultado em 10/10/2015.
- _____. **A Vida de Brian – Crucificação.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BVV82W37eOo>, consultado em 12/10/2015.
- NA MORAL. **Limites do humor.** Rede Globo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pM8R1j82b-Q>, consultado em 10/01/2016
- OS MELHORES DO MUNDO. **Hermanoteu na Terra de Godah.** Disponível em: www.osmelhoresdomundo.com/hermanoteu-na-terra-de-godah, consultado em 20/02/2015

- PORTA DOS FUNDOS. **Deus.** Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=t11JYaJcpxg>,
 consultado em 20/02/2015
- _____. **Dez Mandamentos.** Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=eLawrQ1KQno>,
 consultado em 01/02/2015
- _____. **Especial de Natal - 2013.** Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=2VEI_tn090c,
 consultado em 10/01/2016
- _____. **Bíblia.** Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=wkSIBBAWhWU>,
 consultado em 12/01/2016
- _____. **Cura.** Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=bS_ablLRIAA,
 consultado em 06/01/2016
- _____. **Pão Nosso.** Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=C2xCNlvDA28>,
 consultado em 08/01/2016
- TÁ NO AR, A TV NA TV. **Barracos da Bíblia (Noé).** Rede Globo. 2015. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/ta-no-ar-a-tv-na-tv/v/barracos-da-biblia-mostra-relacao-dificil-entre-noe-e-sua-esposa/4031445/>, consultado em 10/03/15
- _____. **Barracos da Bíblia (Lázaro).** Rede Globo. 2015. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/ta-no-ar-a-tv-na-tv/v/confira-barracos-historicos-em-programa-de-tv/3996642/>, consultado em 10/03/15
- _____. **C.R.E.N.T.E.S.** Rede Globo. 2015. Disponível em:
<http://globoTV.globo.com/rede-globo/ta-no-ar-a-tv-na->

tv/v/ta-no-ar-a-tv-na-tv-apresenta-novo-seriado-crentes/3364906/, consultado dia 10/03/15

_____. **Muito Boa Nova – JC de Nazaré**. Rede Globo. 2015. Disponível em: <http://globo.com/rede-globo/ta-no-ar-a-tv-na-tv/v/muito-boa-nova-de-jc-de-nazare/3274125/>. Consultado em 14/03/15

TERSA INSANA. **Aline Dorel – Lexotan**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CWyINje7e5E>

THE NOITE. **Entrevista com Pastor Caio Fábio**. SBT. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nhSB3X6rGzs>, consultado em 12/01/2016.

ZORRA. **Jesus na delegacia**. Rede Globo. 2015. Disponível em: <http://gshow.globo.com/programas/zorra/videos/t/programa/v/jesus/4610175/>

_____. **Jesus e o currículo**. Rede Globo. 2015. Disponível em: <http://gshow.globo.com/programas/zorra/episodio/2015/11/07/troca-troca-agitou-o-zorra-deste-sabado.html#video-4594140>

ANEXOS

TRANSCRIÇÃO DOS VÍDEOS

ESPECIAL DE NATAL

CENA UM

Texto transcrito na íntegra no início do capítulo 3.

CENA DOIS

Vemos um casebre. Chegam três homens. Os três reis magos com presentes nas mãos.

- Rapaziada, você tem certeza que é aqui? – Pergunta o primeiro.
 - Meio caído né? To achando meio vazio isso aqui, não sei. – Diz o segundo, Gaspar.
 - Eu to achando que a gente chegou primeiro. – Diz Baltazar.
 - Baltazar, se ajeta. (arruma a roupa de Baltazar) Ta todo troncho. Que presente vocês trouxeram? – Pergunta Gaspar – Todo mundo ta aí com presente.
 - Meu presente já ta aqui. Gaspar, você vai dar o que de presente pra Jesus?
 - Vou dar incenso mesmo! Você vai dar o que?
 - Mirra, mirra! Vou dar mirra. E você vai dar o que Baltazar? Vai dar de presente o que?
 - Vou dar ouro.
- Os outros dois se entreolham.
- Que? Presente ostentação pro menino! – diz Baltazar.
 - Ouro...
 - Ouro!
 - Onde você arrumou esse ouro Baltazar? – pergunta Gaspar.
 - Como, onde eu arrumei esse ouro? Ouro que eu tinha.
 - Tu tinha...
 - Você tinha esse ouro de bobeira na tua casa. Tava cheio de ouro. Você! – diz Gaspar.

- Esse ouro é meu. Qual o problema? Que que foi? – diz Baltazar.
 - A gente aqui vendendo prataria pra manter as boas aparências, metade disso aqui é bijuteria (se referindo a vestimenta) e você cheio de ouro em casa. Ah, Baltazar! – diz Gaspar.
 - Balta, Balta! – diz o outro.
 - Que Balta, Balta? Qual o problema? Eu tinha ouro guardado em casa.
 - Deixa eu ver isso aqui Baltazar (pega o ouro) Deixa eu ver o que que tem nessa caixa aqui. – diz o outro.
 - Já falei que tem ouro. – Afirma Baltazar.
 - Aqui, aqui ó. Corrente, pulseira. – Vasculha Gaspar.
 - Acabei de falar que tinha. Isso é herança de família. Dá uma olhada aí. Esse anel aqui, nome da minha mãe.
 - Isso aqui é um dente de ouro? – pergunta o outro.
 - É um dente de ouro do meu avô! – afirma Baltazar.
 - Teu avô ta vivo até hoje Baltazar. – diz Gaspar.
 - Meu avô por parte de mão. Não posso ter outro avô não?
 - Olha aí Gaspar, aqui ó: o relógio que tu procurava semana passada. Aqui ó.
- Baltazar pega o relógio.
- Dá licença isso aqui. Isso aqui eu comprei com o meu dinheiro. Só porque dá hora também é igual?
 - Cadê a nota? – pede Gaspar.
 - Que nota? Eu vou trazer presente pro menino com nota? Quem anda com nota? Isso aqui é tudo meu. – Baltazar pega a caixa com o ouro.
- Ouvem sirenes.
- Ih rapá, polícia, polícia! Vambora, vambora! – diz o outro.
 - Fica tranquilo que eu posso provar que isso aqui é meu. – diz Baltazar sobre o ouro.
 - É que isso aqui não é exatamente mirra. – diz o outro – Engole, esconde, engole! – Ele enfia a “mirra” na boca de Baltazar e Gaspar. – Vambora!
- Os três saem fugidos.

CENA TRÊS

Jesus, José, Maria e Maria Madalena jantam sentados a mesa.

- Nossa, esse ravióli tá uma delícia, mãe. Nossa! Que que é isso aqui? – diz Jesus animado.

- Obrigado filhote, fiz com muito amor pra vocês. Pra visita. – diz Maria.

- Ah, brigada! – diz Maria Madalena.

- É Maria Madalena né? – pergunta Maria.

- Isso! – confirma Maria Madalena.

- Jesus, muito bonita. Gostei muito, parabéns! – diz Maria.

- Ah, obrigada! – sorri Maria Madalena.

- Você faz o que amor? – pergunta Maria.

Jesus corta Maria Madalena e responde:

- Ela trabalha com recursos humanos!

- Qual empresa que você trabalha? – pergunta José.

- Ela é autônoma, pai. – diz Jesus.

- Ah, José também! – diz Maria.

- Que nem José, quem nem papai. – fala Jesus.

- Praticamente. – afirma Madalena.

- É autônoma! – afirma Jesus.

- Praticamente! – repete Madalena.

- É que ela não sabe o que que é isso. É autônoma! – reafirma Jesus.

- Engaçado, eu tenho impressão que eu conheço você de algum lugar. – fala José.

- Sério? Da onde? – pergunta Madalena.

- Impossível. Nossa! Acho muito difícil. – tenta desconversar Jesus.

- Seu rosto é familiar. Conheço sim, tenho que lembra da onde. – fala José.

- Ah, mas todo mundo me fala isso. – diz Madalena.

- Todo mundo fala isso. – repete Jesus.

- Devo ter um rosto comum, não sei. – diz Madalena.

- Tem o rosto comum – repete Jesus.

- Certeza que eu já te vi...

- Vinho! É vinho! (Jesus tenta desconversar) Tinha água aqui agora, agora é vinho. Olha...

- Ah, sapeca – diz Maria sobre o filho. E fala para Madalena – Vai se acostumando!

- E vinho bom hein! – diz Jesus.
- Jesus é muito sapeca. – fala Maria.
- Você morava ali na esquina da Rio Nilo com a Aristides Espíndola? – pergunta José.
- Não, morar não, mas eu já trabalhei ali. – responde Madalena.
- Deve ser daí. Você trabalhava onde? – pergunta José.
- Na esquina mesmo! – afirma Madalena. Jesus tenta mudar de assunto colocando a taça de vinho na boca de Madalena.
- Adora cozinhar. – diz Jesus para Maria.
- Eu também cozinho. – diz Maria.
- Mas isso eu não faço! – Diz Madalena, se referindo a sexo anal.
- O que que você não faz? – pergunta Maria sem entender. Jesus muda de assunto:
- Ô pai, conta pra ela um pouquinho da carpintaria, que ela não sabe direito como é que é.
- Ah, fala José! – diz Maria, animada.
- A carpintaria tá bem. Ta indo bem. Batemos a meta aí de 29. Muita saída de cruz agora, pessoal do Império compram cruz a torto e a direita. – conta José.
- Povo doido né? Cruz! Pra que? – questiona Jesus.
- Ta comprando demais. Deve ter alguma coisa pra fazer com isso né? – diz José.
- Mas aumentou o faturamento né? – fala Maria. Para Jesus e Madalena: - Agora, vocês não me falaram como vocês se conheceram.
- Foi num apedrejamento! Foi super legal. – Diz Madalena.
- De quem? – pergunta Maria.
- Do meu! – afirma Madalena.
- Que atire a primeira pedra... – fala Jesus.
- Daí que eu te conheço! – fala José. – Lembra da primeira pedra? Que pegou aqui na tua têmpora? Você saiu meio catando cavaco, grogue?
- Que abriu aqui um pouco? – fala Madalena apontando sobre o olho.
- Abriu! Espirrou um pouco de sangue. – fala José.
- Lembro! – diz Madalena.
- Fui eu que joguei! – constata José.

- Lembrei de você! – diz Madalena.
- Sabia que conhecia de algum lugar – finaliza José.
- Esse Império Romano é um ovo! – fala Maria.
- Passa o sal, querida! – pede José a Madalena.

CENA QUATRO

Em uma taberna, Jesus chega acompanhado de seus discípulos e são recebidos pela recepcionista Marcela.

- Opa! Tudo bem? – diz Jesus.
 - Tudo bom! Vocês têm reserva? – pergunta Marcela.
 - Ih, não, a gente acabou não fazendo. É um problema? – pergunta Jesus.
 - Oh, vocês tão em quantos?
 - A gente ta em... (Jesus conta) treze.
 - Treze, tem gente chegando. – diz um dos discípulos.
 - Treze? Olha, a gente vai ter uma espera de mais ou menos uma hora, tá? É que a gente ta bem lotado. – fala Marcela.
 - Gente! Sério? Uma quinta-feira tem tanta gente assim? – fala Jesus.
 - É que agora toda quinta a gente ta fazendo dose dupla de vinho, então...
- Marcela é interrompida pelo discípulo:
- Amadinha, sabe com quem você ta falando?
 - Para, para... – diz Jesus.
 - Com quem eu to falando? – pergunta Marcela.
 - Ninguém, eu sou Jesus.
 - Eu sou Marcela (estende a mão e aperta a de Jesus) prazer!
 - Jesus de Nazaré! – diz o discípulo.
 - Eu sou Marcela da Judéia!
 - Sim, mas ele é filho de Deus!
 - Sim, mas não é filho do dono dessa taberna. Então eu não tenho muito o que fazer. – diz Marcela.
 - Você tem o que fazer: Arrumar uma mesa pra gente. – diz o discípulo.
 - Olha só o que eu posso fazer por vocês: Vocês sentam ali no bar. Pedem um belisquetes...

- Não! Deixa comigo. – diz Jesus. – Olha só, é Marcela né? Tudo bem querida? (Jesus muito fofo) Eu preciso muito de uma mesa, entendeu? De uma mesa grande. A gente ta numa ocasião muito especial.

- Aniversário? – pergunta Marcela.

- Não, não! Pelo amor de Deus, não é aniversário, gente.

- Boa Noite, boa noite! Bem-vindo a taberna, podem sentar” diz Marcela para pessoas que chegam e entram passando por Jesus e seus discípulos, entrando na taberna. Jesus estranha. Ela volta a se dirigir a Jesus - É, porque vocês não fazem na semana que vem? Que daí a gente bota o nome de vocês...

- Não, não tem como. É que a gente chamou de “última ceia” (Jesus faz sinal de aspas). A gente batizou assim, porque eu não vou mais estar aqui...

- Não fala assim que atrai negativo... – diz o discípulo. Ele fala para Marcela – Vamos fazer assim ó: Eu te ajuda a me ajudar. Que que você acha de... ? – se insinua.

- Olha só: eu consigo uma mesa pra vocês, mas de seis e lá no fundo. – diz Marcela.

- Não! – exclama o discípulo.

- Uma mesa de treze é impossível. – diz a recepcionista.

- Não! Não são nem treze aliás. Eu falei que nós somos treze. Uma mesa precisa de vinte e seis. Eu queria muito que nós ficássemos do mesmo lado. É uma coisa minha, acho que eu tenho TOC. – diz Jesus.

- Uhum. Vocês já pensaram num piquenique, não?

- Não! – diz Jesus.

Entra Sandrinho (personagem gay do vídeo CURA)

- Jesus é você?

- Sandrinho? – reconhece Jesus.

- Uhum. Te reconheci pela bata. Maravilhoso! Esse look do dia. Entendi, tá com sitylist agora só porque ta bombando. Chinelo de couro... couro de que? De camelo? Sou super entendido... – Fala Sandrinho.

- Não, na verdade de vaca! – fala Jesus.

- Hum, fazendo a linha orgânico. Adoro! Vocês já jantaram?

- Não! – diz Jesus.

- A gente tá tendo um probleminha... aqui... pra arrumar mesa. – o discípulo olha para Marcela.

- Imagina! – diz Sandrinho. – Tá todo mundo comigo. Pode entrar. Coloca pulseirinha vip neles em todos, por favor. A Marcela é filha da Liege, lá da Judéia, maravilhosa. Tá fazendo o réveillon do Mar Morto. Se vocês quiserem, eu vou ficar na direção da Farme. Adoro! Gente, traz bebida aqui pra todo mundo. Me empolguei com Jesus. Traz bebida que pisca. Adoro!

CENA CINCO

Três cruzeiros com três homens pregados nelas ao fundo. Em frente Jesus está sobre uma cruz, deitada no chão. Tibério está voltando na direção de Jesus, rindo, se dirigindo aos crucificados.

- E digo mais hein, é ripa na chulipa! Eu vou sentir falta de vocês. Vocês são o maior barato, galera. Ai deixa eu cuidar aqui do outro. E aí Jesus?

- Opa! Tu que é o Tibério? – Jesus aperta a mão de Tibério.

- Sou o Tibério. Queria dizer que é uma grande satisfação poder estar realizando este trabalho aqui contigo.

- Todo meu! – diz Jesus.

- Relaxa a mãozinha.

- Uma perguntinha só: como você tá pensando em fazer isso é, esse serviço? – pergunta Jesus.

- Ah, a princípio não bolei nada não.

- De uma vez só né?

- De uma vez só! É trabalho limpo isso aqui.

- Não vai ficar batendo, aí erra...

- Não, eu sou profissional, eu sou mestre.

- Tá bom! Vai lá, pode ir. – diz Jesus. Tibério se prepara para bater

– Pera! Tô sentindo que vai doer.

- Não vai doer.

- Tem certeza?

- Jesus, olha só: eu tenho mão de fada, eu faço isso a muito tempo.

- Tem um prego mais fininho não?

- Não, isso aqui é tamanho único.

- Posso dar uma olhada? Uma olhada no prego. – pede Jesus. – Tá meio sujo hein...
- Não, tá limpinho.
- Eu tenho medo é tétano! – pondera Jesus.
- Faz assim, vou perguntar pro Dimas, acabei de pregar ele lá atrás (chama-o) Dimas! (volta-se pra Jesus) O Dimas dormiu. Então vamos fazer silêncio pra não acordar o Dimas.
- Já sei, vamos no três?
- E um, e dois e...
- Opa, pera! – interrompe Jesus – Será que tem um vinhozinho aí atrás? Qualquer vinho.
- Jê, do seu lado direito tem um vinho ali, estica o braço...
- Cadê, que eu não to vendo aqui... – Tibério se prepara para pregar enquanto Jesus olha para o outro lado – Ow, eu vi o que você tá fazendo! Me distraíndo pra bater quando eu não tiver vendo.
- Eu não ia bater nada não.
- Ia sim. Prego na mão, martelo aqui, você ia dar.
- O martelo na mão... Olha só Jesus, to perdendo minha paciência com você. Tá aqui me dando o maior trabalho. Acha que eu sou o que? Suas negas? – diz Tibério irritado.
- Porque você não me enforca?
- Não tem como enforcar não, porque eu mandei fazer essa cruz aqui pra você. Você não é 42?
- Sou!
- A cruz é 42!
- Essa cruz aqui é o que? Mogno? – pergunta Jesus.
- Não sei se é mogno não.
- Tá com cheirinho de MDF hein!
- Não é MDF não.
- Isso aqui é só levantar que vai envergar. Vai ser uma vergonha.
- Você acha que só o teu pai é marceneiro? – indaga Tibério.
- Não tem nada a ver com medo, eu conheço madeira, quando... (Jesus grita) Ahhh
- Ai meu Deus!
- Farpa!
- Que que houve aí? É farpa?
- Ela entrou lá no fundo – fala Jesus sofrendo com a dor.

- Perái que eu vou tirar, deixa ver se eu consigo.
- Tibério aproveita e prega a mão de Jesus.
- Já foi?
- Doeu?
- Tem maior mão de fada.
- Que que eu tava te falando desde aquela hora? Precisava desse show? Desse carnaval?
- vai, vai no outro. – diz Jesus sorrindo.

OS DEZ MANDAMENTOS

Numa paisagem desértica, em meio às dunas, um grupo de pessoas vestidas com trajes característicos ao povo da época em que Moisés supostamente existiu, permanecem sentadas, dentre os quais, três jogam um jogo de adivinhação distraidamente: um desenha na areia e os outros parecem dar palpites do que seja a imagem. Um dos homens fala ao amigo, Zaquel, que desenha:

– Se não for nesse, vai em outro... – então aponta para o desenho na areia, e descrente diz, rapidamente – não tá funcionando...

O outro que participa do jogo, Ezequiel, sugere, insistentemente:

– Egito, Egito, Egito...

– Verdades... – recomenda com certa satisfação um dos homens, de quem não sabemos o nome. Zaquel nega as sugestões.

No decorrer da brincadeira, vem correndo um homem do horizonte, de barba, cabelos grisalhos e compridos (todos possuem mais ou menos essas mesmas características, sendo uns mais jovens e outros mais velhos) carregando quatro tábuas, aparentemente de pedra. Ele corre desesperadamente até o grupo, e diz, numa voz aguda, que indica falta de fôlego:

– Povo hebreu!

– Opa! – diz Zaquel. Ezequiel também o cumprimenta: – E ai Moisés?

– Eu trago notícias do Senhor Deus – avisa Moisés, com seriedade e aparente autoridade ao mesmo tempo em que tenta recobrar a compostura. Os três homens que jogavam, interessados, comemoram.

– Oba! – diz Zaquel.

– São mandamentos de que vocês vão ter que seguir a risca a partir de agora, tá?

Senão, vão queimar no inferno. Posso começar? – pergunta Moisés, ainda num esforço de aparentar autoridade. Ezequiel, reagindo à afirmação, pergunta transparecendo um misto de graça com incredulidade:

– Pera aí, pera aí, pera aí, Deus escreveu isso aí?

– Foi, foi sim, Ezequiel – responde Moisés, com um tom sério. Ezequiel questiona, aumentando o tom de voz:

– Na pedra?

– Isso. Que era o que ele tinha mais lá, lá, lá à mão – Moisés responde, tentando convencer os amigos sem muita segurança de sua própria explicação. Zaquel rapidamente pergunta:

– Aonde?

– Em cima do monte, lá... – responde Moisés, ainda não tão seguro de si. Todos os três logo se questionam sobre a afirmação de Moisés. Ezequiel pergunta:

– Do monte? Deus apareceu lá em cima do monte?

– Veio falar comigo – justifica-se Moisés, um pouco contrariado pela dúvida dos três outros homens. Zaquel pergunta ainda descrente:

– Tu tava no monte?

– Eu tava – responde Moisés. Zaquel comenta, em dúvida:

– Nunca vi no monte, de repente ele estava no monte falando com Deus.

– Eu tava indo falar com Deus – Moisés contrapõe. A discussão continua. Ezequiel argumenta, em um leve tom de chacota:

– Tava só você e Deus lá só, ninguém...

– A gente marcou no monte – afirma Moisés, já indignado. Ezequiel continua:

– O monte tá sempre cheio, só tava...

– É, mas... Era de manhã cedo, você não tava nem acordado essa hora... – defende-se

Moisés, apelando para um fato que deslegitimaria a posição de acusação de Ezequiel. A

discussão termina com o grupo pedindo para que Moisés fale logo a que veio. Zaquel diz

impaciente:

– Fala Moisés, que mais, que que você tem aí, ã? Fala...

– Posso começar? – pergunta Moisés, também impaciente. Zaquel responde, sem muito interesse:

– Fala aí que que tem escrito aí nesse negócio...

Nesse momento, Moisés reassume sua postura de autoridade e começa a citar os 10 mandamentos que supostamente recebera diretamente de Deus, através de inscrições em pedras. Ele conclama solene:

– Um: Não roubarás.

– Não pera aí! Ó, não, desculpe, você não foi roubado semana passada? –

Imediatamente, Zaquel protesta. Moisés desconversa:

– Que que tem?

– Roubaram umas cabra tua – continua Zaquel. Moisés então pergunta, mais uma vez tropeçando nas palavras:

– Que é, que que tem a ver?

– Ué, agora não pode mais roubar? – Zaquel de imediato responde, tentando fazer

Moisés perceber o quão conveniente era para ele tal mandamento. Moisés simplesmente confirma, num tom de voz alterado, demonstrando insegurança:

– Não.

– Por que não? Por que não pode mais roubar? – pergunta Ezequiel, interferindo na discussão. Moisés responde aparentemente cansado de argumentar:

– Porque Deus falou que não pode.

– Ah, Deus falou que... – diz Zaquel, sarcástico. Impaciente, Moisés conclui a questão:

– Deus falou que não pode. Antes podia, agora não pode. Posso passar pro próximo?

– Ah continua... – responde Zaquel, já mais calmo, porém com certo tom de indiferença. Moisés, então, prossegue:

– Dois: frequentarás a igreja no sábado e nos dias santos.

– Ô Moisés, a igreja que é sua, né?! – lembra Ezequiel, apontando mais uma ironia nos preceitos defendidos por Moisés. O profeta confirma, mas imediatamente, em contradição, se esforça para manter a coesão de seu argumento religioso:

– Isso. Que que... Não, é de Deus!

Todos riem jocosamente. Ezequiel se dirige aos amigos, ironizando, em meio aos comentários dos outros:

– É de Deus... Ô Moisés, tem uma só, cara...

– Tem uma só! – confirma Zaquel. Ezequiel completa:

–... e aí você que administra o esquema lá da Igreja...

– Exatamente! – corrobora Zaquel. Moisés confirma, falando sem muita segurança no que diz:

– Qual que é o problema? É. Eu que cuido, mas não tem nada a ver...

Então, Zaquel tem sua atenção despertada, não exatamente pela autoridade do conhecimento que Moisés quer transmitir, mas, aparentemente, pelas ironias até agora evidenciadas. Ele, com entusiasmo, demanda:

– Aham, o que mais que tem escrito nessas pedras, agora fiquei curioso, agora fiquei interessado – diz Zaquel. Moisés dá prosseguimento na leitura:

– Três: não matarás.

De imediato, o terceiro integrante do grupo, do qual não sabemos o nome, contra argumenta, com satisfação:

– Pera aí! Tem um primo dele que foi assassinado essa semana!

– Exatamente! – Fala Zaquel, cumprimentando o amigo pela lembrança.

– Isso aí tá tudo... – murmura o terceiro integrante. Como justificativa, Moisés tenta se explicar:

– Gente, não era meu primo, tá? Era cunhado da minha mulher que mal conheço direito...

Zaquel, bastante indignado com as contradições se acumulando entre o discurso de Moisés e sua condição social, por assim dizer, expõe o argumento, em tom de reflexão:

– Olha só, deixa eu entender uma coisa assim. Então tá, não pode matar. Mas não pode matar o quê? Bicho? Não pode matar gente? Não pode matar...

– É gente, Zaquel – responde Moisés, cansado de se explicar. Zaquel continua: – Tá, mas tá escrito aí “não pode matarás gente”?

Zaquel e seus colegas resmungam, contrariados. O homem sem nome sugere:

– Vê se não tem um asterisco, um negócio que de repente diz “bicho liberou”...

– É! – concorda Zaquel. Moisés, esforçando-se para não se descontrolar com as investidas dos colegas, tenta explicar, partindo de um impulso lógico malsucedido:

– Ô Zaquel, o que ele falou foi “Não matarás”. Agora o que que é? Vamo pensa aqui. Que cabe à gente também o dom da interpretação.

– Tá, bicho pode. Que bom, que eu comi agora cedo – Zaquel conclui. Ezequiel, que levantara a mão pedindo espaço para falar logo após o anúncio do terceiro mandamento, diz:

– Turma, deixa eu perguntar que eu tô com a mão aqui há meia hora.

– Sim, senhor – concorda Moisés, pacioso.

– Assim, eu não sabia de nada disso, de pedra, de monte, não sabia nem que Deus aparecia assim e, e assim, é coisa de uma hora atrás, eu matei uma pessoa, mas eu queria saber se eu vou ser punido por isso...

– Ah, isso é importante! – comenta Zaquel. Ezequiel continua:

–... se eu já me enquadro nesse novo esquema...

– Não pode! – Zaquel, mais uma vez, comenta no meio da fala de Ezequiel. Ezequiel continua:

–... eu acho que seria uma sacanagem...

– Isso é sacanagem! Uma sacanagem... – Zaquel apoia. Ezequiel conclui:

–... eu poderia ter sido avisado.

– Não pode ser feito isso! É o tipo de coisa... é sacanagem! Isso é sacanagem! – exalta se Zaquel. Todos protestam. Moisés interrompe impaciente mais uma vez:

– Posso... terminou, terminou o stand up? Posso, posso continuar aqui?

Ezequiel pede a palavra mais uma vez:

– Posso te falar uma coisa muito numa boa? É, assim, é um esquema muito estranho...

– É! Tá esquisito isso aí – concorda Zaquel. Ezequiel prossegue:

– Daqui a pouco vai ter um mandamento aí pedindo pra gente cozinhar pra você...

– Se já não tem... – comenta o terceiro homem do grupo, sarcasticamente. Zaquel persiste:

–... pra lavar teu carro...

– Mas não tem! – afirma Moisés contundente. Rapidamente, Zaquel lembra:

– Ontem mesmo me pediu um favor!

Ignorando os receios manifestados, Moisés dá continuidade ao texto cravado na pedra:

– Não levantarás falso testemunho.

A reação foi imediata. O homem sem identificação contra-argumenta, ironizando:

– Ah, falou o camarada que conversa com Deus – sinalizando aspas na palavra conversa, ressaltando descrédito nos argumentos de Moisés, e todos corroboram com a dúvida. Moisés, alterado, reafirma:

– Conversei com Deus!

– Você jura? – pergunta o terceiro homem, e Moisés responde imediatamente:

– Eu juro!

– Jura por Deus? – questiona Ezequiel. Moisés responde:

– Eu juro... Não.

Com mais uma contradição evidenciada, o três indivíduos reagem de imediato, exclamando juntos:

– Ah!

Zaquel argumenta, com satisfação evidente, em meio aos murmúrios de concordância dos amigos:

– Mas daí é fácil... Aí eu não posso jurar por Deus... Vai jurar pelo que? Jura pela areia! Eu juro pela areia, juro pela areia?! – termina, tateando a areia, agressivamente. Moisés aumenta o tom de sua voz para continuar recitando os mandamentos. Ele diz:

– Um dos próximos... Eu posso terminar? Um dos mandamentos aqui é “Não falarás o nome de Deus em vão”.

– Mas pera aí, você tá falando agora o nome de Deus em vão... – lembra Zaquel.

Moisés argumenta, alterado mais uma vez:

– Não, eu tava lendo aqui! Tá escrito aqui Deus aqui...

– Ah! Olha aí, falou de novo! – grita Zaquel. Ezequiel diz, ao mesmo tempo:

– Falou Deus!

– Ele fala sempre Deus! – argumenta Zaquel. E Ezequiel, indignado, resmunga: – Moisés, Moisés!

– Ele está demonstrando incongruência – diz o terceiro homem. Zaquel concorda:

– É exatamente!

– Posso continuar? – questiona Moisés, tentando acalmar os ânimos. Ezequiel aquiesce:

– Fala.

– Agora, quem te impede... – diz Zaquel, cinicamente. Moisés, então, continua: – Amar Deus sobre todas as coisas.

– Tá! Então quer dizer que você ama mais a Deus do que você ama sua mulher? – questiona, sem pestanejar, Zaquel.

– Boa, boa... – concorda Ezequiel. Moisés responde hesitante:

– Amo, mas é... ele é Deus.

– Ah! Moisés! – Protesta Ezequiel. Ao mesmo tempo, Zaquel chama a atenção de Zípora, esposa de Moisés, presente em outro grupo de pessoas dispostas um pouco afastadas:

– Aí ó, Zípora? Olha aí, Zípora! Tá dizendo que não te ama mais, ó!

– Não, não é isso... – dirige-se Moisés também à Zípora, em sua própria defesa. Em seguida, desconfiado, em tom de voz baixo, pondera:

– Ô, ô Zípora?! O que você tá fazendo aí abraçada com o Gerson.

– Ó lá! – diz Zaquel, apontando para Moisés. Ezequiel concretiza a desconfiança:

– Agora daqui a pouco vai dizer que a gente não pode cobiçar a mulher do próximo...

– Isso aí! – Zaquel, em gesto de concordância. Imediatamente, Moisés confirma suas suspeitas:

– Mas tem!

– Moisés! – intervém Ezequiel, achando cômica a situação. O profeta aponta para o texto cravado nas pedras que segura:

– Mas tá aqui!

– Ah! – manifesta-se Zaquel, rindo.

– Moisés?! Já saquei teu jogo, Moisés – afirma Ezequiel, com malícia. Todos concordam. Ezequiel continua:

– Aí, camarão que dorme onda leva, heim Moisés?!

– Isso aí! Vai dispersar essa palavra aí pro outro lado da Galileia aí... – concorda

Zaquel. Nesse momento, com mágoa e indignação, Moisés se retira. Zaquel continua:

– Isso aí começou, já vem um papo antigo desde Noé! Só que aqui o cara veio com o papo com “Ah, fazer um barco”. Eu falei: ô, Amir Klink, se toca, cara!

BÍBLIA

Pastor no púlpito no altar da Igreja fala aos fiéis:

- Meu amigo, minha amiga, a palavra do Senhor é clara! Amém?

Os fiéis respondem “Amém”.

- Então a partir de hoje nós temos todos que bater em negros. Amém?

Os fiéis respondem “Amém”.

- Desculpa pastor, falou bater em negro? – Pergunta o fiel.

- Sim, foi Jesus que disse, não fui eu não.

- Onde que fala isso de bater em negro? – Pergunta o fiel com a Bíblia na mão.

- Ta aqui ó (cita lendo a Bíblia) “O nosso socorro está no nome do senhor no céu e na terra. Salmo 124, versículo 8”.

- Mas não diz nada de bater em negro isso.

- Como não? (faz relações) Aqui ó: Nosso socorro – negros. Está em nome do Senhor – bater em. Criador do céu e da terra – bater em negros no céu e na terra. Tá aqui. É só saber ler. Tem que estar atento. Porque ta tudo nas entrelinhas – afirma o pastor.

- Desculpa, eu to com um pouco de dificuldade. Minha mãe é negra. Eu tenho que chegar em casa hoje e bater na minha mãe porque ela é negra?

- Não. Tem que açoita-la porque ela é mulher. Mulher merece o açoite. E sou eu que disse, foi Jesus.

- Aonde?

- Ta aqui, pelo amor de Deus. Vocês nunca leram a Bíblia? (cita) “Ali onde estará o amor, estará também o nosso coração. Lucas 12:34”. (Faz relações) Amor – mãe. Mãe – mulher. Que estará em nosso coração. Coração – sangue. Sangue, que só sai das veias quando provocado por objetos violentos como um açoite. Ta clara, a palavra é clara. Amém?

Fiéis respondem “Amém”. Pastor continua:

- Agora eu preciso que vocês todos doem tudo o que vocês têm pra Igreja.

- O que ta no bolso? – Pergunta o fiel.

- Não só no bolso, na vida mesmo. Quero que você dêem tudo e virem mendigos. Ta aqui né? (cita) “Lâmpada para meus pés e luz para o meu caminho” (faz relações) Lâmpada – Gênio. Gênio – pedido. Pedido – Mc Donalds. Mc Donalds – Bobs. Bobs – Primo meu que mora em Realengo. Primo meu que mora em Realengo – Prisão. Pois foi preso porque batia num mendigo. Luz para o meu

caminho, dinheiro para o pastor, pois ele precisa pagar as conta de luz e gasolina para o seu caminho. Ta tudo aqui, não to inventando nada, podem procurar aí. A minha edição não é diferente de você não. Igualzinha. Só a diferença é que eu sei ler. Estudei pra isso. Mas ta aqui (bate o microfone na Bíblia). Como diz o nosso criador: “Aquele que estiver sofrendo, ore”.

- Isso significa o que? – pergunta o fiel.

- Isso significa que aquele que está sofrendo... ore, mesmo. Nessa parte ele foi bem literal. Amém? Aleluia irmãos. Vamos lá, que semana que vem vai ter culto da pedofilia autorizada. Quero ver todo mundo aqui.

Vinheta final. Após a vinheta o pastor faz alterações na Bíblia com caneta e liquid paper.

DEUS

Num lugar completamente branco, vazio e silencioso, uma mulher surge do nada,

tendo dificuldades para se equilibrar em sua aparição. Ela começa a olhar ao redor, confusa,

por algum tempo. De repente, um homem aparece atrás da jovem, sorrindo maliciosamente. Quando o vê, ela se assusta:

– Ah, meu Deus!

O homem, alto, com o rosto e o cabelo coberto de lama seca, e usando diversas joias douradas, chacoalha suas pulseiras, com um sorriso enigmático. Ele pergunta:

– Tá perdida? – e coloca a mão na cintura, numa postura que mistura autoridade e divertimento.

– Tô um pouco – responde francamente a mulher. O homem anuncia simpático:

– Você morreu.

– Que? – pergunta incrédula.

– Desencarnou, veio parar aqui.

– Você é quem? – questiona a moça, abalada pela notícia.

– Deus. Sou Deus! Deus! Deus! – diz imponente, rindo ao final de forma carregada, maléfica. A jovem olha descrente, achando graça. Logo questiona:

– Como assim, você... você é Deus?

– Assim! Sendo assim! – diz simplesmente. Ele começa a explicar:

– Ó, toda a civilização acredita em alguma coisa, não é?

– Uhum...

– Alguma tinha que tá certo, correto?

– Uhum...

– E não é que esse tempo todo quem tava certo era o pessoal da tribo da Polinésia?! – conclui, satisfeito.

– Cara... – começa a moça, dando-se conta da situação. Deus continua seu sermão:

– Você, como não seguiu à risca nossos dogmas, nossas estruturas linguísticas, você vai arder... no infinito.

– Ó... mas eu não sabia... eu não sabia que... – argumenta a moça, indignada com a situação. Deus a interrompe, estendendo a mão em protesto:

– Não venha com o papo de Gandhi! Que Gandhi falou isso e não colou!

A moça se irrita:

– Como é que eu ia saber que o Deus polinésio era o Deus certo?

– Você não ia saber... você não ia saber! – responde o ser mítico, com satisfação. Ele continua, pegando uma prancheta e a observando: – Você escolheu Deus... deixa eu ver aqui, Judith... – a moça tenta espiar, mas Deus a impede, grunhindo e levantando a mão mais uma vez. Ele diz, sarcástico, ao achar a resposta: Catholic! Errou... errou feio... errou feio, errou rude!

– Não tem algum jeito assim... – começa a moça, querendo tocar no ser a sua frente.

Ele retira o braço, agressivo, e adverte:

– Não encosta em Deus!

A moça continua: –... assim... pra me redimir?

– De acordo com a doutrina, se você dançar esfregando o peito e a barriga no chão, você se redime! – diz Deus, sorrindo. A moça, visivelmente envergonhada, porém contente, concorda:

– Tá certo...

Deus lhe sorri, expressivamente, enquanto ela, desconfortável, deita-se ao chão de barriga para baixo. Ao fazer os movimentos requeridos, murmura:

– Opa! Vamo lá!

Deus começa a rir alto. Ele diz, achando muita graça da situação:

– Você acreditou, ô cegonha?! Pode subir, menina! Pode subir... Você acredita que eu fiz isso com Madre Tereza de Calcutá?! E ela

debatia, babava, tadinha... – conta. A moça se levanta, sem graça. Ela se altera:

– Então quer dizer que eu fui à missa todo domingo, eu não traí meu marido, eu dei meu dinheiro pros pobres, e tudo...

– Otária! – grita Deus.

– No céu só tem polinésio?! – pergunta brava. Deus responde, solene:

– E Hebe... Camargo... adoro!

– Vem cá! É... qual é a crença de vocês, polinésios? Porque lá embaixo ninguém tá sabendo disso...

– É... meu povo em terra ele é meio... como é que eu posso... what I mean, what I mean, what I mean, what I mean...é um pessoal de tribo! Mas eu tenho certeza que daqui a pouco a palavra vai chegar em todos os homens – explica-se a entidade. A moça se exalta, mais uma vez:

– Isso é um absurdo! Porque as pessoas lá embaixo têm que ter o direito de saber o que que... que que elas têm que fazer...

O homem presta atenção com um sorriso imóvel, de escárnio. Ele a interrompe: – ãham, eu tive essa mesma discussão com João Paulo II, papa... Não levou a lugar nenhum.

– Eu vou pro mesmo lugar que Hitler? – a moça pergunta, desanimada.

– Tá pensando negativo! Pensa que você vai pro mesmo lugar onde vai tá... Einstein!

– Tá bom! Eu posso fazer um pedido? – ela pergunta, derrotada, porém mais calma.

Deus aquiesce, num gesto. Ela questiona: – Quando o Malafaia morrer posso vir dar a notícia?

CURA

– Ó! No um. Cinco, quatro, três, dois... Lázaro, levanta-te e anda!
– diz Jesus. Lázaro abre seus olhos e levanta-se, exclamando:

– Eita!

– Ó! – exclamam os presentes, aplaudindo. Lázaro desce da pedra em que estava deitado e segue para o grupo. Jesus então comenta:

– Não é assim tão complicado. Próximo!

Um homem da plateia, que ao final saberemos que se chama Sandrinho, vem até o profeta, espalhafatoso, e diz:

– Sou eu, Senhor! Sou eu... Desculpa, tá cheio de pedra aqui – e rindo, nervoso, pergunta – tudo bem?

– Tudo ótimo – responde Jesus, sorrindo e com um olhar de curiosidade. O homem, ainda rindo-se, diz:

– Então... É isso...

– O que? – questiona Jesus, confuso. Sandrinho responde, de forma teatral, gesticulando irrequieto:

– É isso, eu ouvi falar... ouvi falar dessas coisas do milagre, das coisas que você tá fazendo, a cura. No meu bairro só se fala nisso...

– e mexendo no cabelo, completa – Aí eu vim aqui, ser testada!

Numa expressão congelada, entre sorriso e espanto, Jesus pergunta:

– Mas o que você tem?

– Eu tenho um fogo! Incontrolável! Dentro de mim, me queimando por dentro, que eu não aguento mais! Eu não aguento mais, senhor, preciso de ajuda – responde Sandrinho, de maneira dramática, chorosa. Jesus, ainda confuso, diz:

– Desculpa, eu acho que eu ainda não entendi o que você quer...

Chorando de maneira quase forçada, Sandrinho explica:

– Preciso que o senhor me livre desse mal, dessa maldição que me corrói... eu não aguento mais...

– É... Tá! Eu vou tentar ajudar... a te ajudar! – Jesus concorda, sorrindo. Sandrinho aquiesce, tentando segurar suas emoções:

– Hum...

– Ansioso, né?! – comenta Jesus, elevando o braço esquerdo em direção ao peito do homem. Ele respira fundo e se concentra. O homem, aparentemente mais calmo, mas sem conseguir ficar em silêncio, descontrai:

– Nossa! Linda a sua bata! Comprou aqui em Jerusalém mesmo?

– Só um instantinho... – diz Jesus, de olhos fechados.

Sandrinho, interessado, insiste:

– É linho?

– Algodão. Vamos respirar? – responde Jesus, simpático, porém levemente impaciente com a interrupção. O homem, contudo, sustenta o diálogo:

– Cem por cento, algodão egípcio, setecentos fios, adoro! Tem um amigo meu que vende, numa vendinha lá no Egito, na Aristides Espínola, esquina com o rio Nilo! Se você quiser, ele te dá um desconto – conclui. Jesus, compreensivo, o interrompe:

– Vamos ficar calmo? Você é ansioso, né?! Você tem coisas boas na sua personalidade, fica calmo!

– Desculpa – diz o homem, envergonhado. Sorridente, Jesus pede, mais uma vez:

– Vamos concentrar...

Sandrinho novamente o interrompe, animado:

– Nossa! Seu cabelo é maravilhoso, Jesus! Babado, heim?! Você usa o que? Babosa? Ou aquele óleo do Marrocos que tá todo mundo usando? Sou super entendido! Eu sei de tudo!

– Amigo, olha só... – começa Jesus, mas Sandrinho atravessa sua fala, com uma voz aguda:

– Sandrinho! Me chama de Sandrinho?!

– Sandrinho, olha só, presta atenção. Eu preciso me concentrar, pra te ajudar – diz didaticamente Jesus, tentando novamente trazê-lo à atitude necessária ao milagre. Sandrinho concorda, gesticulando afirmativamente:

– É!

– Vamos prestar atenção nisso? – Jesus pergunta, sorrindo. Sandrinho, novamente envergonhado, porém risonho, diz:

– Desculpa, desculpa...

– Vamos ficar calminho? – questiona Jesus. Sandrinho responde, humildemente:

– Vamos.

Jesus, então, assume uma postura de educador:

– Você também precisa se concen...?

– ...trar – completa Sandrinho. Jesus continua a brincadeira:

– Porque eu tô querendo ajudar o cole...?

– ...guinha – conclui o homem. Jesus finaliza, sorrindo:

– Isso. Vamos lá?

Novamente, Jesus ergue sua mão em direção ao peito de Sandrinho. A plateia assiste silenciosa. Sandrinho, mais calmo, aguarda. Alguns segundos depois, Jesus completa o procedimento:

– Foi!

Com uma expressão de incredulidade, Sandrinho se volta para o grupo de pessoas e, dramático, diz:

– Gente?! Tô ótima! Tai! Tô cem “porcenta”! Não tô acreditando, Jesus!

As pessoas se olham, em dúvida. Sandrinho cumprimenta Jesus, beijando-o no rosto, em cumplicidade:

– Obrigada por tudo, viu?! – e brinca – Tem que pagar alguma coisa? Não vá me chamar de caloteira depois não, heim?! Fazê a louca!

Sandrinho se retira, rindo. Todos se voltam para Jesus, que retruca o olhar de estranhamento, risonho:

– Que, gente? Gastrite!

PÃO NOSSO

Responsável pela padaria está no balcão atendendo. Entrega pães para um cliente e deseja “Boa Tarde”. Chegam três fiscais da Receita Federal e um deles se dirige ao balcão:

- Boa tarde, eu gostaria de falar com o responsável pelo estabelecimento.

- Sou eu mesmo. – diz o homem.

- Bom, senhor, eu sou fiscal da Receita. Eu percebi que a sua loja funciona há dez anos sem pagar qualquer tipo de imposto. Então infelizmente a gente vai ter que fechar a loja, até que o senhor pague a quantia de 320 mil reais referente a esse período.

- Desculpa senhor, é que deve estar havendo algum engano aqui. – Interrompe o homem.

- Que engano?

- Isso aqui não é uma padaria não. Isso aqui é uma Igreja – Justifica.

- Como? – Pergunta o fiscal.

- Igreja! O senhor não viu ali, a razão social é aquela ali ó (aponto para a parede e lê) Igreja Universal do Pão em Cristo.

- O senhor fabrica pão. E coloca o pão aqui pra vender... Então isso é uma padaria...

- Não! (cortando o fiscal) Aí é que ta, a gente não vende nada aqui.

- Perai, tem uma plaquinha em cima de uma unidade. Isso caracteriza uma venda?

- Isso aqui é a doação correspondente ao brinde que você vai ganhar, que aqui no caso, é um pão doce... de Deus. Então a pessoa doou 2,50 ganhou um kibe abençoado, ela doou 4,50 ela ganhou uma ciabata cristã com direito a um sagrado refresco, doou 3,20 é nosso almoço episcopal.

Chega uma mulher e fala com o homem no balcão:

- E aí Isaías, qual é o prato do dia?

- O prato do dia é um frango benzido.

- Vê um pra viagem por favor! – Pede a mulher. Sendo observado pelo fiscal, Isaías benze o frango.

- Jesus Cristo esse é o vosso corpo, esse é o vosso frango. Pelo mistério do sangue de Jesus, tomai esse frango que vós sois o corpo de Cristo. Amém!

- Corpo de Cristo! – Diz a mulher.

- Não. Só fala só Amém só.

- Amém!

- Não precisa repetir não, a próxima vez. – Diz Isaías.

A mulher sai e o fiscal fala incrédulo:

- Você benzeu o frango?

- Que deixou de ser um frango e passou a carregar simbolicamente o corpo de Cristo, que morreu pelos nossos pecados. – justifica Isaías.

- Olha só, o senhor vai me desculpar, mas essa sua religião aí não existe. O senhor não vai me convencer que esse frango aí pode ser sagrado.

- Ah, um pedaço de papel pode? Uma santa de madeira toda carcumida de cupim, pode? Um elefante, que na verdade é uma mulher que tem seis braços, pode? – fala Isaías.

- A diferença é que o senhor inventou essa palhaçada dessa religião pra não pagar imposto.

- A diferença que isso ta fazendo é o senhor escarnecer de objeto de culto religioso. Intolerância religiosa pega de 3 a 5 anos de cadeia.

O fiscal fica um tempo em silêncio. Pensa e diz:

- Vamos deixar isso pra lá então. O senhor me ve aí uma esfirra cristão.

- 3,30. – cobra Isaías.

Vinheta de encerramento. Após a vinheta Isaías atende pedidos do mix de quitutes abençoados:

- Sai um churro unguido. Sai um croassanto. Sai um pãootecoal. Café, café não tem, tem com fé. Isso aqui é um pão do céu. Barriga de freira. Pastel de Santa Clara. Vai um comfezinho? Um comfezinho aqui pra ele. Vê um sonho... com Cristo. O senhor é judeu? Vê um kibão aqui pra ele. Vê uma broa circuncisada aqui pra ele.